

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO REGIONAL –  
MESTRADO E DOUTORADO  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO REGIONAL**

Scheila Karina Bockor Bartmann

**MEMÓRIA SOCIAL E DESENVOLVIMENTO: UMA ANÁLISE DO PROCESSO  
HISTÓRICO DE PRODUÇÃO DE ERVA-MATE NO MUNICÍPIO DE  
CANOINHAS – SC.**

Santa Cruz do Sul, julho de 2009

Scheila Karina Bockor Bartmann

**MEMÓRIA SOCIAL E DESENVOLVIMENTO: UMA ANÁLISE DO PROCESSO  
HISTÓRICO DE PRODUÇÃO DE ERVA-MATE NO MUNICÍPIO DE  
CANOINHAS – SC.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional – Mestrado e Doutorado, Área de concentração em Desenvolvimento Regional, Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC.

Orientador: Prof. Dr. Mozart Linhares da Silva  
Co-Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria da Salette Sachweh

Santa Cruz do Sul, julho de 2009

*Aos meus pais, Marguit e Carlos Bockor*

## **AGRADECIMENTOS**

Aos meus pais, sempre, por serem meus grandes incentivadores;

Ao meu marido, Fabio, pela paciência e companheirismo;

Aos meus orientadores, Mozart Linhares da Silva e Maria da Salete Sachweh, por contribuírem, com sua sabedoria e amizade, para a conclusão deste trabalho;

Aos entrevistados, que abriram suas casas para me receber e compartilharam de sua memória para enriquecer a pesquisa;

A toda comunidade canoinhense, pela participação, direta ou indireta, na realização desta dissertação.

Muito obrigada!

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	10
1 O MUNICÍPIO DE CANOINHAS .....	13
1.1 Breves considerações acerca da formação sócio-histórica de Canoinhas .....	13
1.2 As correntes migratórias .....	21
1.3 O desenvolvimento econômico e a cultura da erva-mate .....	24
2 A SIMBOLOGIA DA ERVA-MATE E O IMAGINÁRIO EM CANOINHAS .....	48
2.1 Imaginário social.....	49
2.2 A simbologia da erva-mate em Canoinhas .....	51
2.2.1 Símbolos oficiais .....	52
2.2.2 A cuia de chimarrão .....	59
2.2.3 Museu da Erva-Mate .....	62
2.2.4 Festa Estadual da Erva-Mate - Fesmate.....	64
2.3 O conjunto de símbolos e o imaginário.....	66
3 MEMÓRIA SOCIAL, IDENTIDADE E DESENVOLVIMENTO EM CANOINHAS...70	
3.1 Memória social e identidade: uma breve análise .....	71
3.2 Memória e desenvolvimento na voz da sociedade canoinhense .....	79
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	104
REFERÊNCIAS.....	107
ANEXOS .....	116
Anexo A - Fichas dos entrevistados .....	117
Anexo B - Roteiro das entrevistas .....	131
Anexo C- Autorização dos entrevistados.....	133

## Lista de Figuras

Figura 1: Santa Cruz de Canoinhas – 1916 .....	20
Figura 2: Transporte de mate em muares – 1927.....	26
Figura 3: Transporte de erva-mate em caminhões.....	26
Figura 4: Poda da erva-mate.....	31
Figura 5: Sapeco .....	31
Figura 6: Cancheamento por tração animal .....	31
Figura 7: Praça Lauro Muller na década de 1950.....	36
Figura 8: Vista parcial de Canoinhas em 1954.....	36
Figura 9: Cartaz da 1ª Festa Nacional do Chimarrão .....	38
Figura 10: Secador automático .....	40
Figura 11: Bandeira do município de Canoinhas.....	53
Figura 12: “Erveira-Mater” .....	58
Figura 13: A “cuia da praça” .....	59
Figura 14: Monumento presente no portal de entrada de Canoinhas .....	60
Figura 15: Símbolo do Rotary Club de Canoinhas na entrada da cidade.....	61
Figura 16: Placa de nome de rua.....	62
Figura 17: Piso do Calçadão de Canoinhas .....	62
Figura 18: Museu da Erva-Mate.....	63
Figura 19: Canoa histórica .....	63
Figura 20: Cartaz da 2ª Fesmate.....	66
Figura 21: Cartaz da 16ª Fesmate .....	66
Figura 22: Cooperativa do Mate de Canoinhas na década de 1940.....	81
Figura 23: Atual Cooperativa do Mate de Canoinhas.....	81
Figura 24: Imbuia com 10m de circunferência encontrada na região no início do século XX.....	100

## Lista de Mapas

Mapa 01: Localização de Canoinhas .....	14
Mapa 02: Microrregião de Canoinhas .....	14
Mapa 03: Área natural de ocorrência da erva-mate .....	24

## **Lista de Tabelas**

Tabela 01: Produção de erva-mate em Santa Catarina (em toneladas) entre os anos de 1910 e 1948 .....	28
Tabela 02: Atividades econômicas de Canoinhas.....	45
Tabela 03: Quantidade de erva-mate produzida (em toneladas) entre os anos de 1990 e 2007, nos municípios de Canoinhas-SC e São Mateus do Sul-PR.....	89



## Resumo

A presente pesquisa tem como objetivo analisar a relação existente entre a produção de erva-mate e o processo de desenvolvimento/estagnação econômica do município de Canoinhas, localizado no norte do estado de Santa Catarina. A erva-mate constituía uma riqueza para a região de Canoinhas no século passado, pois existia em abundância nas matas e, por muito tempo, foi a base econômica que sustentava o município. Por meio da análise da historiografia regional, da imprensa escrita e de entrevistas semi-estruturadas, problematiza-se como a cultura da erva-mate se constitui como referência para a construção da memória social da população de Canoinhas, especialmente no que diz respeito ao desenvolvimento regional. Para tanto, a pesquisa se desdobra em três capítulos. No primeiro, são apresentadas considerações sobre a formação sócio-histórica de Canoinhas, destacando suas principais correntes migratórias e o processo de desenvolvimento econômico baseado na erva-mate. No segundo capítulo, é feita uma explanação sobre a simbologia existente com relação ao mate, mostrando os símbolos oficiais, monumentos, festas e outros, que contribuem para dar uma identidade ao município. Neste mesmo capítulo, também se faz uma breve análise teórica sobre o imaginário social e sua relação com o conjunto de símbolos. No último capítulo, por meio da história oral da comunidade canoinhense, busca-se compreender o processo produtivo de erva-mate e sua relação com o desenvolvimento de Canoinhas. Para tanto, também se trata sobre a memória social e como esta se constitui na região. As considerações finais da pesquisa apontam que a riqueza proporcionada pela erva-mate no início do século XX contribuiu para o desenvolvimento regional daquele período e, atualmente, as atividades ligadas à agricultura, comércio e indústria têm mais destaque na economia do município de Canoinhas. Porém, a identificação da cidade com a erva-mate permanece viva na memória social da população e no conjunto de símbolos apresentados.

Palavras-chave: memória social, desenvolvimento regional, identidade, erva-mate.

## **Abstract**

This research aims at analyzing the relationship between the production of yerba maté and the process of economical development/stagnancy in the city of Canoinhas, located in the north of the state of Santa Catarina. The yerba maté constituted richness for the region of Canoinhas last century, because it was abundant in the forests and, for a long time, it was the economical basis which sustained the city. Through an analysis of the regional history, of the written media and semi-structured interviews, it was possible to problematize how the culture of yerba maté is a reference for the construction of social memory of the population of Canoinhas, especially in what concerns the regional development. In order to do so, the research is composed by three chapters. In the first chapter, considerations about the socio-economical formation of Canoinhas are presented, highlighting its main migratory flows and the process of economical development based on yerba maté. In the second chapter an explanation about the symbology existent in relation to yerba maté is done, demonstrating the official symbols, monuments, parties and others, which contribute in order to give an identity to the city. In this same chapter there is also a brief theoretical analysis about the social imaginary and its relation with the set of symbols. In the last chapter, through the oral history of the community, one tries to understand the productive process of yerba maté and its relation with the development of Canoinhas. It also deals with the social memory and how it is constituted in the region. The final considerations of the research show that the richness proportioned by the yerba maté in the beginning of the twentieth century contributed to the regional development of that period and, nowadays, the activities connected to agriculture, trade and industry have more highlight in the economy of the city of Canoinhas. However, the identification of the city with yerba maté continue live in the social memory of the population and in the set of symbols presented.

Key words: social memory, regional development, identity, yerba maté.

## INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, as mais diversas áreas acadêmicas têm promovido pesquisas relacionadas ao tema do desenvolvimento regional e sua relação com questões econômicas, sociais, políticas e culturais. Dentro deste contexto, o estudo da construção identitária, baseado na memória social da população, constitui um importante campo de análise para se compreender a formação de uma região.

O município de Canoinhas, foco principal do presente estudo, fica localizado no norte do estado de Santa Catarina. Sua história é marcada por um dos principais conflitos armados ocorridos no Brasil, a Guerra do Contestado, e pela colonização por diversas correntes migratórias nacionais e internacionais. Nas primeiras décadas do século XX, Canoinhas se destacou economicamente com o extrativismo da erva-mate, umas das principais riquezas encontradas na região.

Mesmo com o destaque que o município já teve na região norte de Santa Catarina e, apesar de manter o título de “Capital Catarinense dos Produtores de Erva-Mate”, seu desenvolvimento atual, a princípio, não diz o que essa cultura já representou para o município.

Muitas pesquisas já foram realizadas sobre a erva-mate na região do planalto norte catarinense, a maioria, porém, com base em questões ambientais e econômicas. O presente estudo procura analisar de que forma a cultura da erva-mate contribuiu para o desenvolvimento de Canoinhas e como a população canoinhense percebe e/ou se identifica com essa cultura através de sua memória social. Assim, quer se destacar, além do fator econômico, a percepção que a sociedade tem sobre a influência da erva-mate no município como um todo e no seu cotidiano, em particular.

Dentro deste contexto, a questão que a dissertação se propõe a analisar se limita ao processo histórico da produção de erva-mate no município de Canoinhas e como este se constituiu uma referência para a construção da memória social relacionada ao desenvolvimento. Pretende-se, também, compreender como se dá a constituição de uma identidade dentro do município.

O principal objetivo da pesquisa está situado na análise da relação existente entre a produção de erva-mate e o processo de desenvolvimento/estagnação econômica do município de Canoinhas e como esta é representada na memória social da população.

Para tal, foram delimitados objetivos específicos. Primeiramente foi necessário compreender o processo histórico da produção de erva-mate no município de Canoinhas. Em seguida procurou-se analisar a simbologia relacionada à cultura do mate existente na região para então, finalmente, se identificar de que forma a memória social da população de Canoinhas constrói nos dias atuais a idéia de desenvolvimento regional.

A metodologia utilizada se baseou em fontes historiográficas regionais, com vistas a compreender os fatores históricos e sociais que influenciaram o processo de formação da identidade de Canoinhas. Além disso, foram feitas pesquisas em reportagens de jornal, fotografias e outros documentos para se analisar como o imaginário social construiu toda uma simbologia que remete à importância histórica da erva-mate para o município. Por fim, utilizou-se do método da história oral, com a realização de entrevistas semi-estruturadas de pessoas ligadas à produção de erva-mate e outras que vivenciaram o auge e a queda desse produto na região.

A dissertação foi dividida em três capítulos. No primeiro são tecidas algumas considerações históricas e sociais de Canoinhas a fim de situar o leitor sobre as particularidades do município em questão. O capítulo 01 faz referência às correntes migratórias que contribuíram para a colonização da região e, em especial, ao desenvolvimento econômico e a cultura da erva-mate, destacando seus períodos de ascensão e queda.

O segundo capítulo tem como objetivo principal analisar como a erva-mate se constituiu como símbolo do desenvolvimento da região de Canoinhas. Neste sentido, este capítulo trata da construção do imaginário acerca do desenvolvimento regional a partir da erva-mate como elemento estrutural deste imaginário. Para isso, foram estudados os símbolos e imagens oficiais do município, além dos discursos veiculados pela imprensa escrita acerca da erva-mate. Além das pesquisas em fontes historiográficas e na imprensa escrita, a utilização da história oral da

sociedade tornou possível entender como a cultura da erva-mate contribuiu para o desenvolvimento da região de Canoinhas.

O Capítulo 03 procura avaliar de que maneira a simbologia da erva-mate presente no município de Canoinhas está contida no imaginário social, ou seja, se existe ainda uma identificação regional com a produção ervateira e de que forma está constituída.

## **1 O MUNICÍPIO DE CANOINHAS**

O objetivo deste capítulo é fazer uma apresentação do município de Canoinhas, num apanhado histórico e social. A análise da historiografia regional permite perceber como foi sendo criado o imaginário social da população canoinhense acerca da cultura da erva-mate e do desenvolvimento regional.

O capítulo foi dividido em três partes. Na primeira, apresentam-se considerações históricas sobre a região, o início do seu povoamento e a participação na Guerra do Contestado. Num segundo momento, analisam-se as correntes migratórias que chegaram à região, e a terceira parte trata o aspecto econômico de como a produção da erva-mate contribuiu para o desenvolvimento do município de Canoinhas.

### **1.1 Breves considerações acerca da formação sócio-histórica de Canoinhas**

Localizado no planalto norte de Santa Catarina (ver Mapa 01), na divisa com o Estado do Paraná, o município de Canoinhas possui uma área de 1.143 km<sup>2</sup> e sua população, segundo o IBGE (2007) é de 52.610 habitantes. Integra uma das microrregiões do IBGE<sup>1</sup>, chamada “Microrregião de Canoinhas”<sup>2</sup> (ver Mapa 02), formada também pelos municípios de Bela Vista do Toldo, Irineópolis, Itaiópolis,

---

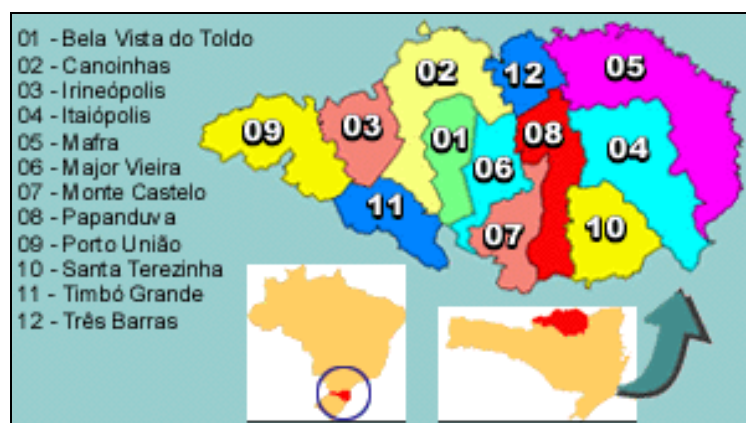
<sup>1</sup> A microrregião geográfica é estabelecida com base em especificidades relacionadas à organização do espaço: a estrutura da produção primária (uso da terra, orientação da agricultura, grau de diversificação da produção, nível tecnológico, entre outros); a estrutura da produção industrial (valor da transformação industrial e pessoal ocupado); e a interação espacial (área de influência dos centros sub-regionais e centros de zona) (IBGE, 2008).

<sup>2</sup> Toda referência à “região de Canoinhas” que constar na dissertação estará indicando a Microrregião de Canoinhas, estabelecida pelo IBGE.

Mafra, Major Vieira, Monte Castelo, Papanduva, Porto União, Santa Terezinha, Timbó Grande e Três Barras.



Mapa 01: Localização de Canoinhas - SC  
Fonte: Canoinhas, 2009 (com modificações da autora)



Mapa 02: Microrregião de Canoinhas  
Fonte: Microrregião Canoinhas, 2009.

De acordo com Elhke (1973), enquanto o litoral de Santa Catarina já contava com um apreciável número de povoadores (especialmente açorianos), a região do planalto, então chamada de “Sertão de Curitiba”, permaneceu despovoada até 1766, ano da fundação de Lages. Em que pese termos registros de desbravadores no século XVII, somente a partir do século XVIII alguns grupos começaram a se fixar nas terras do planalto catarinense.

Assim, enquanto o povoamento do litoral ocorria com a presença de levas de imigrantes açorianos e madeirenses, alemães e italianos, o planalto serrano era

coberto pela Mata Atlântica e habitado somente pelas tribos indígenas dos Xoklengs, que, segundo Auras (1995), eram “agressivos e temidos pelos invasores da região”.

Os índios Xokleng eram coletores e caçadores, e tinham na floresta de araucária seu melhor habitat. Por um longo período de tempo, estes índios não permitiram a passagem e a fixação dos colonizadores, que os consideravam bravios e perigosos e viam neles um empecilho para a conquista territorial. Além dos Xokleng, encontravam-se também na região norte de Santa Catarina tribos Kaingang, que preferiam construir suas aldeias nos campos, onde viviam do cultivo do milho (QUEIROZ, 1981, p. 19).

Além do temor dos índios Xokleng, as escarpas e cumes desafiadores da Serra do Mar e Serra Geral eram também empecilhos para colonizadores chegarem à região do planalto de Santa Catarina (ELHKE, 1973). Com isso, a região apesar de imensa, tinha uma densidade da população escassa. Segundo Ferreira (apud CABRAL, 1979), no ano de 1774, enquanto o litoral possuía cerca de 9.058 habitantes, Lages, três anos depois, em todo o seu distrito (que representava todo o planalto) tinha apenas 825 habitantes.

A partir de 1768, expedições desceram os rios Iguaçu e Negro, percorrendo também os seus afluentes Canoinhas, Paciência e Timbó. Mas foi a Estrada da Mata<sup>3</sup> a principal responsável pela fixação de diferentes e maiores grupos de colonos na região onde se encontra o município de Canoinhas.

A primeira proposta clara para abertura de um caminho que ligasse o Rio Grande do Sul a São Paulo partiu de Bartolomeu Paes de Abreu, e se apoiava no conhecimento dos terrenos favoráveis existentes entre o planalto catarinense e as missões, no Rio Grande do Sul (RIBAS JUNIOR, 1998). O objetivo principal da abertura desse caminho era o transporte de gado para Sorocaba onde ocorria, anualmente, uma feira, o que estimulava o comércio entre paulistas, mineiros, cariocas e sulinos.

Novo marco se abriria, a partir de então, na história da vida econômica, social e política da região Sul. A ‘Estrada Real’, ‘Caminho do Sertão’, ‘Estrada da Mata’, ou por outra qualquer designação como foi conhecida, passou, desde então, a ter trânsito regular, quer de tropas vacuns,

---

<sup>3</sup> A Estrada da Mata seguia basicamente o curso da atual BR 116.



cavaleiros e muareiros, como de forças militares, em gradativos períodos de sua história [...]. Por ela despontou, inclusive, o povoamento do planalto de Santa Catarina. Veio o intercâmbio entre o Norte e o Sul e, com **essa maior aproximação, nova unidade social, econômica e política, que notáveis reflexos deixou na identidade de alguns hábitos das populações** planaltinas dos Estados do Sul. (EHLKE, 1973, p. 142-143) (grifo nosso).

Ao longo da Estrada da Mata, foram se instalando gradativamente famílias de mamelucos, originários da mescla entre lusos e castelhanos com índios. Nesta região, o mameluco ficou conhecido como caboclo<sup>4</sup>, e passou a trabalhar como peão ou agregado nas tropas e nas fazendas. Como o caboclo não tinha acesso a títulos de propriedade de terras, ele passou à condição de posseiro, ao ocupar terras devolutas e inexploradas. O caboclo tornou-se um “homem do campo” e, além de assimilar a cultura indígena e portuguesa, também ficou marcado por traços do tradicionalismo dos bandeirantes paulistas e dos gaúchos (THOMÉ, 1995). Além disso, o caboclo foi uma figura fundamental no desenvolvimento da cultura da erva-mate na região de Canoinhas, sendo considerado um exímio coletor desse produto.

O início do processo de povoamento do planalto, a partir da segunda metade do século XVIII, foi animado pela pecuária associada à lavoura de subsistência. De acordo com Machado (2001), tal povoamento brotou de duas direções: a mais antiga partindo dos campos de Curitiba em direção ao sul e sudoeste, consistia na formação de fazendas de criação de gado por particulares e expedições oficiais, como a de Corrêa Pinto, então fundador de Lages. A segunda leva de povoamento ocorreu a partir do século XIX partindo do Rio Grande do Sul. Devido à instabilidade política, especialmente nos períodos da Revolução Farroupilha (1835-1845) e da Revolução Federalista (1893-1895), muitos fazendeiros e lavradores gaúchos migraram para o planalto catarinense.

No início do século XX encontra-se, portanto, a região habitada por antigos caboclos oriundos das frentes expansionistas, fazendeiros detentores de sesmarias; gaúchos, remanescentes da Revolução Farroupilha; alguns grupos de índios

---

<sup>4</sup> “O termo caboclo, que no começo designava o índio e que depois se estendeu ao próprio branco – que, por viver nos matos e sertões, afeiçoado à caça, teve a sua face queimada pelo sol –, é melhor que se aplique ao mestiço de ambos, com possíveis traços de sangue negro, e que, por contínuas e sucessivas infusões de sangue europeu, perdeu as características indígenas e que pela influência modificadora do meio, adquiriu o tipo estabilizado do ‘homem da terra’”. (LUZ, 1999, p. 73)

guaranis, kaingangues e xokleng ; esparsos imigrantes poloneses e alemães que penetravam o sertão devido às ofertas de terras para colonização; ex-bugreiros, caçadores de índios, que conheciam o sertão e ex-combatentes da Guerra do Paraguai e da Revolução Federalista (CABRAL, 1994; THOMÉ, 1987; LUZ, 1999; SACHWEH, 2002). Todo esse contingente contribuiu para dar forma à identidade da região onde hoje se encontra o município de Canoinhas.

Quando os primeiros homens brancos vagavam pelo sertão, encontraram o rio Canoinhas com o nome indígena de *Itapeba*, o que quer dizer pedra rasa ou cachoeira baixa, uma alusão ao único salto do rio, localizado nas divisas dos municípios de Major Vieira e Papanduva. Mais tarde, outros exploradores localizaram o mesmo rio com o topônimo hispano – indígena de *Canoges Mirim*, que literalmente significa “canoas pequenas”. Do *Canoges Mirim* é que provém o nome de Canoinhas, denominação que prevaleceu, quando da origem do povoado.

A história oficial normalmente atribui a fundação de Canoinhas aos personagens de Francisco de Paula Pereira e Joaquim Branco. Paula Pereira era um antigo proprietário de terras em São Bento do Sul, mas, tendo sido perseguido por autoridades paranaenses, estabeleceu-se às margens do rio Canoinhas, para onde, em 1888, levou mais algumas famílias. Logo após a Revolução Federalista, Canoinhas tornou-se uma espécie de república livre, para onde muitos dos maragatos derrotados do Rio Grande do Sul e outros criminosos do Paraná e de Santa Catarina, acorriam a fim de evitar os tribunais de justiça. Entre estes perseguidos, destacava-se Joaquim Branco (QUEIROZ, 1981).

Em 1902, a vila de Canoinhas foi elevada à categoria de distrito jurídico de Curitiba, embora se encontrasse em áreas contestadas pelo Paraná e Santa Catarina. Entretanto, antes mesmo da eclosão do movimento do Contestado, o governo catarinense, motivado pela exploração das riquezas naturais (em especial a erva-mate e a madeira), e com a chegada de imigrantes<sup>5</sup>, em 12 de setembro de 1911, elevou o lugarejo à categoria de município com o nome de Santa Cruz de Canoinhas. Durante a Guerra do Contestado (1912-1916), Canoinhas, por várias vezes, viu-se sitiada e tanto a pequena cidade quanto seu interior foram atacados,

---

<sup>5</sup> Fixaram-se na região de Canoinhas poloneses, ucranianos, italianos e sírios – libaneses, em sua maioria seguindo uma corrente migratória do Paraná e leste de Santa Catarina.

repetidas vezes, pelos revoltosos e invadidos pelas tropas armadas do governo (SACHWEH, 2003).

De acordo com Thomé (1987), os fatores que levaram à eclosão da Guerra do Contestado foram:

a) a revolta dos nativos devido o abandono por parte da esfera oficial, que tinha um discurso imbuído de preconceitos contra o colono e o caboclo;

b) a instalação da multinacional Southern Brazil Lumber & Colonization Co. no município de Três Barras (que na época pertencia a Canoinhas) e em Calmon, que passou a explorar a madeira da região, com a extração em grande escala de pinheiro (araucária) e imbuia;

c) a construção da Estrada de Ferro São Paulo – Rio Grande, concedida à Brazil Railway Company (pertencente ao mesmo grupo da Lumber), que obteve também a cessão dos terrenos à margem dos trilhos para vendê-los exclusivamente a imigrantes europeus (a fim de incentivar a colonização). A empresa contratou cerca de oito mil homens da plebe urbana no Rio de Janeiro, Santos, Salvador e Recife (AURAS, 1995) que, com o término da construção da ferrovia em 1910, foram dispensados e juntaram-se ao contingente de pessoas obrigadas a sair das terras próximas à ferrovia;

d) a questão administrativa e política quanto aos limites entre o Paraná e Santa Catarina, que se estendia desde 1853, ou seja, logo após a aprovação da Lei das Terras por D. Pedro II. Segundo Monteiro (1974, p. 30),

Os conflitos gerados nesse confronto que, na esfera jurídica, chegou até ao Supremo Tribunal, aguçaram-se no ponto de contacto entre **duas frentes extrativas de erva-mate, uma paranaense, com base em União da Vitória, e outra catarinense, com base em Canoinhas** (grifo nosso).

Com referência à extração da erva-mate, percebia-se que as disputas político-territoriais entre os estados do Paraná e de Santa Catarina estavam camuflando uma disputa do modo de produção que se estabelecia;

e) o messianismo insuflado na religiosidade cabocla, com a pregação dos monges contra o imperialismo e o colonialismo que eram acobertados pela

República. Os discursos pregados pelos monges João Maria (1890) e José Maria (1910) na região fez com que o povo se apegasse às suas idéias. Como os caboclos eram marginalizados, era a prática religiosa que garantia a possibilidade de construírem a sua identidade, reproduzindo conhecimentos antigos e criando novos conhecimentos para dar significados ao seu cotidiano (AURAS, 1995);

f) o sistema de estratificação social vigente, com o atrelamento dos homens aos padrinhos-chefe. Tal sistema de compadrio, ao mesmo tempo em que pregava um discurso de nivelamento social, tinha como pano de fundo um sistema de dominação;

g) a índole guerreira do caboclo, que por formação era um ser violento, corajoso e destemido. Mesmo apontada por Thomé (1987) como a última razão do conflito, se encontra nessa índole guerreira do caboclo um dos traços identitários que influenciou diretamente a Guerra do Contestado.

A Guerra do Contestado, a revolta da população cabocla, oprimida frente à ordem vigente, foi um evento de destaque. Ao reunir homens de diferentes origens, costumes e credos vindos para trabalhar na construção da estrada de ferro, além de imigrantes, trazidos pelas empresas por meio de contratos de colonização (MILANI; SACHWEH, et all, 2003), ela contribuiu para a formação histórica e social do Planalto Norte de Santa Catarina<sup>6</sup>.

Somente com o final da Guerra, em 1916, a área de Santa Cruz de Canoinhas, reivindicada pelo Paraná, foi definitivamente incorporada ao Estado de Santa Catarina (ver figura 01).

---

<sup>6</sup> Para maiores detalhes sobre a Guerra do Contestado, ver: QUEIROZ, 1981; AURAS, 1995; CABRAL, 1979; LUZ, 1999; MONTEIRO, 1974; SACHWEH, 2002.



Figura 1: Santa Cruz de Canoinhas – 1916  
Fonte: THOMÉ, 1987, p. 134

Após o movimento do Contestado, Santa Cruz de Canoinhas teve sua economia dinamizada pela extração de erva-mate. Devido à existência desta riqueza natural na região, em 1923 a cidade passou a ser denominada Ouro Verde. Este discurso, porém, foi rejeitado de modo veemente pelo povo, como pode ser percebido na página 41 do Livro Tombo nº 01 da Paróquia Santa Cruz de Canoinhas (1912-1950):

Cumprir deixar registrado aqui em prol da verdade, que **a mudança do nome de Santa Cruz de Canoinhas em “Ouro Verde” não evocou echo no coração do povo**, porque não foi ideia nascida do povo. Como tantos outros acontecimentos o povo deixou também este passar indiferentemente por cima de si, castigando deste modo impercebidamente aqueles que com a promoção desta ideia ligavam talvez a esperança da popularidade<sup>7</sup> (grifo nosso).

Apesar de a Igreja tratar todos com igualdade, como “povo”, já se percebia a questão da identidade excessivamente submissa aos mandantes locais, pois a mudança no nome “Ouro Verde”, na verdade, deixou insatisfeitas algumas lideranças da cidade, como os antigos coronéis. Muitos destes começavam a enriquecer com a extração da madeira, novo ciclo econômico que surgia na região.

---

<sup>7</sup> Todas as citações de fontes e documentos utilizadas nesta dissertação respeitarão a grafia das fontes.

Diante disto, em 1930, o município se reafirmou e Canoinhas recebeu sua atual denominação.

Mas o fato de ter permanecido, mesmo por poucos anos, a denominação “Ouro Verde” demonstra como a erva-mate já começava a constituir uma identidade para a região.

## **1.2 As correntes migratórias**

De acordo com Thomé (1992), a ocupação do planalto de Santa Catarina por imigrantes foi dificultada devido à predominância de fazendas (latifúndios) na região, especialmente na parte serrana de São Joaquim, Lages, Curitibanos e no Extremo-Oeste. Como já se afirmou anteriormente, no final do século XIX e início do XX Canoinhas era habitada por uma população multiétnica, em que se contavam imigrantes europeus, caboclos e outros tipos oriundos de movimentos migratórios internos no Brasil.

A chamada “Lei de Terras”, outorgada por D. Pedro II em 1850, favoreceu a mescla humana que forjou a sociedade canoinhense do início do século XX, pois, com a referida lei, juntaram-se aos primeiros habitantes os imigrantes alemães, ucranianos, poloneses, italianos e sírio-libaneses. A “Lei de Terras” dispunha sobre as terras devolutas do Império, determinando a sua medição, demarcação e utilização para a colonização. Ela especificava sobre a fundação de povoados, a reserva de terras para os índios, a compra de terras por estrangeiros e o ingresso de europeus que ocorria às custas do Governo Imperial (PIAZZA, 2001).

De acordo com Melo (1991, p. 64), a Europa passava por uma crise entre os anos de 1800 e 1850. A nobreza havia tomado posse da maior parte das terras, fazendo com que os lavradores pobres fossem procurar trabalho nas fábricas das

idades. A produção de alimentos diminuía devido à falta de mão-de-obra nas lavouras, tornando-se insuficiente para atender toda a população que passava por uma fase de crescimento. Isso fez com que os governos estimulassem a emigração, motivo pelo qual muitos colonos chegaram ao Brasil.

Dentro deste contexto aconteceu a vinda de imigrantes poloneses e ucranianos para a região de Canoinhas, por volta de 1890, período da chamada “Febre Imigratória Brasileira” (RODYCZ, 2002), normalmente originários da expansão colonial paranaense. Os imigrantes que chegavam a Canoinhas ficavam alheios à questão de divisas entre Paraná e Santa Catarina, devido às semelhanças culturais, geográficas, climáticas e econômicas existentes entre os dois estados. Além disso, procuravam um local com características semelhantes às das terras da Europa, para que pudessem manter a sua identidade ou, pelo menos, adaptar-se com mais facilidade.

Entre os anos de 1830 e 1870, num contexto marcado por revoluções políticas e conflitos, também os alemães começam a deixar seu país de origem. O Estado Alemão estava sendo unificado por meio das políticas aduaneiras criadas em 1834, visando uma maior integração econômica. As estruturas agrícolas e o sistema fundiário foram atingidos, o que gerou um contingente de camponeses que, juntamente com o proletariado urbano, formaram uma massa de excluídos da sociedade. Como nem mesmo a expansão comercial e industrial ocorrida durante o século XIX absorveu essa população, a melhor alternativa para o Estado foi incentivar a emigração (SILVA, 2007).

Na região de Canoinhas, a colonização alemã teve início com a chegada dos germânicos a Rio Negro (PR), em 1829. No início do século XX, um grande contingente de germânicos chegou à região de Canoinhas proveniente, especialmente, de São Bento do Sul, Joinville, Corupá, Jaraguá do Sul e Blumenau, fugindo de um surto de febre amarela que assolava estes municípios. Foi dessa forma que, em 1913, foi fundada a colônia de São Bernardo, atual Marcílio Dias, distrito de Canoinhas.

A presença de sírio-libaneses no município é mais marcante após os anos de 1910. Como os libaneses eram, em sua maioria, mascates, eles se fixaram

primeiramente nas cidades de Rio Negro e União da Vitória (PR), onde já havia a estrada de ferro, que permitia o seu trabalho ao longo da ferrovia. Destas cidades eles se disseminaram pelo restante da região, instalando-se também em Canoinhas.

Os imigrantes italianos, por sua vez, chegaram no início do século XX, alguns como trabalhadores da Lumber<sup>8</sup>, na época localizada em Canoinhas (atualmente o espaço ocupado pela empresa faz parte do município de Três Barras). Outros chegaram à região vindos do Rio Grande do Sul e São Paulo.

De acordo com Thomé (2004, p. 59),

Num processo de aculturação, muitos imigrantes alemães - como também os de outras procedências - assimilaram costumes, usos e tradições da cultura autóctone da população da Região do Contestado, esta mais identificada com o nativismo campeiro e sertanejo. Em contrapartida, os germânicos e os teuto-brasileiros repassaram suas tradições étnico-culturais aos caboclos regionais e a imigrantes de outras origens, assim promovendo a **integração de culturas e a mútua influência nos comportamentos** (grifo nosso).

Pode-se perceber que a região onde o município de Canoinhas se encontra é marcada por uma intensa diversidade cultural, que, ao longo do tempo, oportunizou a mescla de diferentes etnias. Essa miscigenação faz parte da construção da “identidade” da população, que não possui um único aspecto cultural marcante, mas que “desliza” entre os modos de viver de cada povo.

---

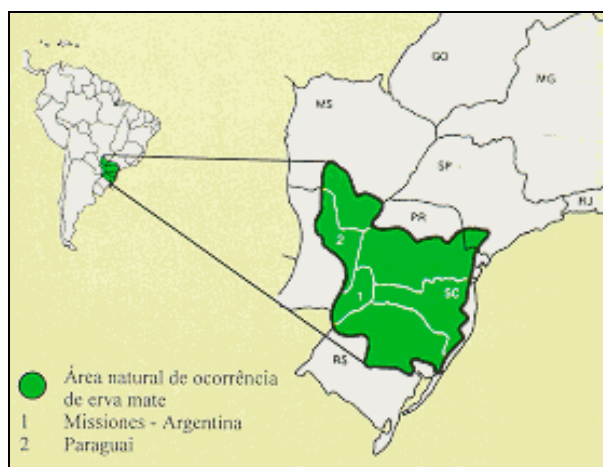
<sup>8</sup> “Partes do norte catarinense e dos vales dos rios do Peixe e Uruguai foram objeto da exploração econômica da empresa norte-americana *Southern Brazil Lumber & Colonization Company* (Sindicato *Farquhar*). Essa empresa tinha por objetivo a exploração da riqueza florestal da região. O colossal empreendimento estendia-se de Três Barras, próxima de Canoinhas, a Calmon, nas cercanias de Caçador. A *Lumber* instalou e operou o maior complexo madeireiro da primeira metade do século XX no Brasil. Extraía, beneficiava e exportava pinho e imbuia em quantidades que jamais foram corretamente medidas.” (RIBAS JUNIOR, 1998, p. 31).



### 1.3 O desenvolvimento econômico e a cultura da erva-mate

A erva-mate representou, por muito tempo, uma riqueza para a região do planalto norte de Santa Catarina. Sua exploração constituiu o primeiro ciclo econômico regional, a partir de 1860, quando cresceu a demanda de erva-mate no mercado externo.

De acordo com Mazuchowski (1989), a dispersão geográfica da erva-mate abrange a região centro-sul do Rio Grande do Sul, passando por quase todo o estado de Santa Catarina, penetra na região centro-sul do Paraná, de onde se estende até o sul de São Paulo. A oeste do estado do Paraná, a erva-mate é encontrada ainda em direção ao sul do Mato Grosso do Sul, além de abranger parte da Argentina e do Paraguai, como mostra o Mapa 02. Toda essa extensão corresponde a uma superfície aproximada de 540.000 km<sup>2</sup>.



Mapa 03: Área natural de ocorrência da erva-mate  
Fonte: EMBRAPA, 2007.

Avé-Lallemant (1995), em sua viagem pelo Paraná,<sup>9</sup> no final do século XIX, já percebe a forte presença da erva-mate no planalto:

<sup>9</sup> A região em que Canoinhas está inserida pertencia, nesta época, ao sertão de Curitiba, e suas terras eram motivo de disputa entre Paraná e Santa Catarina. Somente com o término da Guerra do

Atravessamos o pequeno rio do Meio e viajamos algumas horas na mata sobre altos e baixos. Por pior que fosse o caminho em certos pontos, era, todavia, um caminho, às vezes aberto através dos matos, até com algum tráfego. Encontramos homens que seguiam com burros carregados, em geral de mate; em muitos lugares ouvimos falar e chamar no mato; muitos estavam espalhados a distância, ocupados em ‘fazer’ mate, como se diz na linguagem profissional. Encontramos grande quantidade de troncos desfolhados; de muitas árvores até abateram a copa para mais facilmente colherem os ramos tenros e a folhagem. **Mate, mate e mais mate! Essa a senha do planalto**, a senha nas terras baixas, na floresta e no campo. Distritos inteiros, aliás, províncias inteiras, onde **a gente desperta com o mate, madraceia o dia com o mate e com o mate adormece**. (AVÉ-LALLEMANT, 1995, p. 38-39)(grifo nosso).

O hábito de se tomar o chimarrão era arraigado entre as tribos indígenas Guarani ou Carijó. O costume foi passado aos brancos quando da escravização dos índios. Assim, a princípio, o extrativismo da erva-mate não tinha um caráter comercial, e se destinava apenas ao consumo doméstico. Com o aumento das fazendas de gado ao longo da Estrada das Tropas, os fazendeiros permitiam aos peões cortar a erva-mate existente nas propriedades, pois a ela não creditavam grande valor. Somente por volta de 1822, quando da Independência do Brasil, é que se começou a perceber indícios de que a extração da erva-mate se tornava atividade própria, passando a fazer parte, de maneira mais específica, da cultura regional (QUEIROZ, 1981).

De acordo com Thomé (1995), o Sul brasileiro passou a ver a erva-mate como um importante gerador de divisas no início do século XIX, quando o Paraguai dificultou a exportação do seu produto para Buenos Aires, na Argentina, e Montevideú, no Uruguai. Com isso, os estados de Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul passaram a exportar a erva-mate, que acabou se tornando também o meio de sobrevivência do caboclo<sup>10</sup> que habitava as regiões.

Com o aumento do comércio de erva-mate, mudanças ocorreram também nos meios de transporte da produção. Na época do tropeirismo, o transporte da erva-mate, que ia do planalto norte catarinense para os engenhos do litoral

---

Contestado, em 1916, é que Canoinhas passou a pertencer definitivamente ao Estado de Santa Catarina.

<sup>10</sup> Luz (1999, p. 87-88) indica que um dos trabalhos do caboclo era o de ervateiro, quando, de julho a setembro, o caboclo ia às matas à procura de ervais não podados na safra anterior. Depois disso, o próprio caboclo realizava todas as etapas, da secagem ao “beneficiamento” da erva-mate. O autor ainda conclui que “[...] a boa erva para chimarrão só o caboclo sabe fazer.”

(especialmente para Joinville), era feito em lombo de muares (ver figura 02), em viagens que duravam de dez a doze dias. Os imigrantes poloneses, alemães e ucranianos introduziram as carroças em que eram necessários seis ou oito animais para conduzir o mate até o porto de embarque. Já a partir de 1885, com a inauguração da ferrovia que ligava Curitiba a Paranaguá, esta se tornou o principal meio de escoamento da produção destinada à exportação. Após os trens, os caminhões se tornaram os principais meios de transporte para a erva-mate (ver figura 03) (OLIVEIRA, 2005).



Figura 2: Transporte de mate em muares –1927  
Fonte: Jornal Correio do Norte, 07 out 1961



Figura 3: Transporte de erva-mate em caminhões  
Fonte: Jornal Correio do Norte, 07 out 1961

A crescente importância econômica do extrativismo da erva-mate, aliada a outros fatores de ordem política, econômica e religiosa, fez com que a região do planalto norte catarinense fosse motivo de disputas entre Paraná e Santa Catarina. Tal disputa de limites foi um dos motivos que levou à Guerra do Contestado, ocorrida entre os anos de 1912 e 1916, na qual Canoinhas foi uma das principais localidades envolvidas.

Durante o período da guerra, nem o Paraná nem Santa Catarina realizavam investimentos em educação, transportes, saúde, segurança ou economia na área em questão, devido à expectativa de uma resolução final contrária às suas aspirações e, com isso, a ameaça de perder as aplicações feitas (THOMÉ, 1987).

Foi somente no final da década de 1910 que o município de Canoinhas começou a receber investimentos e a desenvolver-se. O jornal Barriga Verde do dia 01 de janeiro de 1939 registra que, em Canoinhas, “o fanatismo e questão de limites destruíram os primeiros frutos de seu progresso e esmagaram a sua primeira ânsia de crescer. Data, pois, de 1918 o início propriamente dito, da moderna Canoinhas”.

A erva-mate, riqueza natural da região, foi o produto que alavancou o desenvolvimento de Canoinhas nas suas primeiras décadas. O Jornal Correio do Norte de 10 de outubro de 1953 confirma esta assertiva:

Foi o mate que atraiu os primeiros povoadores aqui chegados pelo Rio Canoinhas ou pelos caminhos de tropas que conduziam a Rio Negro ou Papanduva. Da chegada das primeiras famílias até 1934 ou 35, viveu a nossa terra o ciclo ervateiro. Por volta de 1928, antes de entrar em crise, a erva-mate teve o seu período áureo. **Erva era sinônimo de prosperidade. Safra significava dinheiro em abundância.** Terrenos cobertos de erval correspondiam a muitos contos de réis. [...] **Canoinhas de então ‘nadava em ouro’.** A região norte catarinense era vista pelos coestaduanos e pelos vizinhos do Norte e do Sul como um novo ‘El Dourado’. Afluíam forasteiros diariamente à nossa região (grifo nosso).

Pela reportagem percebe-se que o município passou por uma fase de intenso desenvolvimento econômico nas décadas de 1920/30. Muitas das pessoas que se estabeleceram na região de Canoinhas foram atraídas pela grande quantidade de erva-mate, um produto de fácil manejo e comercialização.

De acordo com Lima (2007), foram quatro os principais elementos que proporcionaram a transformação produtiva da erva-mate e, em consequência, a formação do ciclo econômico do mate, que tantas pessoas atraiu. O primeiro elemento era a riqueza de árvores nativas que, existindo em abundância na região, não necessitavam ser plantadas, apenas delas se extraíam os galhos. O segundo era o baixo custo da mão-de-obra, já que a exploração dos ervais era feita por indígenas, caboclos ou escravos. O baixo nível de incorporação de progressos técnicos é o terceiro elemento. O aumento da produtividade se dava mais pela incorporação de novas áreas aos ervais do que pelas melhorias e novas tecnologias utilizadas na produção. O quarto elemento se encontrava na estrutura social e política existente em torno da produção ervateira, fruto de um prolongamento das relações patriarcais do Brasil republicano. No campo político, o interesse dos

ervateiros era diferente dos agropecuaristas: enquanto estes precisavam derrubar as matas para expandir seus pastos e lavouras, os primeiros necessitavam das matas para explorar os ervais e aumentar a produção.

Muitas pessoas, entre elas caboclos e imigrantes que chegavam à região, viam no extrativismo da erva-mate uma forma de manter-se sem grandes custos, facilitado pelo grande número de ervais existentes. O Jornal Barriga Verde de 23 de agosto de 1973, ao fazer uma retrospectiva sobre Canoinhas da década de 20, ressalta que

Todos tinham pressa em se fixar na região de Canoinhas coberta por imensos ervais, virgens ainda onde imperavam, como absolutos reis da floresta, o pinheiro e a imbuia, contados aos milhões. [...] **Canoinhas era, na verdade, a ‘vedete’ de Santa Catarina** (grifo nosso).

No seu período áureo, entre as décadas de 1920 e 1930, a erva-mate contribuiu para a consolidação do comércio em Canoinhas, com a instalação de armazéns e depósitos do produto disputado pelos comerciantes. Canoinhas figurava como um dos principais municípios produtores de erva-mate de Santa Catarina, e significativa parte de sua produção era exportada para os países vizinhos, especialmente para a Argentina.

A Tabela 01 mostra como os anos compreendidos entre 1920 e 1930 foram de destaque na produção de erva-mate em todo o Estado de Santa Catarina.

Tabela 01: Produção de erva-mate em Santa Catarina (em toneladas) nos anos de 1910 a 1948

<b>ANO</b>	<b>PRODUÇÃO</b>	<b>ANO</b>	<b>PRODUÇÃO</b>
1910	5.761	1930	19.812
1912	5.303	1932	20.859
1914	2.918	1934	16.089
1916	4.978	1936	14.490
1918	11.629	1938	21.645
1920	19.852	1940	8.897
1922	16.815	1942	12.390
1924	17.675	1944	14.060
1926	19.461	1946	13.050
1928	32.503	1948	12.177

Fonte: Kroetz, 1975; IBGE, Anuário Estatístico do Brasil, vários anos (apud GOULARTI FILHO, 2002)

No período entre 1915 e 1929, as exportações catarinenses de erva-mate aumentaram em mais de 13 vezes, devido às vendas para Uruguai e Argentina e também em decorrência da estruturação de um complexo ervateiro no litoral norte, com a construção da estrada de ferro São Paulo-Rio Grande e de engenhos de beneficiamento da erva-mate (GOULARTI FILHO, 2002, p. 83).

Um fato interessante é que até mesmo a Southern Brazil Lumber & Colonization, além de explorar a madeira da região norte catarinense, exercia atividades relacionadas ao beneficiamento e exportação da erva-mate. De acordo com o Relatório Mensal da Lumber, de abril de 1917 (apud TOMPOROSKI, 2006), a multinacional possuía duas embarcações de médio porte, denominadas “Três Barras” e “Porto Velho”, que navegavam pelos rios da região carregados com erva-mate.

Com a implantação de uma infraestrutura física que permitia o comércio nacional e internacional da erva-mate, tornou-se inegável a importância econômica que sua produção representava para Santa Catarina como um todo e, em especial, para a região norte do estado que passou a ter nela uma de suas principais bases. A erva-mate se tornou cada vez mais presente também na vida e na cultura da população local, influenciada pelos benefícios gerados pelo seu comércio no desenvolvimento da região.

O Jornal Barriga Verde de 07 de junho de 1964, ao transcrever um discurso proferido pelo Deputado Paulo Faria na Assembléia Legislativa, comprovava que, durante os anos de 1920 e 1930, auge da produção ervateira, várias obras “de vulto” foram realizadas no município de Canoinhas. De acordo com o deputado, foi durante este período que ocorreu a instalação da energia elétrica na região, a construção de várias estradas para possibilitar o escoamento da erva-mate, a instalação de linhas telegráficas para o interior do município, além da construção de um ramal da Estrada de Ferro Paraná-Santa Catarina.

Com a destacada importância da produção de erva-mate na década de 1920, no ano de 1927 o governo catarinense criou o Instituto Estadual do Mate, a fim de supervisionar e fiscalizar as atividades ervateiras e fixar cotas de produção e preços.

Tal idéia foi seguida pelo Estado do Paraná que, em 1928, criou o seu Instituto Estadual do Mate (THOMÉ, 1995).

Até esse período, a produção de erva-mate se dava de maneira tradicional, sem grandes equipamentos ou tecnologias. De acordo com Vogt (2004, p. 242 a 250), que analisou o processo produtivo da erva-mate no sul do Brasil, eram cinco as principais etapas da produção: a primeira era a colheita, que constava da poda dos galhos mais finos, utilizando para isto facões de madeira muito afiados, que depois passaram a ser de metal (ver figura 04). Após a poda, os galhos eram reunidos em feixes e transportados até um local apropriado para se fazer uma fogueira, ainda dentro da mata. Acontecia então a segunda etapa do processo, a secagem dos galhos de erva-mate sobre o fogo a fim de desidratar suas folhas (ver figura 05). Esta fase era chamada de sapeco. Após o sapeco, os feixes eram levados para o carijo, a fim de passarem pela secagem. O carijo era um galpão coberto dentro do qual existia um girau, uma espécie de grade de varas sobre esteios fincados no chão, como se fosse uma grelha. Os feixes eram colocados sobre esta “grelha”, sob a qual se mantinha um fogo brando para que a erva fosse secada. O carijo evoluiu, mais tarde, para o barbaquá, em que o fogo não atingia diretamente os feixes de erva, já que uma fogueira era feita em um local próximo e apenas o seu calor chegava até a erva por meio de dutos. Depois de seca a erva, passava para a fase do cancheamento. Primeiramente, esse processo era feito por dois trabalhadores munidos de facões de madeira que batiam nos montes de erva a fim de quebrar e separar as folhas secas dos galhos. Mais tarde, essa etapa foi aprimorada por meio do cancheamento em cilindro por tração animal (ver figura 06). Nesse novo sistema, a erva era conduzida do barbaquá até a cancha por meio de um duto. Na cancha, existia uma madeira em forma de cone dentado, atrelado, de um lado, a um poste e, de outro, a um burro, que movia o cone em movimento circulares, fazendo com que a erva fosse cancheada. Depois disso, a erva-mate já praticamente pronta para uso, ainda passava por um pilão ou um monjolo (movido a água), para ser triturada.



Figura 4: Poda da erva-mate  
Fonte: MIRANDA; URBAN, 1998



Figura 5: Sapeco  
Fonte: MIRANDA; URBAN, 1998



Figura 6: Cancheamento por tração animal  
Fonte: MIRANDA; URBAN, 1998.

Após a década de 1930, novas tecnologias de processamento foram introduzidas, fazendo com que muitos pequenos proprietários perdessem seu lugar para industriais da erva-mate e, assim, preferissem abandonar essa atividade e se dedicar a outros produtos agropecuários. As inovações tecnológicas também afetaram muitas pessoas que trabalhavam no processo de secagem e



beneficiamento da erva-mate de forma tradicional, já que as máquinas faziam o processo todo de maneira muito mais rápida.

Os anos 1930 marcam o início do processo de crise na produção ervateira em Santa Catarina. De acordo com Bossle (1988), a partir de 1934, a erva-mate deixou de ser um dos principais produtos importantes para a economia catarinense, perdendo posição para a exportação de têxteis. A queda nas exportações de erva-mate ocorreu porque a Argentina, grande compradora de erva-mate brasileira, também iniciou a sua produção, deixando de importar e, além disso, passou a exportar sua erva para o Chile e o Uruguai, tradicionais compradores de Santa Catarina.

Goularti Filho (2002, p. 86) também comenta a queda nas exportações de erva-mate. Segundo o autor, em 1929, a erva-mate representava 16,2% das exportações catarinenses, caindo para apenas 2,1%, em 1943.

Com falta de mercado comprador para a erva-mate, a superprodução se acentuava a cada ano, fazendo com que os preços baixassem cada vez mais. Muitos produtores começaram a procurar alternativas, como a lavoura, pois o mate, antes tido como o “Ouro Verde” de Canoinhas, entrava em crise.

O Jornal Barriga Verde, datado de 02 de fevereiro de 1941, registra como era Canoinhas durante o período áureo do ciclo ervateiro e como sua crise afetou o município:

Quando em 1927, a erva-mate estava a catorze mil reis a arroba, **Canoinhas era o El-Dorado do Estado. O município nadava em dinheiro. Ninguém era pobre.** Em qualquer encruzilhada se ouvia roncar um Ford matraqueando ferro velho pelos buracos da estrada mal conservada. Um alqueire de terra de erval era vendido a mais de conto de reis. O colono se limitava a FAZER a sua safra, esquecendo de se plantar. **Feijão era importado de S. Paulo. Só a erva tinha valor.** A indústria da madeira, ainda incipiente naquela época, era muitas vezes prejudicada pela falta de braços para sua extração, em virtude de o operariado preferir o trabalho do mate, mais rendoso. Naquele tempo se pagava, com muita dificuldade, dez mil reis por dia, dando graças a Deus quando se encontrava gente que quisesse trabalhar. A jogatina desenfreada atraía profissionais de outras partes. Principalmente a ‘cachola’, jogo de azar muito conhecido. **Não havia caipira que não trouxesse no bolso um dobrão de cobre do tempo do onça (40 reis)**, levemente embarcado, chamado cachaleiro, Cruz e Chapa. Dois páus encrusados no terreiro liso ou no gramado; a moeda de cobre numa ponta; o cabo do chicote para bater na outra extremidade, e o dobrão saltava dez a vinte metros.

- Cruz é dinheiro moçada.

- Chapa. Quinhentos mil reis na chapa, cainçada...

E o caipira, descalço e com a camisa de riscado por cima das calças, sujo e a quem se poderia muito bem trocar por um mendigo, puxa o cinto largo de couro de gato do mato, arranca o bolo de notas de quinhentos e joga displicentemente no terreiro, uma olhuda novinha.

- Tem mais jaguarada – estendam os ponchos que eu topo a parada.

**Com a queda do preço da erva houve a debandada. Em um ano Canoinhas tornou-se quase uma tapéira.** Famílias inteiras emigravam para os sertões do Paraná. Os Fords bigodudos ficaram encostados ou foram vendidos a pouco mais de nada. Como não havia lavoura, muita gente passou fome.

O trecho do jornal demonstra como a erva-mate foi importante para o município de Canoinhas. Muitas pessoas dependiam exclusivamente da produção do mate que proporcionava dinheiro e riqueza, enquanto os demais gêneros alimentícios eram importados de outros estados. Interessante é a análise que o jornal apresenta sobre a jogatina, onde mesmo o “caipira”, descalço e sujo, tinha dinheiro para jogar, ante a pujança que a erva-mate representava para a população. Com a crise, porém, parte da população passou a praticar a agricultura, ou emigrou para o Paraná, em busca de novas oportunidades.

Em 1936, vendo a crise tornar-se cada vez maior, os institutos regionais do mate de Santa Catarina e do Paraná se dirigiram ao governo federal, pedindo que fosse criado um órgão nacional de apoio aos interesses da indústria da erva-mate. E assim, a fim de promover uma política para a defesa e expansão da erva-mate no Brasil e no Exterior, por meio do decreto-lei 375, de 13 de abril de 1938, foi criado o Instituto Nacional do Mate (LINHARES, 1969).

De acordo com o Jornal Barriga Verde, de 25 de fevereiro de 1940, os principais problemas enfrentados na produção de erva-mate regional se encontravam nos desentendimentos entre produtores, industriais, exportadores e comerciários, na falta de mercados consumidores e de financiamentos, e na inexistência de uma padronização da produção.

Apesar da crise pela qual a produção de erva-mate vinha passando em todo o país, o que não era diferente em Canoinhas, o município era muitas vezes apresentado nos jornais como um grande produtor e até mesmo como “o segundo município produtor de mate em todo o mundo” (Jornal Barriga Verde, 10 out 1938).

Apesar disso, o município se desenvolvia buscando alternativas, como a extração da madeira, que acabou originando um novo ciclo econômico para a região de Canoinhas. O final da década de 1930, assim, foi embalado por uma Canoinhas em “franco desenvolvimento”, agora com o setor madeireiro. É o que demonstram os títulos de reportagens do jornal da época: “O moderno município de Canoinhas, um dos esteios da grandeza catarinense” (Jornal Barriga Verde, 25 dez 1937); “Canoinhas progride” (Jornal Barriga Verde, 19 set 1938); “O município de Canoinhas e o seu notável progresso” (Jornal Barriga Verde, 25 dez 1939).

Quanto à erva-mate, com a diminuição das exportações e a consequente crise instalada, as décadas posteriores ao período áureo da produção de mate foram cheias de “altos e baixos”, num esforço para que o produto voltasse a ser uma importante fonte de divisas para a região.

No ano de 1942, por exemplo, o Jornal Barriga Verde traz uma reportagem intitulada “Perspectivas de um grande futuro para a erva-mate e para o município Canoinhense” (01 ago 1942). A matéria tratava sobre a instalação da “maior fábrica de cafeína da América do Sul” em Canoinhas. A extração de cafeína da erva-mate trouxe novas esperanças para os produtores do município. E o jornal comemorava: “Os verdejantes ervais canoinhenses parece que voltarão a merecer o título há tanto tempo perdido: - OURO VERDE”.

A cafeína extraída da erva-mate serviu neste período até mesmo para o “esforço de guerra nacional”, ao suprir as Nações Unidas e a África com o produto para seus combatentes. E, pelo jornal, o incentivo: “Portanto, canoinhense, produza erva mate para cafeína, certo de que está contribuindo para o engrandecimento de Canoinhas e do Brasil, e trabalhando para a Vitória das Democracias.” (Jornal Barriga Verde, 26 set 1943).

No final da década de 1940 a crise da erva-mate ainda permanecia: a superprodução gerava grandes estoques ameaçados de deterioração pela falta de mercados consumidores. No Brasil, o mate era consumido em maior quantidade somente nos Estados do Sul e no Mato Grosso do Sul, e no Exterior se limitava aos países do Prata: Chile, Uruguai e Argentina. Como a Argentina estava plantando e produzindo o seu próprio mate, as exportações baixavam cada vez mais. Além

disso, era pouca a propaganda feita no restante do Brasil e nos demais países estrangeiros sobre o uso do mate.

Já nos anos de 1950, surgem “bôas perspectivas para o mate” (Jornal Correio do Norte, 05 ago 1950), com um convênio acertado com a Argentina e a possibilidade de negociações com empresas norte-americanas. A esperança surge novamente e a erva-mate torna-se uma “riqueza que volta a florescer” (Jornal Barriga Verde, 13 dez 1953).

Nesse período, porém, muitos dos trabalhadores tinham procurado alternativas diferentes da extração do mate, desmatando seus ervais para transformá-los em campo próprio para monoculturas. Com isso, novos problemas surgem: a falta de mão de obra e a preocupação com o desmatamento.

Com a exploração desordenada dos ervais nativos, os jornais da época incentivam o reflorestamento da zona ervateira, com a implantação de ervais plantados racionalmente. Dentro deste contexto, começa-se a perceber a tentativa de uma nova identidade, não mais a simples extração da planta nativa em esgotamento, mas sim o plantio e tratamento de novas espécies. Em 17 de julho de 1954, o jornal Correio do Norte escreve:

**Constituindo a nossa maior riqueza, base definitiva do progresso de Canoinhas, os ervais não estão recebendo o tratamento adequado,** tanto por parte do Instituto Nacional do Mate, como dos proprietários de grandes áreas ervateiras. Se hoje ainda podemos figurar como um dos grandes municípios produtores de erva-mate, devemos isso exclusivamente à pródiga Natureza. Um número limitadíssimo foi plantado (grifo nosso).

E ainda complementa: “Cuidemos e plantemos erva-mate. Ouro Verde deve continuar a ser a bandeira de Canoinhas. É ingratidão esquecê-la”. É interessante notar como, apesar de o município não ter permanecido com o nome de Ouro Verde, tal denominação é muitas vezes empregada para definir a região.

E a erva-mate não foi esquecida. Apesar de não ser mais considerada como o principal gerador de divisas para Canoinhas, ela continuou, por muitos anos, a complementar a economia do município, ao lado da madeira e, após 1950, também do trigo, que teve sua plantação incentivada pelas novas tecnologias e a

mecanização da lavoura. Eram esses os principais fatores de desenvolvimento da Canoinhas de então.

No final de 1955, o progresso de Canoinhas era ilustrado, com grande ênfase, nas páginas do Jornal Correio do Norte:

**Canoinhas é uma das mais bem traçadas cidades do Planalto Catarinense.** Vale a pena sair da Capital do Estado para conhecer o seu progresso e fruir os seus irresistíveis e múltiplos encantos. Delineada com esmero e capricho sob uma alta inspiração de bom gosto de quem a traçou, **tudo nela é magestoso e singular.** [...] Ladeada de modernas construções, bem poucas cidades do Brasil podem a ela ser igualadas. Lá fóra, Canoinhas é considerada a Princesa do Planalto Catarinense, dada a sua posição entre as demais cidades vizinhas, devido o seu clima amêno e agradável. Cidade moça, possui todos os requisitos d'uma grande cidade que tem vida própria, que podemos e **devemos mostrar, com justa ufanía, aos turistas que procuram o nosso país,** ansiosos de aspêtos deslumbrantes e de novos logares, onde a civilização e o progresso mais se afirmem requintadamente (Jornal Correio do Norte, 31 dez 1955) (grifo nosso).

Apesar da produção de mate não figurar mais como o principal fator do desenvolvimento apresentado pela reportagem do jornal, sempre estava presente na vida econômica e social da população de Canoinhas que ainda era considerada a capital da erva-mate e se esforçava para manter o título. Além disso, vê-se na reportagem a preocupação com a beleza da cidade para mostrar aos turistas que visitassem o país (ver figuras 07 e 08).

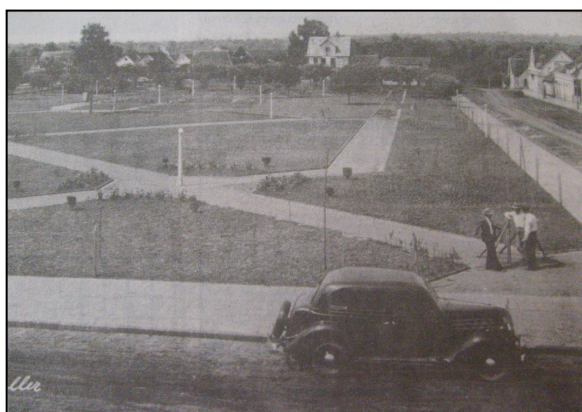


Figura 7: Praça Lauro Muller na década de 1950.  
Fonte: Jornal Correio do Norte, 21 jan 2005



Figura 8: Vista parcial de Canoinhas em 1954  
Fonte: Jornal Correio do Norte, 21 jan 2005

No Jornal Barriga Verde do dia 25 de maio de 1960, são até mesmo contestadas as estatísticas relativas à produção de erva-mate, realizadas pelo Instituto Nacional do Mate:

**Canoinhas é a capital da erva-mate.** Este município é o maior produtor de mate, muito embora as estatísticas ‘maravilhosas’ do Instituto Nacional do Mate transfiram nossa produção para o município vizinho, simplesmente porque lá é a sede da Federação das Cooperativas, e lá estão as maiores indústrias de beneficiamento. **E nas estatísticas do INM Mafra aparece como maior produtor. Essa não! Canoinhas que é o maior centro produtor de Santa Catarina [...].** (grifo nosso)

Apesar das “brigas” para manter o título de Capital da Erva-Mate, Canoinhas começava a sentir os efeitos da crise em que o produto se encontrava há muitos anos. Mesmo com a exploração da madeira e os incentivos à lavoura, os jornais da década de 1960 demonstram a preocupação com o desenvolvimento de Canoinhas: “Norte e Oeste do Paraná absorvem as populações do planalto norte catarinense” (Jornal Barriga Verde, 14 dez 1960); “Canoinhas estagnada” (Jornal Correio do Norte, 04 set 1965); “Canoinhas, a grande esquecida” (Jornal Barriga Verde, 13 mar 1966).

Para contribuir ainda mais para a crise em que a erva-mate se encontrava, em 1964, foi extinto o Instituto Nacional do Mate.

Foi um erro essa extinção? Fatalisticamente muitos a comentaram assim: não estávamos bem com o Instituto, mas pior será sem êle. A extinção, segundo outros, estava assentada e fazia parte da reforma administrativa levada a efeito pelo govêrno brasileiro. Para outros, ela ocorreu somente em conseqüência de ter o último presidente do órgão feito uma exposição de motivos no sentido de obter ajuda governamental para poder realizar os seus objetivos de ampla propaganda e divulgação da bebida. O órgão nunca recorrera a auxílios dessa natureza, não onerava os cofres públicos, era auto-suficiente, mas marcava passo. Legislação superada, falta de recursos, eis os motivos maiores que o impediam de bem cumprir a sua missão, segundo opinião de outros. No entanto, o Instituto, em seus áureos tempos, salvara a economia do produto de situação calamitosa, que beirava a falência de toda uma classe laboriosa e produtora. Disciplinara os negócios, implantara alguns métodos novos e corrigira muitas falhas da economia liberal, em cujo regime anárquico o mate se debatia, sem fôrças, quase exangue (LINHARES, 1969, p. 466).

O novo órgão a tratar da produção da erva-mate passou a ser o Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal (IBDF), através de um Departamento da Erva-Mate. De acordo com Tormen (1995), o IBDF preocupava-se mais em arrecadar incentivos fiscais para a plantação de pinus, eucaliptus e outras espécies, deixando a erva-mate num segundo plano.

Mesmo diante da crise instalada há tempos na produção da erva-mate, o município de Canoinhas ainda tentava sustentar o seu título de Capital do Mate, por meio da realização de festas e da criação de monumentos. Assim, em 1961, uma erva centenária existente na cidade foi tornada monumento público pela Lei nº 523, de 07 de março de 1961. Com 2,40 m. de circunferência e 16 m. de altura, a erva foi considerada a “maior do mundo”, e chamada pelos canoinhenses de “Erveira Mater” (Jornal Barriga Verde, 08 mar 1961).

No ano de 1964 foi promovida a 1ª Festa Nacional do Chimarrão (ver figura 09). Organizada pelo “Grêmio XV de Julho”. As festividades atraíram diversas pessoas da região, além de deputados e outros políticos estaduais, que causaram “um certo tumulto” na cidade, como destaca o jornal:

As festividades atraíram um grande número de convidados e visitantes, criando um sério problema de hospedagem, resolvido, afinal, pela comissão organizadora. [...] A cidade, assim, viveu três dias de grande e desusada movimentação, o que provocou dois desastres de automóveis, sem maiores conseqüências [...]. (Jornal Correio do Norte, 04 jul 1964)



Figura 9: Cartaz da 1ª Festa Nacional do Chimarrão  
Fonte: Jornal Correio do Norte (18 abr 1964, p. 06)

A festa teve um importante significado para o município, que tentava voltar a se estabelecer como grande produtor de erva-mate do Estado. Assim, durante a festa, o município de Canoinhas foi, extraoficialmente, elevado à “Capital Mundial do Mate” (Jornal Barriga Verde, 05 jul 1964). Ainda neste mesmo ano, o município recebeu um monumento em homenagem à erva-mate: uma cuia de chimarrão instalada em uma das praças da cidade.

Mas, apesar de tudo a crise da erva-mate continuava. Em 1966, o Jornal Barriga Verde apresentava uma reportagem ressaltando que as exportações catarinenses do produto tinham sofrido uma queda de 40% entre os anos de 1961 e 1965, perdendo para os novos mercados. Entre estes estava a Argentina que, segundo o mesmo jornal, tinha aumentado em 500% suas exportações (Jornal Barriga Verde, 30 out 1966).

De acordo com Linhares (1969), a Argentina, que já vinha diminuindo suas importações de erva-mate brasileira há muitos anos, suspendeu-as completamente em 1966. O país era auto-suficiente, produzindo o necessário para seu consumo e ainda dispunha de mate excedente para exportação, especialmente para o Chile e o Uruguai, com a grande vantagem de estar mais próxima dos dois países, o que tornava o transporte mais barato.

No mesmo ano, porém, Canoinhas comemorou o início da industrialização da erva-mate, com a inauguração do primeiro barbaquá coletivo do município, onde a secagem das folhas de erva-mate era feita automaticamente (Jornal Correio do Norte, 13 ago 1966). De propriedade do então vereador Ewaldo Zipperer, o equipamento buscava diminuir a mão-de-obra (que se encontrava escassa) e aumentar a produtividade das fábricas de erva-mate. Esse modelo de secador automático ainda existe na propriedade da Família Zipperer. Apesar de não ser mais utilizado, o equipamento (que se destaca pelo tamanho de sua estrutura) ainda permanece como uma imponente lembrança dos primeiros passos para a industrialização do mate (ver figura 10).





Figura 10: Secador automático  
Fonte: Arquivo Pessoal, 2008

A partir desse momento, não somente a erva-mate começou a ser industrializada, como também outras indústrias passaram a instalar-se no município de Canoinhas. Com destaque para a abertura de um frigorífico e de várias serrarias, Canoinhas passou a reviver uma fase de desenvolvimento econômico.

Em 1968, uma reportagem do Jornal Barriga Verde afirmava:

a atualidade canoinhense é negativa apenas com a débâcle ervateira. No mais, é auspiciosa a realidade do nosso progresso, com possibilidades gigantescas a nos acenarem com o futuro que todos sonhamos, a grandeza impar de nossa terra! (Jornal Barriga Verde, 21 jul 1968)

Nos jornais, nova ênfase ao progresso<sup>11</sup> de Canoinhas da década de 1970: “A grande Canoinhas de hoje, maior amanhã” (Jornal Correio do Norte, 23 dez 1972); “Explosão de desenvolvimento” (Jornal Correio do Norte, 24 mar 1973); “Desenvolvimento e progresso social” (Jornal Correio do Norte, 23 ago 1973).

O município de Canoinhas, na verdade, comemorava uma época de desenvolvimento que ocorria em todo o Brasil, com o chamado “Milagre Econômico”. Durante os anos de 1968 e 1973, com a ditadura militar, o país viveu um intenso crescimento econômico. A abertura de indústrias e de novas oportunidades de

---

<sup>11</sup> Progresso este baseado sempre no extrativismo e no capitalismo, visando somente o desenvolvimento econômico.

emprego fazia o Brasil assumir um papel de “potência mundial”, apesar de, ao mesmo tempo, aumentar a concentração de renda e pobreza.

Assim, embalado pelo desenvolvimento econômico trazido pelo “milagre econômico brasileiro”, no final de 1972, o Jornal Correio do Norte (23 dez 1972) lista as grandes conquistas de Canoinhas durante o período:

**As chaminés estão se alevantando** nos distritos industriais dos bairros da COHAB e Campo d'Água Verde, num atestado eloqüente do nosso desenvolvimento e progresso [...]. O **Frigorífico Canoinhas S.A.**, o tão comentado FRICASA [...] passará a funcionar a partir de março [...]. A construção da **grande fábrica da Rigesa**<sup>12</sup>, como o previsto, já trouxe seus reflexos positivos até nós [...]. Outra conquista do corrente ano, foi a próxima instalação em nossa cidade de um **Centro de Treinamento de Batatas Certificadas**, em convênio, Brasil-Alemanha.[...]. Diante do exposto e do futuro promissor que está aí e, como não podia deixar de ser, surgiu na cidade um movimento para a construção de um **grande e moderno hotel**, uma grande e sentida lacuna local, empreendimento que deverá se concretizar no próximo ano. [...] Ainda no setor público, a par do **asfaltamento da cidade**, a grande e importante notícia é que os **serviços de abastecimento de água** terão prosseguimento [...]. E o setor de educação, tão importante, também não foi esquecido e ganhamos a **Fundação Universitária do Planalto Norte Catarinense**<sup>13</sup>, FUNPLOC [...]. (grifo nosso).

A fase de industrialização e de investimentos em serviços públicos e de educação dá novo ânimo ao município de Canoinhas que, agora, tinha novas possibilidades de emprego e renda. No ano de 1974, o jornal destaca:

Canoinhas, como já é do conhecimento de todos, vive uma fase de grande desenvolvimento e progresso. São novas construções que surgem todos os dias, em todos os quadrantes da cidade, de todos os portes. [...] **É que agora todos acreditam em Canoinhas e no seu notável desenvolvimento, sendo um alto e sólido negócio aplicar-se aqui mesmo.** (Jornal Correio do Norte, 27 abr 1974) (grifo nosso)

A década de 1970 significou, para Canoinhas, um impulso ao desenvolvimento. As pessoas não precisavam mais buscar oportunidades em outros

<sup>12</sup> Atualmente, a Fábrica de Papel e Celulose da Rigesa pertence ao município de Três Barras, a 16 km de Canoinhas.

<sup>13</sup> Atual Universidade do Contestado (UnC).

municípios de Santa Catarina e Paraná, porque o próprio município tinha diversificado a sua economia.

À parte disso, a erva-mate já não aparecia com o destaque de antes dentro da economia de Canoinhas. Nesse momento, as indústrias e o extrativismo da madeira é que proporcionavam a renda da maior parte da população. Os ervais nativos, em sua maioria, estavam desmatados.

Durante os anos da década de 1980, a crise ervateira continuou. Apesar de o mate não figurar mais como um dos principais produtos da economia canoinhense, havia a preocupação com o decréscimo cada vez maior da produção. É o que pode ser percebido nos jornais locais do período pós 1980, cujos títulos de reportagens são elucidativos: “Federação do mate preocupada com a falta do produto” (Correio do Norte, 02 fev 1980); “Cai exportação da Erva-Mate e setor enfrenta a maior crise” (Correio do Norte, 01 ago 1981); “Governo estuda o problema da exportação da erva-mate” (Correio do Norte, 04 set 1982); “Encontro discutiu problemas da erva-mate” (Correio do Norte, 30 jun 1984). Os exemplos apresentados dão uma noção de como a queda na produção de erva-mate afetava a vida sócio-econômica da região de Canoinhas.

Foi também na década de 1980 que o Sindicato das Indústrias do Mate de Santa Catarina (SINDIMATE), que tinha sua sede em Canoinhas, começou a perder sua força dentro do município. De acordo com o ex-presidente do Sindicato das Indústrias do Mate de Santa Catarina, Mário Dranka, em 1980, o SINDIMATE tinha a abrangência de todo o Estado. No decorrer da década, porém, houve o desmembramento da região do Meio Oeste catarinense, o que fez com que o número de associados diminuísse consideravelmente. No ano de 1980 havia 60 indústrias ervateiras associadas e, em 2007, apenas 17 indústrias continuaram sócias do SINDIMATE. Destas, 14 indústrias ervateiras eram de Canoinhas, uma era de Três Barras, uma de Bela Vista do Toldo e uma de Itaiópolis.

Preocupados com o quadro em que a indústria da erva-mate se encontrava, os ervateiros da região, apoiados pela Secretaria Municipal de Educação e Cultura, a Cooperativa dos Produtores de Mate de Canoinhas e o Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal (IBDF), organizaram no município de Canoinhas a Festa

Estadual do Mate (FESMATE). A festa, que ocorreu pela primeira vez no ano de 1988, tinha o objetivo de estimular a cultura, a exploração e o consumo da erva-mate, numa tentativa de amenizar a crise pela qual o produto passava há tantos anos.

Além da preocupação com a crise da erva-mate, a população começava a sentir os problemas que o desenvolvimento sem planejamento adequado estava causando no município de Canoinhas. Se a industrialização trouxe o “progresso”, também trouxe consigo um crescimento desordenado, que acabou gerando a falta de limpeza e conservação da cidade. É o que se pode perceber através de muitas reportagens de jornal da década de 1980: “Trânsito e televisão... Problemas insolúveis em Canoinhas?” (Jornal Correio do Norte, 16 ago 1980); “Quando Canoinhas será uma cidade limpa?” (Jornal Correio do Norte, 16 ago 1980); “Violência desenfreada em Canoinhas” (Jornal Correio do Norte, 04 abr 1987); “Canoinhas exige melhoramentos” (Jornal Correio do Norte, 13 jun 1987).

Além disso, durante o ano de 1983 Canoinhas e região foram castigadas por uma grande enchente que destruiu significativa parte da produção agrícola dos municípios, causando enormes prejuízos às suas economias.

Apesar do impulso dado pelas indústrias, os jornais demonstram como Canoinhas se encontrava na época:

É preciso repensar séria e urgentemente na cidade de Canoinhas. Quase sexagenária, está a exigir obras de alcance e de profundidade, para torná-la mais ajustada às necessidades e aos anseios da população que a habita. Pra torná-la mais humana, mais alegre e, sobretudo, mais “urbana”, com o perdão da redundância. É exatamente isto, Canoinhas necessita ser urbanizada. **É preciso, sem dúvida, realizar uma “plástica” na cidade.** (Jornal Correio do Norte, 25 set 1982) (grifo nosso).

Mesmo com a industrialização e o aparente desenvolvimento local, a reportagem destaca a necessidade de maiores cuidados com a conservação da cidade. Em outra reportagem, o jornal dá destaque para o progresso que ocorria de forma desordenada:

A beleza de uma cidade não está só nos grandes arranha-céus ou nas opulências de suas mansões, mais sim em suas ruas, avenidas e praças bem cuidadas numa demonstração de bom gosto e capricho. Em Canoinhas, infelizmente isto não está ocorrendo, quando vemos ruas

esburacadas, meios fios desalinhados e desnivelados, passeios públicos inexistentes, calçamento irregular das ruas e montes de terra e entulho, numa verdadeira exibição de total abandono [...]. **Este estado de coisas reflete mal na consciência dos visitantes e principalmente dos empresários que aqui vem pensando em estabelecer seu comércio ou indústria, porém voltam desiludidos e desanimados** ao ver tanta desorganização e infamação das coisas públicas. [...] **O Progresso está aí, porém totalmente desordenado.** (Jornal Correio do Norte, 13 jun 1987) (grifo nosso).

Com uma maior atenção dada aos problemas gerados pelo crescimento do município, passa a existir, entre a população e os governantes, uma preocupação para que o desenvolvimento da região ocorresse de maneira ordenada.

Já no final da década de 1980, foi criado o Conselho de Desenvolvimento de Canoinhas (CONDEC), com o objetivo de “promover o desenvolvimento de Canoinhas a curto, médio e longo prazo, de acordo com as prioridades levantadas pela comunidade [...]”.(Jornal Correio do Norte, 28 mai 1988). A partir daí começam a aparecer também ações voltadas ao desenvolvimento regional, por meio da AMURC (Associação dos Municípios da Região do Contestado), da qual Canoinhas fazia parte.

Quanto à erva-mate, durante as duas últimas décadas, seu principal destaque estava na Festa Estadual do Mate (FESMATE), que, desde 1988, passou a ser realizada em Canoinhas. Como a maioria dos ervais nativos tinham sido desmatados, a erva-mate perdeu sua importância na economia do município; sua presença é mais forte na memória herdada e nos símbolos presentes na cidade que relembram a “época de ouro” do mate, do que propriamente na sua produção.

Prova disso está na representação das atuais atividades econômicas de Canoinhas. A análise da Tabela 02 permite demonstrar que a base industrial do município está concentrada na indústria madeireira, que agrega 40% da economia, enquanto a erva-mate, hoje, representa apenas 2%.

Tabela 02: Atividades econômicas de Canoinhas

<b>ATIVIDADE</b>	<b>PORCENTAGEM</b>	<b>ATIVIDADES</b>
Madeireira	40%	Fabricação de lâminas, chapas compensadas e aglomeradas, portas, janelas e papel.
Agrícola	22%	Cultivo de fumo, milho, soja, feijão e outros.
Comercial	20%	Ramo de móveis, eletrodomésticos e materiais de construção com a presença de grandes redes nacionais.
<b>OUTRAS</b>		
Frigorífica	3%	Abate de suínos e bovinos; preparação de carnes e seus sub-produtos.
Cerâmica	2%	Fabricação de artefatos para a construção civil.
Erva-mate	2%	Beneficiamento da erva-mate.
Serviços	11%	Transporte de cargas. Hotéis, restaurantes, bares.

Fonte: Prefeitura Municipal de Canoinhas, 2009

Apesar da pouca expressividade da erva-mate na produção industrial atual de Canoinhas, ela é ainda representada na memória social da população como um símbolo do município, devido à sua importância histórica. Referências à erva-mate podem ser encontradas no hino municipal, na bandeira, e em vários pontos da cidade, como nos monumentos e imagens.

Além disso, muitos pequenos agricultores ainda possuem a erva-mate em suas propriedades, o que proporciona um aumento da sua renda e também a conservação de reservas florestais, necessárias para a produção da erva-mate nativa. Isto demonstra a importância social e ambiental que o mate representa, independente do tamanho de sua participação entre as principais atividades econômicas do município.

Assim, o desenvolvimento de Canoinhas baseou-se, até a década de 1990, tão somente no setor primário, na extração da madeira nobre e da erva-mate. Tardiamente, com a aplicação e exigências do Código Florestal (Lei nº 4.771/65) deu-se a proibição da exploração da Mata Atlântica, o que reduziu esse meio de subsistência, como geração de renda e emprego .

Um novo avanço para o desenvolvimento de Canoinhas ocorreu em 1997 com a criação da Universidade do Contestado<sup>14</sup>, que possibilitou uma maior atração

<sup>14</sup> “Reconhecida em 21 de outubro de 1997(Parecer 42/97-CEE), e instalada oficialmente pelo Governo do Estado em 03 de dezembro de 1997(Parecer 246/97-CEE), a Universidade do

de jovens empreendedores, bem como a permanência de pessoas na região. Esta nova realidade trouxe consigo um novo potencial humano: docentes, estudantes e familiares que passaram a influir decisivamente no desenvolvimento da cidade e também no aumento gradativo da população.

Analisando-se o Gráfico 01, referente à população de Canoinhas, percebe-se que o número de habitantes do município cresceu até a década de 1990. Em 1991, observa-se um número de 55.229 habitantes; em 1996, esse número diminuiu para 49.308. Essa queda deveu-se à emancipação de distrito de Bela Vista do Toldo. A partir daí, Canoinhas apresenta apenas um crescimento vegetativo que se pode verificar pelo registro de 52.610 habitantes, em 2007.

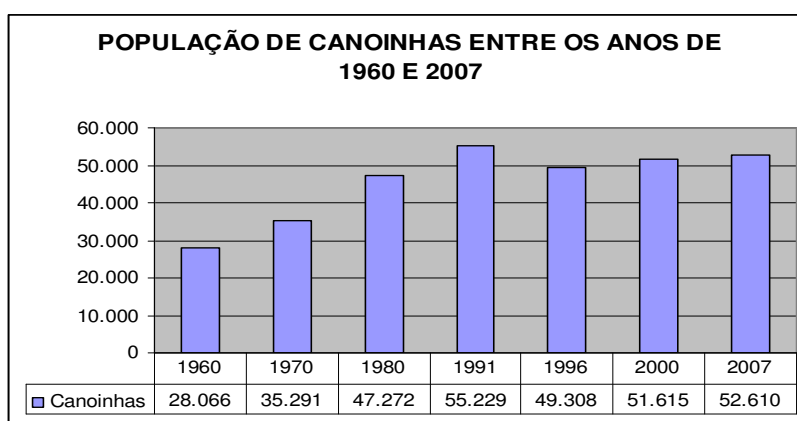


Gráfico 01: População de Canoinhas entre os anos de 1960 e 2007  
Fonte: Censos demográficos do IBGE

Depois da década de 1990, um dos fatores que fez com que a população do município não decaísse foi o reconhecimento da Universidade do Contestado (UnC), que trouxe várias famílias para a região. Com a intensa procura por parte de universitários, o mercado imobiliário foi aquecido, havendo até mesmo a falta de apartamentos e casas para locação. Isso fez com que muitas pessoas investissem na cidade, construindo prédios especialmente para alugar aos estudantes. É o que nos indica o Jornal Correio do Norte do dia 18 de janeiro de 2002:

A UnC é apontada como principal vetor desta fase de crescimento juntamente com as empresas que mantêm e ampliaram programas de investimento. A falta de pedreiros disponíveis para contratação é a prova

---

Contestado - UnC é uma Instituição multicampi, com Campi Universitário em Caçador, Canoinhas, Concórdia, Curitiba e Mafra e com Núcleos Universitários em Fraiburgo, Monte Carlo, Porto União, Rio Negro, Santa Cecília e Seara” (Universidade do Contestado, 2009).

acabada que **um novo ciclo econômico bafeja a cidade pólo do Planalto Norte.** (Jornal Correio do Norte, 18 jan 2002)

Assim, depois de passar pelos “ciclos econômicos” da erva-mate, da madeira e agricultura, o principal vetor de desenvolvimento de Canoinhas encontra-se no ensino universitário que, além de aquecer o mercado imobiliário, contribui para o crescimento na área de comércio e serviços.

Ainda assim, a erva-mate continua presente na vida da população canoinhense. Apesar de sua pouca expressividade diante das demais indústrias locais, ela faz parte da história do município e está representada por vários símbolos dentro de Canoinhas.



## **2 A SIMBOLOGIA DA ERVA-MATE E O IMAGINÁRIO EM CANOINHAS**

Apesar de a erva-mate ter deixado de ser o principal esteio da economia de Canoinhas, ela ainda faz parte do imaginário e da memória social da população, por toda uma simbologia da riqueza que o mate já trouxe para o município.

A erva-mate, simbolizada principalmente pela cuia de chimarrão, pode ser encontrada no município em monumentos, placas e outras imagens, além de estar presente nos símbolos oficiais de Canoinhas. Tudo isso faz perpetuar na memória da população canoinhense o quanto a erva-mate contribuiu para o desenvolvimento do município.

O objetivo deste capítulo é analisar como a erva-mate se constituiu o símbolo do desenvolvimento da região de Canoinhas, procurando visualizar a sua influência na formação do imaginário acerca do desenvolvimento regional a partir da constituição da erva-mate como elemento estrutural deste imaginário.

A análise será realizada a partir dos símbolos e imagens oficiais do município, e das narrativas e discursos veiculados pela imprensa escrita acerca da erva-mate. Além disso, uma breve reflexão sobre o conceito de imaginário será necessária para que se possa entender como se deu a formação do imaginário canoinhense.

## 2.1 Imaginário social

Toda sociedade é integrada por símbolos e mitos que povoam sua história e organizam seu passado, presente e futuro de acordo com os principais episódios e/ou fatores que marcaram seu desenvolvimento. Esses símbolos acabam se tornando parte do imaginário social da população, a qual, mesmo não tendo participado diretamente de certos momentos da história local, desenvolveu um sentimento de pertença.

Para Flausino (1999, p. 43), o imaginário é um importante elemento das relações sociais, por meio do qual são produzidas representações globais da sociedade e de cada indivíduo que nela se relaciona. Além disso, o imaginário é um fator de inserção da atividade pensante individual em um fenômeno coletivo. Na mesma perspectiva, Vargas (1999, p. 179) trata o imaginário como um elemento necessário para o “ordenamento de uma sociedade” e que este não é formado apenas por fatores reais, mas é ele que confere a esses fatores um determinado lugar e importância dentro do universo social.

Tentando realizar uma síntese, podemos afirmar que o imaginário é um sistema de representações construídas coletivamente - apoiadas no já existente, ou seja, em uma ordem simbólica constituída e sancionada pela coletividade anteriormente - capazes de conferir sentido às múltiplas facetas da realidade, de dar condições para que os indivíduos identifiquem-se não somente a si próprios, mas também aos outros, de tornar possível que esses mesmos indivíduos expressem seus valores e crenças, definam seus papéis e posições no meio em que vivem e reajam frente a conflitos. (MARTINS, 2008).

Dentro deste contexto, cada sociedade possui representações coletivas importantes associadas a cada momento histórico vivido e que formam o imaginário social. Estas representações contribuem para identificar uma comunidade e/ou um município e fazem parte de sua cultura.

De acordo com Carvalho (1990), é por meio do imaginário que as sociedades determinam as suas identidades e seus objetivos e organizam o seu passado,

presente e futuro. Esse imaginário social é constituído de ideologias e utopias, mas também por símbolos, alegorias e ritos, expressões que podem tornar-se poderosos elementos de projeção de interesses, aspirações ou medos coletivos. Além disso, o imaginário constitui um sistema de imagens e idéias que representam uma coletividade e que tem a capacidade de criar o real (PESAVENTO, 1999).

Assim, as representações sociais que identificam uma coletividade são expressas por meio de símbolos e imagens que dizem respeito à cultura, à economia e/ou à história de um município ou região, e que permeiam o imaginário de sua população.

Um símbolo é algo que representa, evoca ou substitui outra coisa, abstrata ou ausente (FERREIRA, 1993). Neste sentido, uma palavra ou uma imagem se torna simbólica quando tem um aspecto “inconsciente” mais amplo, que nunca está precisamente definido ou explicitado (FLAUSINO, 1999). Assim, são os símbolos que dão forma ao imaginário social.

O imaginário reporta-se aos simbolismos para exprimir-se, isso quer dizer que as representações sociais ou as imagens mentais dos indivíduos se expressam por meio de símbolos que chegam até o consciente como imagens, formando-se no inconsciente coletivo o que permite a comunicação com o imaginário. Obviamente que tais aparatos imagéticos dizem alguma coisa sobre um determinado fato ou objeto, tendo, portanto uma função simbólica. Mas o simbolismo também incita uma capacidade imaginária permitindo ver em uma coisa o que ela não é, ou seja, os atributos simbólicos têm o poder de modificar a apreensão da realidade pois realizam uma outra leitura do mundo (SILVA JUNIOR, 2008).

Ao usar de símbolos, cada indivíduo utiliza a imaginação para fazer sua leitura de mundo ou da sociedade onde ele convive. Cada pessoa cria, recria ou distorce a realidade e, até mesmo, a história ao identificar-se com certos símbolos e imagens.

Para Ferrara (1997, p. 194), o imaginário está ligado à necessidade do homem de produzir conhecimento atribuindo significados a significados, ou seja, por um processo associativo, um significado origina um segundo ou terceiro. Isso acontece com a imagem urbana, por exemplo, em que locais públicos ou privados, monumentos ou emblemas passam a ter uma incorporação de significados que extrapolam a imagem básica que lhes deu origem.

De acordo com Machado (1999, p. 49), as cidades possuem símbolos e signos que variam no tempo. É por meio destas representações que se torna possível imaginar e criar expectativas sobre as práticas sociais e cotidianas de sua população. O traçado de uma cidade, suas ruas, avenidas, monumentos, praças, entre outros “falam” por ela, demonstrando suas peculiaridades.

Dentro de uma cidade, uma simbologia pode ser repetida para dar forma a uma identidade regional. A essa repetição de símbolos, Pitta (2004) chama de “fenômeno da redundância”. Segundo a autora, um só símbolo pode ser significativo, mas um conjunto de símbolos sobre um tema lhe confere uma “potência simbólica complementar”. Se o tema for amor, por exemplo, “a repetição da imagem da rosa, a cor das pétalas, a posição em que esta se encontra, o local onde cresce, etc. vão formar um conjunto que permitirá perceber a potência simbólica desta imagem de rosa que vem explicitar a qualidade do amor”.

Sob o ponto de vista de “fenômeno da redundância”, no município de Canoinhas existe toda uma simbologia que remonta à importância que a erva-mate teve em seu desenvolvimento, em especial o econômico. O principal símbolo é a cuia de chimarrão, que está explicitada em monumentos e imagens presentes na cidade e que a seguir serão apresentados.

## **2.2 A simbologia da erva-mate em Canoinhas**

A simbologia presente no município de Canoinhas, relacionada à cultura da erva-mate, contribui para a formação de um imaginário social e, conseqüentemente, para a construção de uma identidade.

Dentre estes símbolos, identificam-se os oficiais, ou seja, aqueles que fazem parte da história administrativa e do governo de Canoinhas, como o hino, a bandeira

e o brasão municipais e outro tipo de símbolo em especial, a cuia de chimarrão que está representada por meio de monumentos e placas dentro da cidade. Com sua constante presença, qualquer pessoa que chega ao município percebe a identificação com a erva-mate e o chimarrão.

Além dos símbolos, merece destaque também a Festa Estadual da Erva-Mate (FESMATE) que ocorre em Canoinhas e o Museu da Erva-Mate, que compõem o imaginário social acerca da cultura deste produto.

Dos símbolos aqui estudados, alguns já não existem mais, estando presentes somente na memória da população; outros são utilizados como atrativos, a fim de promover a atividade turística na região enquanto outros simplesmente existem, sem talvez serem notados pela comunidade. De qualquer forma, cada um representa um pouco da história do município de Canoinhas e de seu desenvolvimento.

### **2.2.1 Símbolos oficiais**

- **Bandeira e Brasão**

A bandeira de Canoinhas foi instituída pela Lei número 009, de 02 de janeiro de 1912, logo após a emancipação do município. O fundo é metade na cor verde e outra metade na cor amarela; em seu centro o brasão das armas. No ano 2000, uma nova lei, de autoria do então vereador Fabiano Freitas, instituiu a bandeira com pano de fundo azul, como ela é atualmente (ver Figura 11).

Já o Brasão de Armas de Canoinhas foi instituído pela Lei número 489, de 23 de dezembro de 1959, sofrendo alterações com a Lei 655, de 21 de setembro de

1964 e a Lei Municipal número 2882, de 22 de julho de 1997 (CÂMARA MUNICIPAL DE VEREADORES DE CANOINHAS, 2001).



Figura 11: Bandeira do município de Canoinhas  
Fonte: Secretaria de Desenvolvimento Econômico, 2008

As três barras de prata que cortam o escudo português representam o encontro das águas dos rios que banham Canoinhas. Ainda dentro do escudo, a cruz do ouro lembra as antigas denominações do município: Santa Cruz de Canoinhas e Ouro Verde; e a granada explodindo relembra as lutas da Guerra do Contestado, durante a qual Canoinhas sediou o Quartel General das Forças Armadas.

Acima do escudo, a copa de um pinheiro sob uma estrela de ouro representa a riqueza oriunda da extração de madeira; o castelo, ao fundo, simboliza o potencial cerâmico e as indústrias do município, enquanto que, nos lados direito e esquerdo, estão presentes dois pés de erva-mate.

Destaca-se também no brasão a inscrição “Catharinensis Semper”, numa alusão à Guerra do Contestado, quando Canoinhas foi um dos territórios disputados por Santa Catarina e Paraná, sendo definitivamente integrada, depois, ao estado catarinense.

O brasão de Canoinhas tem representado em seus símbolos os fatores que levaram desenvolvimento ao município: a erva-mate, a madeira e as indústrias.

É interessante destacar que o Brasão de Canoinhas, mesmo sendo criado no ano de 1959, foi destaque no Jornal Barriga Verde de 27 de junho de 1964, que alertava para as “deturpações” que estavam sendo feitas em seu desenho original. Devido à importância e/ou à frequência com que a cuia de chimarrão era usada como símbolo de Canoinhas, alguns jornais da época mostravam o Brasão de Armas do município com distorções em seu desenho: no lugar da granada explodindo (que representa a Guerra do Contestado), aparecia uma cuia de chimarrão. Assim, o jornal afirmava: “E se não houver controle e fiscalização por parte do Poder Público responsável, dia virá em que tantas terão sidas as deturpações, que nada mais restaria das Armas Municipais”.

- Hino do Município de Canoinhas

O Hino do Município de Canoinhas foi adotado pela Lei número 552, de 30 de dezembro de 1961, depois que o então prefeito João Collodel, juntamente com a Câmara de Vereadores, realizou um concurso para escolher a letra e a música do hino comemorativo aos cinquenta anos de existência de Canoinhas. A letra selecionada foi composta pelo Frei Elzeário Schmidt e a música por Helmy Wendt Mayer (CÂMARA MUNICIPAL DE VEREADORES DE CANOINHAS, 2001).

Na letra do Hino do Município de Canoinhas é possível perceber a alusão à riqueza gerada pela erva-mate e pela madeira, tornando viva, no imaginário da população, essa representação. Cabe citar a segunda e terceira estrofes do hino:

Santa Cruz de Canoinhas, tua glória,  
na colina sagrada raiou,  
e em lampejos de esplêndida história,  
até nós flamejante chegou.  
**Capital da erva-mate e do pinho**  
das imbuías galhardas do sul,  
onde o sol e a amplidão tem seu ninho,  
e o esplendor dos trigais beija o azul. (Grifo nosso).

O hino deixa registrado o que a população de Canoinhas, especialmente os ervateiros, sempre almejou para o município o título de capital da erva-mate. Além disso, como a letra foi escolhida por meio de um concurso, percebe-se que a

representação da erva-mate não foi simplesmente imposta por um governo, mas estava instituída no imaginário social da comunidade.

- Título de “Capital Catarinense dos Produtores de Erva-Mate”

De 1964 até o ano de 2001, o município de Canoinhas ostentou o título de “Capital Mundial da Erva-Mate” que, mesmo não sendo oficialmente registrado, simbolizava uma das principais riquezas presentes em sua história. O título de Capital Mundial foi dado durante a 1ª. Festa Nacional do Chimarrão, realizada em Canoinhas. O jornal Correio do Norte registrou o acontecimento:

Conforme noticiário estadual e nacional, Canoinhas elevada à Capital Mundial do Mate, desempenha perfeitamente, tal título, e essa capacitação ficou demonstrada durante os três dias das solenidades da 1ª. Festa Nacional do Chimarrão, foi a declaração do sr. secretário da Agricultura ao regressar à Florianópolis (Jornal Correio do Norte, 05 jul 1964, p. 01).

Durante muitos anos, Canoinhas foi simbolizada pelo título de Capital Mundial da Erva-Mate, mesmo sem ter mais a significativa produção de mate que lhe justificasse o título. Somente a partir do ano de 2001, com a aprovação da lei número 11.919, Canoinhas foi sancionada como “Capital Catarinense dos Produtores de Erva-Mate” (OLIVEIRA, 2005).

Por causa do título de Capital Mundial, durante muito tempo perdurou no imaginário da população local a ideia de que Canoinhas era grande produtora de erva-mate, mesmo quando sua produção já havia decaído. Além disso, os demais símbolos e monumentos presentes na cidade pareciam reforçar o título dado ao município.

Porém, não era somente o município de Canoinhas que almejava o título de capital da erva-mate. Tal denominação era disputada também por outras cidades, especialmente Mafra (SC) e São Mateus do Sul (PR), que competiam entre si na produção de mate.



- “Erveira-Mater”

“Erveira-Mater” foi o nome dado a uma erva existente em Canoinhas, tornada monumento público municipal por ser considerada a maior do Brasil. Com 17 metros de altura e 2,45 metros de circunferência, a erva foi efetivamente descoberta em 1961, pelo pesquisador regional Orty de Magalhães Machado. Localizada na Rua Getúlio Vargas, a “Erveira-Mater” foi elevada à Monumento Público pela Lei número 523, de 7 de março de 1961.

O Jornal Barriga Verde destacou a “Erveira-Mater” em suas páginas:

Diz-se ser a maior erva do mundo. Se não for, é pelo menos uma das maiores, e a mais bonita. É agora, graças ao dr. Orty, mais uma das atrações da cidade, invariavelmente visitada por todos que aqui chegam. **Erva-mate, e Canoinhas, são vocábulos inseparáveis. Por isso nosso afeto a esse exemplar maravilhoso,** que as gerações passadas pouparam quando por aqui havia erveiras por toda parte e que a atual geração cuidará com carinho, para que jamais desapareça do cenário da Princesa do Planalto, a Capital da Erva Mate (Jornal Barriga Verde, 10-12 set 1961) (grifo nosso).

Apesar da preocupação demonstrada no jornal com a preservação da erva, tornada então símbolo de Canoinhas, com o passar dos anos e o crescimento e urbanização da cidade, a “Erveira-Mater” foi sendo esquecida pela população. A própria Lei que a tornou monumento público deixava claro em seus artigos 2º. e 3º.:

Art. 2º.) Tratando-se de um símbolo de nossa principal indústria extrativa, **a erva em questão deverá ser preservada, mesmo a pretexto de qualquer obra urbanística.**

Art. 3º.) A Prefeitura Municipal tomará a seu cargo a sua guarda e conservação, construindo para tanto as obras que se fizerem necessárias. (Jornal Barriga Verde, 08 mar 1961) (grifo nosso).

Porém, nem mesmo a lei conseguiu fazer com que a “Erveira-Mater” fosse preservada. Em 1971, dez anos depois de ser oficialmente elevada a símbolo de Canoinhas, o Jornal Barriga Verde registrou o abandono em que a árvore se

encontrava, chegando a comparar a sua preservação com a da Igreja da Candelária, monumento carioca.

**Por lei municipal [a erveira-mater] foi considerada monumento da cidade. Mas depois... o esquecimento. O abandono.** E até coisa muito piór... A Prefeitura Municipal procedeu nivelamento parcial do prolongamento da rua Getúlio Vargas, lado oeste da cidade, onde viceja o raro espécime. E suas raízes estão desamparadas, sua vida comprometida, para tristeza, muita tristeza daqueles que tanto a admiram. E não se diga que a rua tem que ser nivelada a qualquer preço. Isso não! Em plena avenida Getúlio Vargas, no Rio de Janeiro, aberta a custa de demolição de quarteirões inteiros, um monumento histórico foi poupado, e lá está, em plena Avenida Presidente Vargas, a famosa Igreja da Candelária! Ela era importante demais para ser demolida, e ninguém nela tocou! **Pois bem, nossa erveira-mater, na terra da erva mate, na capital mundial do mate, deve ser conservada, custe o que custar,** mesmo construindo-se abrigo às suas raízes, em plena rua Getúlio Vargas (Jornal Barriga Verde, 07 fev 1971) (grifo nosso).

Mesmo com a preocupação demonstrada pelos jornais com a preservação da “Erveira-Mater” e a Lei instituindo que a Prefeitura era a responsável por sua guarda, a rua Getúlio Vargas foi asfaltada, provocando a destruição da árvore símbolo de Canoinhas. Atualmente, a única lembrança conservada da erveira é uma grande foto sua exposta no Museu da Erva-Mate de Canoinhas.

A figura 12 mostra uma foto da “Erveira-Mater”, retirada do Jornal Barriga Verde no ano de 1964. Apesar da pouca nitidez da imagem, nota-se, abaixo da árvore, a presença de três homens, dando uma noção do seu tamanho.



Figura 12: “Erveira-Mater”  
Fonte: Jornal Barriga Verde, 28 jun 1964, p. 01.

A Erveira-Mater foi destruída para dar lugar ao “progresso” que a região de Canoinhas estava vivendo durante a década de 1970. A necessidade de crescimento e de urbanização foram mais importantes do que a preservação da árvore, espécie de árvore esta que, apesar de se destacar pelo seu tamanho, ainda existia em grande quantidade na região.

## 2.2.2 A cuia de chimarrão

- Monumentos

Um dos principais símbolos da erva-mate no município de Canoinhas está representado por um monumento em forma de cuia de chimarrão, presente na praça “Lauro Muller”, no centro da cidade.

O monumento, uma homenagem dos produtores, comerciantes, industriais e exportadores de erva-mate a Canoinhas, foi erguido em 12 de setembro de 1961, ano do cinquentenário do município. Apesar de já deteriorada pelo tempo, a “cua da praça”, como é chamada pela população, é apresentada pela prefeitura em folders e cartazes, como um atrativo turístico do município. Porém, mais do que isso, ela configura uma representação do imaginário de Canoinhas (figura 13).



Figura 13: A “cua da praça”  
Fonte: Arquivo pessoal, 2008.

A década de 1960 foi decisiva para a construção de uma identidade voltada para a cultura da erva-mate em Canoinhas. Além do monumento construído em 1961, nesse mesmo ano ocorreu o concurso para a escolha do hino municipal. Depois disso, em 1964, como já destacado, foi instituído o Brasão e foi realizada a 1ª. Festa Nacional do Chimarrão, durante a qual Canoinhas foi elevada à capital mundial da erva-mate (mesmo sem ter nada oficialmente registrado sobre o título).

Tudo isso aconteceu num período em que a produção econômica da erva-mate encontrava-se em crise. Assim, para tentar manter a identificação do município com o mate, uma significativa simbologia foi implantada.

Dentro deste contexto, outro monumento que remete ao extrativismo e comercialização da erva-mate em Canoinhas, está presente no portal de entrada da cidade. Representado por uma canoa contendo duas pessoas e um carregamento de erva-mate, além da presença da cuia de chimarrão, a estátua talhada em imbuia demonstra também aos que chegam à Canoinhas a importância histórica do mate na região (ver figura 14).



Figura 14: Monumento presente no portal de entrada de Canoinhas  
Fonte: Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico, 2008.

Ainda na entrada da cidade, um monumento em formato de cuia de chimarrão, com o símbolo do Rotary Club de Canoinhas, deseja boas-vindas a quem chega. Percebe-se, na figura 15, o símbolo à frente do portal do município.



Figura 15: Símbolo do Rotary Club de Canoinhas na entrada da cidade  
Fonte: Arquivo Pessoal, 2004.

- Outras imagens

Além de toda a simbologia referente à cultura da erva-mate, já apresentada, outras imagens fazem parte do município de Canoinhas, representando sua afinidade com o mate e o chimarrão.

Estes símbolos, que passam quase despercebidos para a comunidade, acostumada a morar e andar pela cidade, também destacam a cuia de chimarrão. Exemplos disto podem ser percebidos no desenho das placas de nomes de ruas em Canoinhas e nos detalhes do piso do Calçadão da cidade (ver figuras 16 e 17, respectivamente).



Figura 16: Placa de nome de rua  
Fonte: Arquivo Pessoal, 2008.



Figura 17: Piso do Calçadão de Canoinhas  
Fonte: Arquivo Pessoal, 2008

Cada imagem referente à cuia de chimarrão presente em Canoinhas contribui para simbolizar e tornar visível a identificação do município com a erva-mate. Essa simbologia, além de ser utilizada como atrativo turístico, dá uma identidade à população local.

### 2.2.3 Museu da Erva-Mate

Inaugurado em 2004, durante a realização da 13<sup>a</sup>. Fesmate (Festa da Erva-Mate) em Canoinhas, o projeto do museu foi implantado pelo poder público, com o apoio do Sindicato dos Produtores de Erva-Mate (SINDIMATE). A aquisição e montagem de seu acervo foram feitas pela turismóloga Viviane Bueno, com o objetivo de criar um atrativo cultural para a região de Canoinhas.

O Museu da Erva-Mate fica localizado no Parque de Exposições Ouro Verde, e seu principal atrativo é uma canoa histórica, construída por volta de 1890, que se destaca pelo seu tamanho. Com 11,6 metros de comprimento e 1,4 metros de

largura, a canoa foi construída a partir de uma grande imbuia e é a maior embarcação do gênero conhecida na região (ver figuras 18 e 19).



Figura 18: Museu da Erva-Mate  
Fonte: Arquivo Pessoal, 2007.



Figura 19: Canoa histórica  
Fonte: Arquivo Pessoal, 2007.

A canoa foi encontrada em Canoinhas, no ano de 1979, no leito do rio Papuã, pequeno afluente do Rio Negro, na divisa dos estados de Santa Catarina e Paraná. Porém, somente em 2001 o Corpo de Bombeiros a resgatou, para então ser restaurada.

De acordo com o Jornal Correio do Norte (15 jul 2005, p. 10), a embarcação pertenceu a Antônio Corrêa de Mello, antigo morador de Canoinhas. Era denominada “Canoa da Vovó” e se destinava ao transporte de mercadorias, sobretudo de erva-mate, entre o interior de Canoinhas e a cidade de Rio Negro, no Paraná. Durante a Guerra do Contestado, por volta de 1914, a canoa foi atacada por revoltosos, que produziram dois rombos em seu casco, o que impossibilitou que a embarcação voltasse a navegar.

Além da canoa, o museu possui outros itens históricos ligados à produção do mate, como equipamentos e antigas embalagens do produto. Como o museu é mantido pelo Sindimate, destacam-se também no local as embalagens de erva-mate produzida pelas ervateiras associadas ao sindicato: Ervateira Seleme, Cooperativa de Produtores de Mate Canoinhas, Ervateira Baldo S.A., Ervateira Bonetes,



Sociedade Industrial, Comercial e Exportação Extra Mate Ltda, Empresa Industrial e Comercial Fuck S.A., Ervateira Ouro Verde, Indústria Canoinhense de Chá Mate Ltda, Ervateira Ewaldo Zipperer, Erva-Mate Canoinhas e Erva-Mate Timbó.

#### **2.2.4 Festa Estadual da Erva-Mate - Fesmate**

Realizada pela primeira vez no ano de 1988, a Festa Estadual da Erva-Mate foi promovida pelos ervateiros com o apoio da Secretaria Municipal de Educação e Cultura, da Cooperativa dos Produtores de Mate de Canoinhas e do Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal (IBDF).

A promoção de uma festa voltada para a cultura da erva-mate no município de Canoinhas teve como objetivo inicial “[...] fortalecer e divulgar os hábitos e tradições de seu povo, além de estimular a cultura, a exploração e o consumo da Erva-Mate” (Jornal Correio do Norte, 29 out 1988, p. 01).

A estrutura da primeira festa era pequena. Com uma programação que prestigiava artistas regionais e eventos que foram agregados à festa como a 3ª. Festa Agroindustrial e Comercial e a 4ª. Feira de Gado Geral, a Fesmate agradou o público que não pagava nada para ver as atrações e visitar os stands de expositores da indústria e comércio canoinhense (Jornal Correio do Norte – Especial XIII Fesmate, set 2004, p. 01)

Desde então, a festa congrega produtores e comerciantes, que expõem seus produtos nos estandes do Parque de Exposições Ouro Verde. Além das exposições, a festa atrai a presença do público com a realização de shows regionais e nacionais, apresentação de grupos folclóricos e gastronomia típica.

Com o tempo, porém, os shows se tornaram a principal atração da festa, ao contrário do que acontecia nas suas primeiras edições, onde estes apareciam em

segundo plano. O Jornal Correio do Norte, de 10 de setembro de 2004 (p. 02) constata:

[...] **a festa descaracterizou-se**. Não existe mais uma temática bem trabalhada. Não que isso seja culpa dos organizadores da festa. O fato é que a indústria ervateira canoinhense está trabalhando cada vez mais timidamente. **Uma festa da dimensão da Fesmate é grande demais para uma indústria que infelizmente vem decaindo em proporção**. [...] Disso tudo podemos concluir sem medo de errar que a Fesmate, mesmo que de forma aleatória, cresceu, se tornou uma festa regional, ao passo que a indústria que a prestigia decresceu. Se comparado há alguns anos, o *ouro verde* já não está mais dourado (grifo nosso).

Com o decréscimo da produção de erva-mate no município de Canoinhas, também a sua tradicional festa acabou por mudar os seus valores. Durante alguns anos, os shows atraíram mais a atenção do público e até mesmo as indústrias ervateiras se mostraram alheias à realização da festa. Mas o símbolo da erva-mate e da cuia de chimarrão continuavam presentes na divulgação da Fesmate, estimulando o imaginário da população no tocante ao desenvolvimento baseado na cultura do mate.

As últimas edições da festa, porém, foram organizadas de modo a tentar reverter esse quadro. Com a apresentação de shows regionais e atrações voltadas para a família, a Fesmate busca retomar também a participação dos ervateiros da região, numa tentativa de voltar aos seus objetivos originais.

As figuras a seguir apresentam os cartazes de duas das Fesmates. A figura 20 mostra o cartaz da 2ª. Festa da Erva-Mate, enquanto a figura 21 apresenta a divulgação da 16ª. Fesmate, ocorrida em 2007.



Figura 20: Cartaz da 2ª Fesmate  
 Fonte: Jornal Correio do Norte, 09 set 1989, p. 01



Figura 21: Cartaz da 16ª Fesmate  
 Fonte: Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico, 2008

### 2.3 O conjunto de símbolos e o imaginário

O conjunto de símbolos, mostrado anteriormente, que remete a uma forte identificação do município de Canoínhas com a erva-mate, pode ser considerado uma estratégia pedagógica para a estruturação do imaginário da população local, que se vê quase que diariamente confrontada com alguma imagem do mate.

De acordo com Ferrara (1997), a imagem da cidade constrói um sistema que determina um modo de entender, avaliar e valorizar essa cidade. Assim, os símbolos correspondem a “uma didática que ensina o que é e quem é quem na cidade”, e a percepção coletiva que a população tem das imagens permite a ela identificar o poder que organiza o município.

No caso do município de Canoinhas, muitas das imagens que compõe seu espaço urbano estão relacionadas à erva-mate. Dessa forma, esses símbolos determinam o modo de entender a cidade, sempre atrelando o desenvolvimento de Canoinhas e/ou sua identificação à produção de erva-mate, mesmo que hoje esta não seja sua principal atividade. No imaginário da população local, porém, foi construída uma representação de que Canoinhas e erva-mate são praticamente inseparáveis.

Independente da atual produtividade de erva-mate no município, toda a história de Canoinhas tem seu início com o extrativismo e o desenvolvimento que este gerou em sua época áurea. Com isso, e juntamente com os símbolos, a sociedade canoinhense perpetua em seu imaginário essa “cidade do passado”, onde a atividade ervateira era de grande importância para o município.

Mas essa cidade do passado é sempre pensada através do presente, que se renova continuamente no *tempo do agora*, seja através da memória/evocação, individual ou coletiva, seja através da narrativa histórica pela qual cada geração reconstrói aquele passado. É ainda nessa medida que uma cidade inventa seu passado, construindo um mito das origens, recolhendo as lendas, descobrindo seus pais ancestrais, elegendo seus heróis fundadores, identificando um patrimônio, catalogando monumentos, atribuindo significados aos lugares e aos personagens, definindo tradições, impondo ritos. Mais do que isso, tal processo imaginário de invenção da cidade e de escrita de sua história é capaz de construir utopias, regressivas ou progressivas, através das quais a urbe sonha a si mesma (PESAVENTO, 2007, p. 16).

Se analisarmos as palavras de Pesavento, tomando por base o município de Canoinhas, veremos que a “invenção” do seu passado está diretamente relacionada com a erva-mate: os fundadores da cidade chegaram até ela a fim de explorar a erva-mate; o patrimônio e os monumentos de Canoinhas (como já visto anteriormente) têm relação com o mate, e entre suas tradições está o hábito do chimarrão. Assim, percebe-se que a memória e o imaginário da população local, independente da geração a que pertence, reconhece que a erva-mate teve influência decisiva no processo de desenvolvimento de Canoinhas.

Apesar de as pessoas mais idosas serem portadoras de uma memória coletiva que relembra os tempos áureos da erva-mate, também os mais jovens aprendem, na escola, o significado da erva-mate para Canoinhas. Exemplo disto está no Jornal Correio do Norte, de 16 de junho de 2000, que apresenta uma

reportagem com o título “Alunos plantam flores e erva-mate”, uma atividade que ocorreu na praça em frente à rodoviária da cidade. Qual o objetivo de se plantar flores e *erva-mate* se não contribuir para fortalecer o imaginário dos alunos quanto à importância deste produto para Canoinhas? Além disso, o local escolhido para a atividade também parecia ter um significado, já que qualquer pessoa que chegasse de ônibus à cidade notaria a identificação de Canoinhas com a erva-mate.

Como o imaginário é um elemento de relações sociais que permite criar e recriar representações globais da sociedade, percebe-se a importância dos símbolos e imagens ligadas à erva-mate em Canoinhas. A simbologia possui um sentido pedagógico que permite à coletividade ter uma representação “específica” da sociedade canoinhense, representação esta que identifica tanto o município como a população, com os costumes e tradições da produção ervateira.

De acordo com Pesavento (2007, p. 17), por meio do processo imaginário, de uma “invenção” do passado e do futuro, a cidade tenta explicar o seu tempo presente. Dessa forma, ela acaba por definir uma identidade própria, “uma cara e um espírito, um corpo e uma alma”, que permite à população ter uma sensação de pertencimento à sua cidade.

Essa identidade pode ser entendida como o processo de construção de significado por parte dos atores sociais, baseado em um aspecto da cultura ou na inter-relação de um conjunto de aspectos culturais, que prevalece(m) sobre outras fontes de significado. Para um certo indivíduo, ou para um grupo de pessoas, pode haver múltiplas identidades (CASTELLS, 2002, p. 22).

A identidade é, assim, uma construção histórica que se dá em um determinado espaço geográfico, entre pessoas ou grupos que organizam sua vida com base num conjunto de valores compartilhados. Esta identidade permite aos grupos constituírem papéis, normas e valores que serão adotados por todos os componentes do grupo (BAPTISTA, 2003).

O imaginário social está diretamente relacionado à construção identitária de uma região, já que as representações coletivas e símbolos que povoam o imaginário de uma população são os mesmos que contribuem para o fortalecimento de sua identidade.

Para Pesavento (1999, p. 163), a identidade de uma cidade se apóia em “marcos de referência” que, ao tempo que estabelecem um padrão identitário, também demonstram suas diferenças frente a outras cidades. Assim, o traçado urbano, os monumentos, os tipos de construção arquitetônica, as paisagens e os costumes observáveis principalmente nos centros urbanos são elementos individualizantes, que caracterizam uma identidade local.

Todos os símbolos e imagens presentes em Canoinhas reavivam, no imaginário da população local, uma época em que o município passou por um intenso desenvolvimento que lhe possibilitou grande destaque dentro do Estado de Santa Catarina. Essa fase áurea passou, mas a identificação com a produção de erva-mate continua. Mesmo com outros produtos movendo a economia canoinhense, é o “ouro-verde” que ainda continua como símbolo maior de crescimento e desenvolvimento ou, pelo menos, é isto que a cidade demonstra para sua população e visitantes.

### 3 MEMÓRIA SOCIAL, IDENTIDADE E DESENVOLVIMENTO EM CANOINHAS

O presente capítulo tem como objetivo identificar a relação entre o desenvolvimento da região de Canoinhas e a cultura da erva-mate, por meio da análise do comércio desse produto nas décadas passadas e de sua influência social e econômica. Além disso, procurou-se avaliar de que maneira a simbologia da erva-mate no município de Canoinhas está presente no imaginário social, ou seja, se existe ainda uma identificação regional com a produção ervateira e de que forma está constituída.

Para isso, o capítulo foi dividido em duas partes: a primeira traz uma breve análise teórica sobre memória social e identidade e, num segundo momento, procura demonstrar como a população canoinhense vê a relação erva-mate x desenvolvimento regional.

A metodologia empregada na pesquisa foi a da história oral, por meio de entrevistas semi-estruturadas aplicadas junto à comunidade canoinhense, totalizando-se o número de 13 amostragens. Das pessoas entrevistadas, 03 são donos de ervateiras do município; 03 foram políticos da região (um ex-prefeito, um ex-vereador e um ex-deputado estadual); 01 é presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Canoinhas e 06 são pessoas com atividades diversas que, apesar de não terem relação direta com a produção de erva-mate, vivenciaram importantes períodos desse ciclo econômico. Os entrevistados têm de 30 a 85 anos, e todos têm conhecimento sobre a história local, seja participando do seu desenvolvimento ou em sua forma de analisar.

Para obtenção dos dados, primeiramente foi estabelecido contato com os entrevistados a fim de se agendar dia e hora para a entrevista. No decorrer de cada conversa, as falas foram gravadas, em formato MP3. Terminada esta etapa, todas as entrevistas foram transcritas, tendo-se o cuidado de manter o conteúdo e as falas originais de cada entrevistado.

Antes da realização de cada entrevista, a pesquisadora preencheu uma ficha (Anexo A) onde constam informações do entrevistado: nome, idade, local de nascimento, tempo de moradia em Canoinhas, sexo, escolaridade, profissão e origem étnica. As questões apresentadas durante a entrevista seguiram um roteiro pré-estabelecido (Anexo B), visando compreender a opinião do entrevistado com relação aos seguintes itens: qual o produto que mais se relaciona a Canoinhas no século passado e atualmente; a existência ou não de uma relação entre a cultura da erva-mate e o desenvolvimento regional; como o comércio da erva-mate influenciava a sociedade canoinhense; a representação de Canoinhas como Capital da Erva-Mate; o principal símbolo do município atualmente; a avaliação da Fesmate; a importância de Canoinhas para o norte de Santa Catarina e a questão da presença de uma cultura gaúcha na região. Ao término de cada entrevista, o entrevistado assinou uma autorização (Anexo C) para utilização de sua fala no presente trabalho de dissertação, bem como dos resultados desta pesquisa em congressos, seminários ou em publicações.

### **3.1 Memória social e identidade: uma breve análise**

Num primeiro momento, ao se procurar significar o que é memória, normalmente se define como uma lembrança, uma recordação de fatos já vividos. O termo, porém, é mais complexo do que se imagina. Muitos têm sido os estudos em diferentes áreas do conhecimento – psicologia, biologia e história – que tentam entender as questões relacionadas à memória.

De acordo com Le Goff (2003), o estudo da memória pode ser dividido em 5 fases: a memória das sociedades sem escrita; o desenvolvimento da memória da oralidade à escrita, que perpassa a Pré-História e a Antiguidade; a memória na Idade Média, com o equilíbrio entre o oral e o escrito; os progressos da memória escrita do século XVI ao XX; o desenvolvimento atual da memória.



Para os antigos gregos, a memória era representada pela deusa Mnemosine, mãe das Musas, protetora das artes e da história, a qual possibilitava aos poetas recordar o passado e transmiti-lo aos demais homens. Para os gregos, o registro dos fatos vividos contribuía para o enfraquecimento da memória, já que esta era transferida para fora do corpo da pessoa (KESSEL, 2008).

Com Platão, a teoria da memória se confunde com uma teoria do conhecimento. Numa passagem do Teeteto, Platão utiliza a metáfora de um bloco de cera que existe em nossa alma, um presente da deusa Mnemosine, o qual nos permite guardar as impressões nele feitas com um estilete. Em cada pessoa, esse bloco de cera tem qualidades diferentes, onde são marcadas as experiências vividas (SMOLKA, 2000).

Segundo Leroi-Gourhan (apud LE GOFF, 2003), nas sociedades sem escrita existiam especialistas da memória – homens-memória – que serviam como depositários da história. Além destes, chefes de família idosos, bardos e sacerdotes eram personagens que tinham o papel de manter a coesão do grupo.

Pode se perceber aqui duas formas de se tratar a memória. Enquanto Platão se referia à memória de cada indivíduo em separado, a existência dos homens-memória pressupõe a preocupação em guardar uma memória coletiva, importante para que o grupo se manter unido.

Com o aparecimento da escrita, há uma profunda transformação da memória coletiva, com um duplo progresso. O primeiro é a comemoração, com a utilização de monumentos para simbolizar acontecimentos célebres. O segundo é o aparecimento de documentos escritos em suportes especialmente destinados à escrita (LE GOFF, 2003, p. 428).

A escrita revoluciona a memória ao permitir registrar experiências e fatos históricos vividos pelo grupo, além de técnicas e outros saberes que antes eram apenas repassados oralmente entre as gerações.

Na Idade Média, a memória passa por novas transformações. Nessa época, passa a ser utilizada essencialmente para a difusão da doutrina cristã. “Trata-se da cristianização da memória e do catolicismo, a religião da recordação” (BARRETO,

2007). Essa memória cristã se manifesta anualmente nas comemorações de Jesus – Pentecostes, Páscoa, Natal, Quaresma, etc – e, diariamente, na celebração da eucaristia. Além disso, a memória também foi cristalizada nos santos e nos mortos (LE GOFF, 2003, p. 441).

O desenvolvimento da memória coletiva é definitivamente marcado na Idade Moderna, com o aparecimento da imprensa.

É a revolução da imprensa que marca o enfraquecimento da ‘arte da memória’ tão valorizada pela escolástica e que vai perdendo força no movimento humanista que caracteriza a Idade Moderna. O movimento científico inaugura a hegemonia do escrito e com isto aparece um tipo específico de sociedade, a sociedade leitora (BARRETO, 2007).

A partir do século XVIII, outros elementos contribuem para o alargamento da memória coletiva: a elaboração de dicionários e enciclopédias e a abertura de museus (em que se destaca a inauguração do Louvre em 1793). No século XIX e início do XX, mais dois fenômenos surgem para o desenvolvimento da memória: a construção de monumentos aos mortos e a invenção da fotografia, que permite guardar a memória no tempo de forma visual (LE GOFF, 2003).

Nos dias atuais, assistimos a uma revalorização da memória coletiva. Com a ajuda de novas tecnologias, entre elas o computador e a internet, e a facilidade de comunicação em todo o mundo, em grande parte resultantes do processo de globalização, torna-se mais fácil registrar o passado e “acessá-lo” a qualquer momento.

Em sentido estrito, a memória pode ser pensada como a faculdade humana por meio da qual é possível preservar traços de experiências passadas, tendo acesso a estes, pelo menos em parte, por meio de lembranças.

Na visão de Rousso (1998, p. 94-95), a principal função da memória é “garantir a continuidade do tempo e permitir resistir à alteridade, ao ‘tempo que muda’, [...] ela [a memória] constitui [...] um elemento essencial da identidade, da percepção de si e dos outros”.

Apesar de a memória, a princípio, parecer um fenômeno individual, próprio de cada pessoa, ela também deve ser compreendida como parte da sociedade, como um elemento construído coletivamente.

Para Michael Pollak (1992) a memória, seja ela coletiva ou individual, possui três elementos principais que a constituem: os acontecimentos vividos pessoalmente ou pelo grupo à qual a pessoa se sente pertencer, ou os que marcaram uma região e são ainda identificados pela pessoa; as pessoas e personagens com os quais cada grupo convive; os lugares pelos quais cada pessoa passou ou viveu.

Nas palavras de Seixas (2001, p. 51),

A memória age 'tecendo' fios entre os seres, os lugares, os acontecimentos (tornando alguns mais densos em relação a outros), mais do que recuperando-os, resgatando-os ou descrevendo-os como 'realmente' aconteceram. Atualizando os passados – reencontrando o vivido 'ao mesmo tempo no passado e no presente' –, a memória recria o real; nesse sentido, é a própria realidade que se forma na (e pela) memória. O tempo perdido e reencontrado (no sentido de retomado, de um tempo que começa de novo, e não do eterno retorno do mesmo) não se refere apenas ao passado, mas também ao futuro [...].

Pelos elementos que compõem a memória (acontecimentos, pessoas e lugares), pode-se perceber que nenhuma pessoa tem lembranças apenas individuais, pois estas estarão sempre ligadas a uma consciência coletiva, ou à sociedade em que esta pessoa convive e conviveu.

Maurice Halbwachs, já nas décadas de 1920-30 escrevia sobre o tema memória Segundo Halbwachs (2006), não existe uma memória puramente individual, já que cada indivíduo faz parte de uma sociedade mais ampla, na qual interage e se relaciona com diversos grupos. Cada grupo social, seja ele a família, a igreja, a escola ou qualquer outro de que faça parte, influencia a consciência, o pensamento e o modo de agir da pessoa, assim como é influenciado por estes. Desta forma, afirma o autor, nossas lembranças permanecem coletivas, mesmo que se trate de acontecimentos ocorridos somente conosco, porque na verdade jamais estamos sozinhos. Mesmo que não estejam presentes materialmente ao nosso lado, sempre levamos em nossa memória pessoas que fazem parte de nosso grupo social.

Para confirmar essa hipótese, Halbwachs apresenta o exemplo de uma viagem com alguns companheiros. Apesar de estar acompanhado dos amigos, durante a viagem tinha o pensamento cheio de imagens que não interessariam a eles, mas se ligavam a seus pais e outros amigos, pessoas que amava e de quem estava, naquele momento, afastado, e a quem associava as paisagens e acontecimentos da viagem (HALBWACHS, 2006, p. 50).

A sociedade, assim, age como uma espécie de “força invisível” que, mesmo que não a sintamos presente ao nosso lado, nos acompanha e influencia sempre. Para Halbwachs (2006, p. 61), “[...] a representação das coisas evocada pela memória individual não é mais do que uma forma de tomarmos consciência da representação coletiva relacionada às mesmas coisas”. Neste sentido, entende-se que todas as noções de mundo que temos foram introduzidas em nosso grupo por uma lógica social e as relações por ela determinantes; ou seja, é a sociedade que nos ensina e nos impõe todas as representações e leis com as quais convivemos e das quais, muitas vezes, nem nos apercebemos.

Nas palavras de Bosi (2001, p. 55)

O caráter livre, espontâneo, quase onírico da memória é, segundo Halbwachs, excepcional. Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado. [...] A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas idéias, nossos juízos de realidade e de valor.

Assim como os grupos sociais de que fazemos parte não permanecem sempre os mesmos, também as lembranças que temos de eventos passados estão sempre sendo reconstruídas, de acordo com a nossa consciência atual.

Para Pollak (1992), a memória sofre flutuações, dependendo do momento em que ela é articulada. As preocupações ou alegrias do momento são elementos que contribuem para a estruturação da memória, mesmo em referência à memória coletiva. O autor também trata do conceito de *enquadramento da memória*, o qual aponta como um trabalho constante onde o grupo ou a pessoa escolhe o que deve

ser lembrado e o que deve ser esquecido. Dessa forma, assim como Halbwachs, Pollak afirma que a memória é um fenômeno construído.

A memória, como uma construção, não leva as pessoas a simplesmente reconstituir o passado e, sim, a fazê-lo com base nas nossas perspectivas presentes, a partir de nossas relações sociais atuais (GONDAR; DODEBEI, 2005). “Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando com as percepções imediatas, como também empurra, ‘descola’ estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência” (BOSI, 2003, p. 36).

Para Pollak (1992) a memória social é entendida como um elemento constituinte da identidade, tanto individual quanto coletiva, na medida em que ambas, memória social e identidade, são importantes fatores do sentimento de continuidade e de coerência na construção e reconstrução de uma pessoa ou grupo.

Para entender melhor a relação entre memória social e identidade, vai-se discorrer rapidamente sobre o que é identidade.

Existem duas abordagens para o conceito de identidade: o essencialismo e o construtivismo. A noção essencialista é ligada à existência da identidade como um dado objetivo da realidade social, um fato pouco suscetível de evolução. Assim, de maneira simplificada pode-se dizer que “a identidade é simplesmente aquilo que se é” (SILVA, 2000, p. 74). Ser brasileiro ou ser negro, por exemplo. Já na perspectiva construtivista, a identidade é percebida como resultado de uma evolução histórica, de escolhas políticas e econômicas e de interações contínuas com outras identidades do espaço social (SEMPRINI, 1999). De acordo com o construtivismo, a identidade não “é”, ela está em permanente construção, num processo sem fim e para sempre incompleto (BAUMAN, 2003, p. 61).

Nessa perspectiva, observa-se que

[...] nenhuma identidade é monolítica e estática, fixada de uma vez e para sempre no tempo e no espaço. A identidade de um grupo social é uma criação coletiva que se configura no tempo, na história, e, portanto, está em permanente devir. (MONTIEL, 2003, p. 24)

Essa permanente construção da identidade pode ser melhor entendida se considerarmos a dinâmica das relações sociais como um dos principais fatores desse processo. A identidade se torna, então, híbrida, pois não existe uma identidade pura se estamos em permanente movimento (SILVA, 2005).

Assim, a construção da identidade se dá sempre com relação ao “outro”. Quando se fala “eu sou brasileiro”, isto significa que eu não sou chinês ou italiano, por exemplo. A identidade e a diferença são inseparáveis. Tomaz Tadeu da Silva (2000) compara a identidade com a linguagem: no dicionário, cada palavra tem um significado que reflete também o que ela não é. A palavra “vaca”, por exemplo, é formada por um conjunto de signos que informam que uma vaca não é um sapo, um cachorro ou outro animal. Para o referido autor, identidade e diferença são também mutuamente determinadas, ou seja, ambas são produzidas no contexto de relações sociais e culturais. Sob esse ponto de vista, só se pode dizer o que se é a partir do outro. Afirmar a identidade significa demarcar fronteiras, fazendo distinções entre o que fica dentro e o que fica fora.

A identidade se torna, então, diretamente influenciada pelas relações de poder, de quem pode “impor” a sua identidade, a fim de definir em uma coletividade e/ou comunidade quem é o “outro”. A normalidade não é identificada, e sim o “outro”, que tem diferenças quanto ao que a comunidade aceita por normal. Assim também a memória social pode ser influenciada, pois, dependendo do contexto sócio-político presente, a pessoa será levada a lembrar certos acontecimentos passados e esquecer outros.

De acordo com Hall (2005), podem ser encontradas três diferentes concepções distintas de identidade: as que se referem ao sujeito do Iluminismo, ao sujeito sociológico e ao sujeito pós-moderno. O sujeito do Iluminismo se baseia na idéia de um indivíduo centrado, racional e consciente, caracterizado por uma visão individualista do sujeito e de sua identidade. Para o sujeito sociológico, a identidade é constituída na interação entre o indivíduo e a sociedade, levando-se em consideração a complexidade do mundo moderno. Já o sujeito pós-moderno surge sem uma identidade fixa, permanente, mas, pelo contrário, fragmentado, composto não de uma, mas de várias identidades.

Essa fragmentação identitária do indivíduo pós-moderno está relacionada ao processo pelo qual a humanidade vem passando, devido à globalização. Com ela, a realidade mundial se apresenta cada dia mais complexa e as sociedades têm passado por rápidas transformações.

Na sociedade global, o indivíduo se desenvolve sob novas condições sociais, econômicas, políticas e culturais. As principais referências na constituição do indivíduo, como a língua, a religião, a história, as tradições e outros elementos culturais são complementados e impregnados por padrões, valores e símbolos que circulam mundialmente (IANNI, 1993). Com isso, abre-se um complexo processo de reconfiguração das identidades, que se tornam fragmentadas, transitórias e híbridas, permitindo o encontro entre as identidades tradicionais e os referenciais originados pelo processo de globalização (MONTIEL, 2003).

Percebe-se, novamente, que a identidade não é um “produto” pronto e acabado, mas um permanente processo de construção, em que diferentes culturas e sociedades implicam a hibridização da identidade. Com isso, a memória social acaba por sofrer um processo de negociação, em que a memória individual se confronta com a memória de outros, para então permitir a formação de uma nova identidade, então híbrida.

Bauman (2005) utiliza a expressão “mundo líquido” para referir-se à sociedade atual, em que as identidades estão em constante movimento. Nas suas palavras,

A construção da identidade assumiu a forma de uma experimentação infundável. Os experimentos jamais terminam. Você assume uma identidade num momento, mas muitas outras, ainda não testadas, estão na esquina esperando que você as escolha. Muitas outras identidades não sonhadas ainda estão por ser inventadas e cobiçadas durante a sua vida. Você nunca saberá ao certo se a identidade que agora exhibe é a melhor que pode obter e a que provavelmente lhe trará maior satisfação (BAUMAN, 2005, p. 91-92).

Essa “experimentação infundável” é um reflexo da fragmentação e da transitoriedade do processo de construção da identidade. Com a velocidade com que ocorrem as transformações no mundo atual, e com a facilidade de comunicação

e transporte para qualquer lugar do globo, a cada dia uma identidade pode ser “vestida”.

Bauman (2003) vê nesse processo de mundialização, e de conseqüente fragilidade dos Estados-Nação, a possibilidade de volta às comunidades. Ao se opor ao significado de sociedade global, a comunidade se apresenta como um lugar seguro, protegido contra a violência e os desequilíbrios do mundo moderno. Além disso, comunidade remete à idéia de identidade naturalizada, onde todos são tratados como iguais, e onde os “diferentes” são assimilados ou excluídos. Além disso, dentro de uma comunidade compartilha-se de uma memória social que contém as normas e valores importantes para essa comunidade e que podem contribuir para a conservação de seus costumes.

As comunidades locais, construídas por meio da ação coletiva, constituem fontes específicas de identidade. Essa identidade, porém, constitui uma reação de defesa contra os desequilíbrios e a desordem global e contra as rápidas e incontroláveis transformações decorrentes da globalização. As comunidades, assim, constroem abrigos (CASTELLS, 2002, p. 79). Esses abrigos procuram manter, pelo menos em parte, a cultura, a identidade e a memória social de um povo.

### **3.2 Memória e desenvolvimento na voz da sociedade canoinhense**

As entrevistas realizadas com moradores de Canoinhas permitiram avaliar a memória coletiva do povo canoinhense quanto ao desenvolvimento do município e o extrativismo que, por muitas décadas, foi a principal atividade econômica regional. Nas falas, foi possível perceber que há, entre praticamente todos os entrevistados, a percepção de que a memória individual contribui para formar uma memória coletiva acerca de determinado assunto, no caso a cultura da erva-mate. Independente de o entrevistado ser industrial do mate, político ou outra pessoa “comum”, observou-se



que todos têm histórias ligadas ao comércio da erva-mate existente no passado de Canoinhas.

Quando questionados sobre o principal produto relacionado a Canoinhas, os entrevistados fizeram uma clara distinção entre o passado e o presente do município. Nas décadas anteriores, a atividade econômica esteve essencialmente voltada para o extrativismo da erva-mate e da madeira. Com a exploração descontrolada dessas riquezas e seu quase desaparecimento, o que atualmente move o município, na visão dos entrevistados é, especialmente, a agropecuária.

Segundo o ex-deputado estadual Acácio Pereira,

Antes, Canoinhas era a base exclusiva da exploração da madeira e da erva-mate. A madeira, isso aqui era mata fechada, a erva-mate se criava debaixo do pinheiro. [...] a riqueza que nós tínhamos era essa, e era demais. Nós tínhamos os ervais grandes, coisa incrível de bonito, e o colono caprichava, ele roçava, limpava pra erva desenvolver bem. Dali a pouco foi abandonando, por isso, por aquilo, hoje não se cuida e quase não tem. Tem erva-mate ainda, mas não como antigamente.

Além de ressaltar as principais riquezas que foram desaparecendo da região de Canoinhas, o entrevistado destaca que antigamente “quem tinha um terreno com 30 alqueires ou coisa assim com erva, estava mais ou menos folgado, limpava os alqueires, cuidava e não precisava trabalhar muito, podia ficar tomando chimarrão na frente de casa porque o negócio vinha”.

A natureza, até então, era vista como algo infinito, que não precisaria de reposição de recursos. Assim, a erva-mate e a madeira não eram replantadas, porque existiam matas em abundância na região. Daí a afirmação de os proprietários de terras não precisarem “trabalhar muito”, além das épocas de safra. Quem trabalhava muito, e sempre, eram apenas os peões da fazenda. Porém, a grande e despreocupada exploração dos recursos naturais nas décadas passadas fez com que as riquezas diminuíssem muito. Com isso, a população viu-se obrigada a procurar alternativas para geração de renda, como a plantação de lavouras e a criação de gado.

O entrevistado, Aloysio Soares de Carvalho, concorda que o principal produto relacionado a Canoinhas “é a erva-mate, sem dúvida nenhuma. E em segundo lugar

a madeira”. Porém, ele também destaca que “a erva nativa, muitas delas, ou quase toda a totalidade foi arrancada em troca de plantação de agricultura”. Essa foi a principal atividade buscada pela população para contornar a crise da erva-mate.

O ervateiro, Alenir Pereira, destaca as várias empresas que existiam em Canoinhas e que trabalhavam com a exportação de mate para outros países:

Tivemos várias empresas que exportavam a erva-mate aqui em Canoinhas, como a indústria H Jordan, a Indústria Brasileira do Mate, que antigamente era a Indústria Zaguini. Tivemos a Bernardo Stam que era de Mafra, tivemos a Federação das Indústrias do Estado de Santa Catarina que era sediada em Mafra, com a filial da Cooperativa, aqui em Canoinhas, a Cooperativa do Mate, que tinha filiais em Irineópolis, Major Vieira, Itaiópolis. Então a erva-mate foi o grande alavancador da economia de Canoinhas no passado.

De acordo com Cilas Ziemann, a Cooperativa do Mate de Canoinhas (ver figura 22), fundada em 1934, comprava a produção dos associados e comercializava a erva-mate em condições mais favoráveis e, por isso, teve uma missão importante durante muitos anos. Luís Mário Dranka comenta que a cooperativa chegou a ter mais de mil sócios, “então, eram mais de mil fornecedores de erva-mate, pequenos engenhos e barbaquás, aos arredores aqui de Canoinhas”. Atualmente, a Cooperativa do Mate (ver figura 23) ainda continua com suas atividades, porém de forma diminuta, pois só pode comprar a erva-mate cancheada, já que não possui um barbaquá automático próprio.

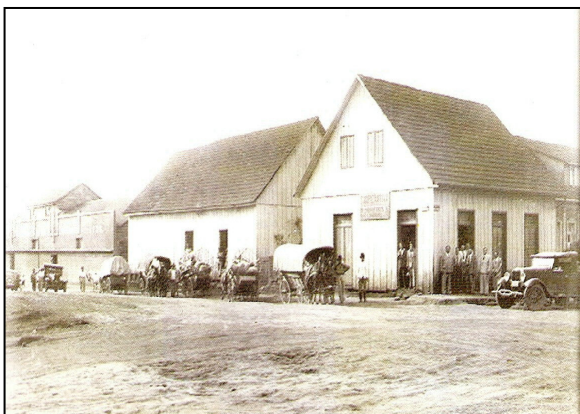


Figura 22: Cooperativa do Mate de Canoinhas na década de 1940  
Fonte: TOKARSKI, 2007



Figura 23: Atual Cooperativa do Mate de Canoinhas  
Fonte: TOKARSKI, 2007

Além da cooperativa, as demais empresas citadas foram de grande importância para a economia do município nas décadas passadas, mas, com as sucessivas crises pelas quais a produção ervateira passou, elas acabaram fechando. Muitas delas não tiveram nem seu espaço realocado, outras se transformaram em microempresas de comércio ou de agronegócios. Segundo Alenir Pereira, “ao longo dos anos ela [a erva-mate] foi perdendo seu espaço, cedendo lugar ao pinus, cedendo lugar à plantação de soja, depois à batata. Então a erva-mate, hoje, já não faz mais parte assim, importante, da nossa economia. Ainda é uma fonte de renda, mas bem reduzida”.

Destaca-se também que, com a diminuição da produção, os barbaquás tradicionais, que faziam o beneficiamento artesanal do mate foram se extinguindo, dando lugar às indústrias maiores que compram somente a folha da erva dos pequenos proprietários. Por isso, a distribuição de renda entre os produtores e comerciantes não é mais a mesma que na época em que cada proprietário tinha a sua estrutura para transformação da erva-mate.

Outra resposta interessante referente ao principal produto relacionado a Canoinhas nas décadas passadas é a de Edmar Padilha, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais do município. Ele lembra que, antigamente, quando se falava em safra, era da erva-mate que se estava falando, pois os gêneros alimentícios em geral eram produzidos somente para subsistência da família. Nas suas palavras:

Vamos começar do passado, que na época do pai nós trabalhávamos muito com a erva-mate e a safra era de erva: “Ah, agora vai vir a época da safra”, então a gente fazia erva-mate. (...) A erva-mate era a safra da época. Daí o pessoal fazia roça, plantava feijão, milho, pra tratar os animais deles durante o ano, mas a safra era de erva-mate. Isso com o tempo e a tecnologia foi vindo e tal e isso foi desaparecendo. Hoje ainda tem erva-mate mas hoje, já não se tem mais safra de erva-mate.

Frente ao exposto, pode-se observar que, na memória coletiva dos entrevistados, a erva-mate já foi uma grande riqueza da região de Canoinhas e teve papel importante na economia, o que já não acontece mais. Através de suas falas pode-se perceber que as lembranças individuais de cada entrevistado contribuem para a formação de uma memória coletiva que atribui importância à cultura da erva-

mate nas décadas passadas, quando o processo de beneficiamento ainda era artesanal.

A segunda pergunta indaga como se davam as relações sociais na região de Canoinhas. Quando questionados sobre qual a influência da cultura da erva-mate em Canoinhas, a maioria das respostas relata como se dava o comércio nos primeiros tempos do município. O fato interessante destacado é que a erva-mate era como uma moeda de troca no comércio local da época. Michel Seleme, descendente de árabes, e antigo comerciante da região, explica como funcionavam essas trocas:

**Até os anos 40 a erva-mate tinha assim, um poder muito forte pros que produziam.** É uma característica da época, isso era interessante, o cara chegava num armazém, não tinha supermercado, era uns armazéns que vendiam de tudo, mas não era supermercado, o atendimento era pessoal né, o cliente não se servia. [...] Então esse cara dizia: **“Olha, eu quero comprar, mas só pago na safra da erva-mate”.** Então a pessoa comprava o ano inteiro. Isso que é a coisa de hoje, essa facilidade não existe mais. O cara comprava o ano inteiro, comprava, digamos a produção de erva-mate é junho, julho e agosto, hoje não, hoje ele corta a qualquer hora, mas na época era só nativa, então a nativa teria que cortar pra ela brotar na época certa. Então era cortado no inverno, pra brotar quando chegasse a primavera, ela brotava tudo de novo né. Então **ele comprava de setembro a maio, pra depois pagar. Quando vendia a erva-mate pagava.**

Os entrevistados, Acácio Pereira e Kaissar Sakr, recordam também desse tipo de comércio, dando um enfoque para a confiança que existia, já que cada produtor comprava nos armazéns tudo o que necessitava, para pagar somente depois, com a safra de erva-mate.

O ex-comerciante Kaissar Sakr, que nasceu no Líbano e veio para o Brasil e instalou-se em Canoinhas na década de 1950, relata que “todo mundo fornecia pra safra, fornecia os colono, o povo que morava no interior, fazia fornecimento do comércio, na safra eles trocavam erva por mercadoria. Dinheiro circulava, mas era tudo a base de troca.” Tamanha era a valorização da erva-mate que o dinheiro ficava em segundo plano. “Mas naquela época assim ninguém tapeava o outro, eles davam certo tudo, agora hoje em dia não sei, acho que não fazem mais isso. Mas a erva mesmo, há uns 30, 40 anos atrás, era a base de troca”.

E assim também para Acácio Pereira:

**No comércio dessa erva era muito característico existir um pouco de confiança.** O ervateiro chegava, fornecia erva, precisava um pouco de dinheiro, levava um dinheiro e ficava com crédito já pra ir pagando o que ele ia gastar lá pra frente. Então vamos dizer de setembro em diante, ele entregava a erva e ia gastando o preço da erva até maio ou abril do ano seguinte, quando fazia de novo a erva. Quer dizer, depois de fazer a erva ele ficava devedor do comerciante e quando ele entregava a erva ele ficava credor, né.

O industrial do mate, Wilson Seleme, sobrinho do ervateiro Emiliano Abrahão Seleme, primeiro a instalar uma indústria desse gênero em Canoinhas, no ano de 1918, por meio de sua memória herdada, destaca que até mesmo o casamento dos filhos acontecia nas épocas de safra, já que, com a venda da erva-mate, o fazendeiro tinha dinheiro para fazer a festa.

No passado ele se sustentava com a erva-mate e com a terra de madeira **e ele programava até o casamento dos filhos para as épocas da colheita da erva-mate, porque aí ele tinha renda.** Aí ele podia pagar a festa do casamento com a produção da erva-mate, e é verdade. Ou então com a venda de um lote de pinheiro, um lote de imbuia. Os grandes fazendeiros eram assim, pouca coisa eles plantavam.

Como o extrativismo era uma atividade de fácil exploração e comércio, não havia a necessidade de se fazerem plantações nas propriedades, motivo pelo qual as atividades econômicas da região de Canoinhas giravam em torno da venda de erva-mate ou madeira.

Analisando-se as respostas anteriores, vê-se que todos os entrevistados destacam as mudanças no comércio de Canoinhas. Por volta das décadas de 1940 e 1950, todos relembram da confiança existente entre comprador e comerciante que, nos dias de hoje, já não ocorre mais. Tais respostas deixam claro que toda lembrança é reconstruída com base nas idéias e na vivência atual.

Dentro desta perspectiva, percebe-se que as falas vão sendo elaboradas de acordo com recordações passadas, mas sempre imbuídas de suas percepções do presente.

Por volta da década de 1940, a erva-mate era um produto de grande destaque não só na região do planalto norte catarinense, mas nacional e internacionalmente que, ao lado da madeira, impulsionou o crescimento de

Canoinhas. Muitas pessoas se instalaram na região motivadas pela fácil exploração extrativista. Como exemplo, pode-se citar o comentário de Edmar Padilha, quando afirma: “O meu bisavô foi um cara que veio lá da Lapa [...], chegou aqui atraído pela riqueza que tinha. Eu não cheguei a conversar com ele; quando eu nasci ele já tinha falecido, mas meu pai contava isso, é que ele veio atraído pela erva-mate, né”.

Na questão de como a exploração da erva-mate contribuiu para o desenvolvimento do município, os entrevistados referiram, em especial, a denominação de “Ouro Verde” que Canoinhas já teve, destacando a importância do mate para a região, e a “concorrência” com a madeira, outro produto extrativo de destaque.

Para Kaissar Sakr, “a cidade de Canoinhas tinha como base a erva-mate no começo, ela ajudou a cidade crescer. Bom, o nome dela era Ouro Verde, mudaram pra Canoinhas, de Canoinhas não sei o que [...]”.

Assim também para Wilson Seleme,

Sim, realmente **houve um desenvolvimento importante, basta dizer que Canoinhas tinha o nome de Ouro Verde, em função da erva-mate.** E a erva-mate e a madeira concorriam. Posteriormente a madeira teve maior volume de dinheiro, volume de mercado, e a erva teve dificuldade de mão de obra, principalmente agora, é muito difícil a mão de obra e a regulamentação desse elemento que vai extrair a erva nativa, as exigências hoje são grandes.

Já para Acácio Pereira, a madeira era mais importante para a região, enquanto a erva-mate servia como uma espécie de poupança para a população.

A madeira foi o que trouxe mais dinheiro para cá, desenvolveu mais. A erva-mate, vamos dizer assim, em comparação é aquilo que a gente podia ajeitar assim: o freguês, colono isso aquilo fez 300 arrobas de erva, sei lá, 400 arrobas, guarda, é a poupança. [...] Tinha aqueles que tinham que vender na hora né, mas o que podia segurar, ganhava dinheiro na erva-mate. A erva-mate era então uma força. **O ervateiro, o fazendeiro que tinha um ervalzinho bonito, o colono que tinha um ervalzinho bonito, ele era um homem folgado, porque aquilo servia, vamos dizer assim, pra comprar o caminhãozinho, o automovelzinho, fazer uma casa nova.** Então a erva produziu muito. Então, foram os dois pontos principais de Canoinhas, pro desenvolvimento de Canoinhas, foram a erva-mate e a madeira. **Quando a erva mate e a madeira deram em derrapada, Canoinhas passou muitos anos aí com dificuldade.**

Com a quebra da Bolsa de Valores de Nova Iorque, em 1929, e, mais tarde, com a falta do mercado argentino, que passou a plantar erva-mate em seu território, o comércio ervateiro do Brasil começou a decair, levando muitos produtores e comerciantes à falência. Este fato alterou até mesmo a denominação “Ouro Verde”, que foi abolida, passando a se chamar Canoinhas.

O bancário aposentado Aloysio Soares de Carvalho aponta, com a história de seu pai, o que muitos produtores e comerciantes viveram na região com as altas e baixas da erva-mate:

O meu falecido pai veio pra cá e se tornou o maior exportador de erva-mate pro Chile, pra Argentina, pro Uruguai, pro Rio Grande do Sul [...] Ele se instalou aqui, veio de São Francisco do Sul, Joinville e passou a explorar isso. E quando foi na década de 20, mais precisamente em 29, houve a explosão da Bolsa de Valores em Nova Iorque, né, a famosa quebra de Nova Iorque e com isso o mundo inteiro pereceu e faliu, e ele, o meu pai, faliu com o estoque de erva-mate gigantesco, todo pago e feito. Eram 700 mil arrobas de erva-mate que tinha estocado nos armazéns. [...] **Ele estava super rico, era considerado um príncipe da região e de repente, do dia pra noite, se viu falido com o estoque todo pago.**

Assim também comenta o entrevistado Cilas Ziemann, bancário aposentado e atual consultor de empresas, resumindo a situação da erva-mate na região de Canoinhas dessa forma:

**A erva-mate [...] representou um segmento muito importante na economia regional desde os primeiros tempos do município**, começo do século passado, e claro teve assim, como qualquer economia, teve seus altos e baixos. Ela gerou muita riqueza, teve muitos fazendeiros que puderam viver praticamente só de vender um tanto de madeira e explorar a erva-mate em extensas áreas né. [...] Mas a gente sabe também que com a quebra da Bolsa de Nova Iorque em 1929, os efeitos também se fizeram sentir aqui.

Os entrevistados relembram, assim, a primeira grande crise pela qual a erva-mate passou na região de Canoinhas de como a quebra da Bolsa de Valores de Nova Iorque, afetou muitos produtores e exportadores pela falta de mercado para vender o seu produto. O caso do pai de Aloysio Soares de Carvalho se destaca pela grande quantidade de erva-mate estocada que ele possuía, já que seu comércio era

um dos principais da região na década de 1920. Assim como ele, muitos comerciantes passaram por dificuldades e faliram com a crise então instalada.

Transparece nas respostas a memória coletiva de que a erva-mate foi um produto que trouxe riquezas à região de Canoinhas, inclusive contribuindo para sua povoação e desenvolvimento, mas que passou por muitas épocas de crise, em especial com a quebra da Bolsa de Nova Iorque e, mais tarde, com a falta do mercado argentino, que passou a plantar a sua própria erva. Além disso, a significativa exploração extrativista acabou desmatando os ervais e a madeira existente na região, dando lugar a monoculturas agrícolas.

Os questionamentos seguintes foram relativos aos símbolos de Canoinhas que destacam uma identidade ao município.

Um primeiro aspecto que atribui identidade a Canoinhas diz respeito ao título de Capital da Erva-Mate, que ainda hoje simboliza o município (porém, como a Capital Catarinense dos Produtores de Erva-Mate). A esse respeito, perguntou-se aos entrevistados o que o título representou o município no passado e se ainda representa na atualidade. As respostas foram diversas.

Para o industrial da erva-mate Luis Mário Dranka, “O título é uma questão assim, digamos, muito burocrática. Na época, nós tínhamos o título só que ele não foi registrado na Suíça. Então, todas as cidades que têm referência mundial, é só se tiver o título na Suíça”. Como na época as pessoas talvez não tivessem conhecimento disso, além da dificuldade de transporte entre os países “perdeu-se aquela oportunidade, se não de repente até hoje teria aquele título, mas ele era um título assim mais verbal”. Luis Mário também ressalta que, com o início da produção em outras regiões, o título que Canoinhas tinha começou a ser questionado por outros municípios.

Na opinião do entrevistado, Aloysio Soares de Carvalho,

**O título de capital da erva-mate tinha razão de ser, porque de fato era uma riqueza que circulava então,** já tinha havido a suplantação da falência generalizada da bolsa de valores, de 1929, e o país estava em desenvolvimento, o mundo já tinha superado a segunda guerra mundial e estávamos em franco progresso. E Canoinhas era de fato a maior produtora de erva-mate do mundo e exportava erva-mate também em grandíssima escala. E então merecia e lhe tinha de ser dado mesmo o



título de capital mundial da erva-mate. E hoje não merece mais porque os produtores, [...] dizimaram os ervais e passaram a plantar outras coisas em seu lugar. [...] Então, **infelizmente hoje ela não pode mais ser chamada de capital da erva-mate e eu tenho que dizer isso com grande sentimento.**

Do mesmo modo que para Aloysio, outros entrevistados confirmam que houve períodos em que a erva-mate representou o município, e que Canoinhas realmente merecia o título de Capital da Erva-Mate, o que não ocorre atualmente, conforme as falas do senhor Alenir Pereira:

[O título de Capital da Erva-Mate] Representou, representou. Canoinhas já representou, até porque não se tinha uma estatística mesmo se realmente era o maior município. **Foi assim um slogan que jogaram a Canoinhas: Capital da Erva-Mate, tá. Mas hoje nós não somos mais.** Hoje nós perdemos pra qualquer outro município pequeno aí que plantou mais até porque em Canoinhas está se plantando erva-mate, mas a quantidade é muito pequena, e ela não desenvolve tão bem. Já na região do Paraná, São Mateus do Sul, essa outra região aí, ela desenvolve muito mais. Então qualquer município aí que produz lá no Paraná, produz mais do que nós produzimos e deixamos de ser um dos maiores produtores de erva-mate.

Para esses entrevistados, Canoinhas já teve uma forte identificação com o título de Capital da Erva-Mate, mas já não pode ser considerada. É interessante notar, em várias respostas, a referência ao município de São Mateus do Sul, que faz limite com o município de Canoinhas, mas se localiza no Paraná, e sempre competiu com Canoinhas na produção de erva-mate e, conseqüentemente, pelo título de capital do mate. Outros entrevistados que citaram essa “disputa” foram Cecy Allage e Henrique Krzesinski.

Para a administradora aposentada Cecy Allage, o título de Capital da Erva-Mate “é uma questão de vaidade, porque São Mateus roga pra eles o título, e nós pra nós. Eu acho que já não é mais, preferia que fosse capital da soja ou não sei o que [...]”. Dentro da mesma linha de pensamento, o ex-vereador de Canoinhas Henrique Krzesinski diz que o município “manteve o título aí por uns 5, 10 anos ostentando o título, não sei se totalmente verdadeiro, de capital mundial da erva-mate, mas teve. Hoje não representa mais. São Mateus já nos passou pra trás faz tempo”.

A fala dos entrevistados é comprovada ao analisar-se a Tabela 03, que indica a quantidade de erva-mate cancheada produzida pelos municípios de Canoinhas e São Mateus do Sul entre os anos de 1990 e 2007. Nota-se que entre os anos 1990 até 2003 o município de Canoinhas tinha uma produção de erva-mate mais elevada do que São Mateus do Sul, situação que se inverteu a partir de 2004.

Tabela 03: Quantidade de erva-mate cancheada produzida entre os anos de 1990 e 2007 (em toneladas) nos municípios de Canoinhas (SC) e São Mateus do Sul (PR)

<b>ANO</b>	<b>CANOINHAS</b>	<b>SÃO MATEUS DO SUL</b>
1990	3.800	1.662
1991	25.000	1.795
1992	25.000	1.600
1993	25.000	1.450
1994	7.000	1.500
1995	7.000	1.550
1996	7.000	1.751
1997	5.000	1.800
1998	5.000	2.600
1999	5.200	2.800
2000	5.200	3.100
2001	5.200	3.651
2002	12.560	3.960
2003	12.560	5.180
2004	9.800	31.940
2005	8.600	30.560
2006	4.500	34.500
2007	4.500	31.500

Fonte: IBGE, 2009.

Independente da real produção de erva-mate, porém, e de sua representação na economia do município, outros entrevistados afirmam que o título de Capital da Erva-Mate deve continuar com Canoinhas. Acácio Pereira, por exemplo, afirma que “quem foi rei sempre tem coroa, vai ser sempre a Capital da erva-mate”. Palavras estas que são corroboradas por Michel Seleme: “ainda permanece, é a capital da erva-mate, porque continua produzindo ainda e pela sua parte histórica. Eu acho que ainda é o símbolo de Canoinhas. Hoje ainda é, digamos não tanto pelo volume financeiro, mas pela tradição”.

Os entrevistados que concordam que Canoinhas ainda é a Capital da Erva-Mate têm essa opinião não pela produção econômica, mas por uma questão histórica e de tradição. Com essas diferentes noções, a sociedade canoinhense vai contribuindo para a formação identitária da região.

Através da memória social canoinhense, percebe-se que a identidade da região foi sendo construída com base na produção e comércio da erva-mate, pois era basicamente ao redor desse comércio que os grupos sociais organizavam sua vida. Atualmente, existem outros elementos que atuam na construção identitária do município de Canoinhas, mas a erva-mate continua com sua representação. É o que se pode analisar nas demais respostas dos entrevistados.

Após o questionamento sobre o título de Capital da Erva-Mate, perguntou-se qual seria, então, o principal símbolo, a principal característica que representa Canoinhas atualmente. As respostas situaram-se basicamente em três referências: a agricultura diversificada, a erva-mate e o povo hospitaleiro.

Quanto à característica econômica da região, Alenir Pereira aponta que “nossa economia hoje está muito diversificada [...] Eu não vejo uma coisa que seja a maior produção. A economia está diversificada”. Assim também Edmar Padilha concorda: “Olha eu digo que hoje o que puxa é a agricultura mesmo, porque se você ver assim os que plantam trigo, soja, milho, principalmente esses três [...]”.

Já os entrevistados que assinalam ser a erva-mate ainda o principal símbolo de Canoinhas, deixam claro que o produto não tem mais tão grande importância econômica, mas pode representar o município pela sua história e tradição. É o caso das opiniões de Kaissar Sakr e Cilas Ziemann. Para o primeiro a erva-mate “representou claro, e ainda representa. Qualquer coisa: ‘Ah, Canoinhas? Antiga Ouro Verde?!’, porque se conhecia Ouro Verde, porque na época era um colosso. E agora também. Caiu um pouco, mas tá aí”. Nesta mesma linha de pensamento se vai a opinião de Cilas, “a erva-mate é a que marca mais. A erva-mate marca mais porque madeira nós tivemos bastante depois, mas que acabou também [...] E a erva-mate foi o que marcou mais a nossa região aqui”.

Outra resposta de destaque quanto à simbologia da erva-mate em Canoinhas é a de José João Klempous. Quando prefeito de Canoinhas, em um de seus discursos para visitantes do município afirmava:

Nós, os canoinhenses, temos muito da nossa gente, da nossa cultura, temos a ver com o hábito do chimarrão. A cuia representa o coração nosso; a erva-mate o verde, o futuro e a esperança, o futuro das gerações; a água quente que tomamos no chimarrão o calor da nossa amizade e a bomba que nós tomamos chimarrão é a bomba da paz mundial e do entendimento.

Além da agricultura diversificada e da erva-mate, outra característica, referida pelos entrevistados, a respeito Canoinhas é a de um povo receptivo e hospitaleiro. Como exemplo, pode-se citar Henrique Krzesinski que comenta:

**O que dá pra falar mesmo é que Canoinhas tem um povo muito bom, um povo muito bom, bom. Eu acho que é isso que representa: receptividade, tratamento, atenção. Claro que nós temos os nossos malandros também, sem dúvida nenhuma, mas a maioria graças a Deus é um povo muito bom. Ainda vive-se família aqui, ainda predomina, a força maior é família, é convívio.**

Cecy Allage cita que esse aspecto marcante de Canoinhas deve ser utilizado como atrativo para o desenvolvimento do turismo no município. Em sua opinião,

Se eu fosse lidar com turismo, dizia: 'Olha, quando você viaja pra fora a primeira coisa que mais te agrada não é ver lá as cataratas, por exemplo, é ver se o povo te recebe bem', e isso é uma característica de Canoinhas. Todo mundo que teve aqui então acham que o povo é bem receptivo, é comunicativo, que não é em todo lugar. [...] Falta iluminação, acho que é meio escuro aqui, devia de ser mais bem ajardinada, bem cuidada, mas o povo ainda conserva a sua característica boa eu acho. **De um modo geral o povo é receptivo, acolhedor, é caloroso.**

A entrevistada deixa claro que ainda existem muitos pontos a serem melhorados no município de Canoinhas, como a falta de iluminação e conservação da cidade, mas que o povo é bastante receptivo, e isso é o que marca mais a região.

Já Aloysio Soares de Carvalho afirma que Canoinhas, hoje, tem duas riquezas principais. "Uma grande coisa de que Canoinhas pode ter um orgulho muito grande [...] é o traçado das ruas de Canoinhas, sabe, o alinhamento das ruas, a largura das ruas, o esquadrejamento das ruas". Em sua opinião: "esse pormenor dessa riqueza, de traçado urbano, é um privilégio quase que único em todo o estado de Santa Catarina". Além desta, "outra riqueza que é atual em Canoinhas é a riqueza da mistura das raças que chegaram até aqui". Como a região foi ocupada por povos de diferentes etnias durante sua constituição, Aloysio afirma que "Canoinhas, portanto, pode ser chamada não só capital da erva-mate, mas capital da beleza humana, por causa do cruzamento das etnias que passaram a travar conhecimentos e dividir os usos e costumes entre si, e fazer os filhos que nasceram serem cordiais com todos".

Com essas referências sobre o principal símbolo de Canoinhas na atualidade pode-se fazer uma análise de como a identidade da região vai sendo construída. Se, nos primeiros tempos do município, a base se encontrava na produção de erva-mate, atualmente, apesar de existirem referências ao mate, outras características passaram também a identificar Canoinhas.

Percebe-se, portanto, que identidade não é um “produto” pronto e acabado, mas um permanente processo de construção em que diferentes culturas e sociedades implicam a hibridização da identidade. A memória social sofre um processo de negociação: a memória individual se confrontando com a memória de outros, e termina por constituir-se em uma nova identidade híbrida.

Essa hibridização da identidade ocorre em Canoinhas. Já não se tem mais como evidência somente a produção de erva-mate, mas há outras características que foram citadas pelos entrevistados. Verifica-se, assim, não um único aspecto que marca ou determina a região, mas uma mistura de elementos que contribuem na formação de uma identidade regional.

A questão seguinte na entrevista referia-se à Festa Estadual da Erva-Mate (FESMATE), que ocorre no município de Canoinhas desde 1988. Os entrevistados foram solicitados a dar sua opinião quanto ao “conteúdo” da festa, fazendo um comparativo entre os anos passados e a atualidade. As respostas foram quase unânimes: a FESMATE descaracterizou-se com o passar dos anos.

José João Klempous, prefeito de Canoinhas no final da década de 1980, conta que a idéia de se fazer uma festa no município surgiu com o exemplo da Oktoberfest, que acontecia em Blumenau. Klempous foi um dos idealizadores da festa, e lembra:

Na época, nós tínhamos também com o 12 de setembro, aniversário do município, teria que ter uma festa, um evento que o povo comemorasse. Na época fazia na rua assim, armava umas barraquinhas e eu pensei: “vamos fazer um parque de exposição pra mostrar aos nossos visitantes, na nossa sala de visitas as nossas potencialidades, o que nós produzimos, o que nós somos capazes, da nossa cultura, da nossa gente”, [...] e nada melhor que o nome de Fesmate.

Da idéia principal, porém, pouco restou. Muito já mudou com o passar do tempo. É o que pode ser observado nas palavras de Alenir Pereira:

Não, a Fesmate começou o primeiro ano, no segundo ano ela cresceu, no terceiro também e ultimamente ela ficou assim mais uma festa popular. **Existe a erva-mate sim, claro que existe, mas ela ficou uma festa mais focalizada e uma festa mais popular e mais diversificada também.** Tem a erva-mate, tem exposições de tratores, de máquinas, equipamentos agrícolas, enfim, de tudo aquilo que tem aqui na região. Então ela leva ainda o nome da Fesmate, mas porque foi acertado, foi batizada com este nome Fesmate, mas ela não desenvolveu até porque a erva-mate aqui em Canoinhas ela deu uma estagnada.

Outros entrevistados concordam em ter a festa se tornado mais popular. Cilas Ziemann diz que a FESMATE “virou mais uma festa popular, com shows artísticos e musicais, e o aspecto erva-mate, o produto erva-mate que leva o nome, ele ficou relegado a um plano muito inexpressivo”. Assim também para Wilson Seleme: “a festa da erva-mate tem pouca coisa de mate, [...] é um contexto todo de exposições de diversos comerciantes, diversas indústrias e rodeios, folclore, danças, bandas que vem pra alegrar, enfeitar a festa”.

A maioria dos entrevistados concorda que a principal festa do município de Canoinhas perdeu suas características iniciais e pouco reflete a identidade do município, pois a mesma foi dando lugar a shows e atrações voltadas mais para a atração de público de outras cidades da região do que para a confraternização da sociedade canoinhense.

Além disso, como a comercialização da erva-mate deu lugar à agricultura, outra festa já vem sendo realizada no município, com o nome de Agrofest. É para essa nova festa que Edmar Padilha atenta em sua resposta. Para o entrevistado, a FESMATE

não é mais assim a Festa do chimarrão, não, ela é uma festa do município que tem o nome de Fesmate, mas que não tá puxando mais da erva-mate. [...] **Portanto hoje a gente já tem uma segunda festa que fazemos que é a Agrofest** [...] e ela já não veio com o foco na erva, também na erva, mas ela veio com o **foco na agricultura familiar.**

A realização da Agrofest é mais um elemento simbólico que se soma à construção identitária da região de Canoinhas. Pelo que foi exposto, percebe-se que tanto a erva-mate quanto a madeira (mencionada pelos entrevistados) deixaram de ser os produtos que projetavam Canoinhas no cenário nacional e, porque não dizer, nas Américas. Como a erva-mate não contribui mais tanto para o desenvolvimento

do município, suas outras características começam a ser ressaltadas, como a agropecuária.

O entrevistado Luis Mário Dranka explica que a FESMATE começou a perder sua identidade inicial e como os organizadores estão tentando reordenar a festa. Segundo ele, “nas três últimas Fesmates, já começaram a resgatar a tradição de como era antes”. Um dos pontos que influenciou nesse sentido foi a proibição da venda de “capeta”<sup>15</sup>, bebida alcoólica consumida em demasia dentro do parque da festa, e que contribuía para a descaracterização da FESMATE. Além disso, os shows que acontecem na festa estão sendo revistos, procurando-se trazer mais atrações regionais que incentivem o sentido cultural e familiar da FESMATE. Outra importante melhoria comentada por Dranka foi a extinção da taxa cobrada pela prefeitura para os ervateiros poderem expor seus produtos na festa. De acordo com o entrevistado:

Quando eu estava no meu tempo da presidência (do SINDIMATE) [...], a prefeitura cobrava dos ervateiros pra expor. Os ervateiros estavam em crise, todos os anos que eu fiquei na presidência do sindicato foi uma crise braba, não tinha o que fazer, era salve-se quem puder. Então chegava a festa, a festa já é digamos no final de safra, na pior época de dinheiro porque você está pagando, comprando matéria prima. O ervateiro tem que tirar tudo o que tem pra comprar folha, fazer estoque e daí vem a Fesmate, e mais o custo do *stand*, mais arrumação, limpeza, pessoal pra trabalhar lá.

Assim, a participação dos ervateiros na FESMATE se tornava reduzida e contribuía para a descaracterização da festa. Diante da resolução da prefeitura em não cobrar mais a taxa do *stand*, novos ervateiros puderam fazer-se presentes na festa.

As outras indagações feitas aos entrevistados versavam sobre o desenvolvimento de Canoinhas e sua importância para a região do Planalto Norte Catarinense.

Em relação ao desenvolvimento, perceberam-se, nas respostas dos entrevistados relativas ao tema, opiniões diferentes na prática do que afirma a teoria.

---

<sup>15</sup> Bebida feita à base de aguardente destilada, frutas, mel de abelha e extrato em pó de guaraná.

O significado de desenvolvimento vem se modificando nas últimas décadas. Durante muito tempo, procurou-se levar para o Terceiro Mundo os modelos utilizados pelo Primeiro Mundo, a fim de que os países pobres pudessem melhorar seus índices econômicos e alcançar o desenvolvimento. Porém, as estratégias de planejamento não surtiram efeito, já que os países ditos subdesenvolvidos têm enormes diferenças, tanto em âmbito econômico, como sócio-cultural, em comparação com os países do Primeiro Mundo.

Além disso, uma das principais dificuldades encontradas é como se “medir” o desenvolvimento que é, muitas vezes, confundido com crescimento econômico, ou medido com relação ao produto nacional bruto ou a renda per capita. Os números, porém, podem ser enganosos, ao não considerar a exata distribuição da renda e as condições de vida da população como um todo.

Conforme Havens (1982), muitos estudiosos argumentavam que o desenvolvimento não poderia ser baseado na economia e que desenvolvimento econômico não poderia ser comparado com crescimento. Porém, na prática foi exatamente isso o que aconteceu, fazendo com que países fossem classificados como desenvolvidos ou subdesenvolvidos somente com base na renda per capita.

Estudos mais recentes, porém, passaram a tratar o desenvolvimento considerando não apenas seu aspecto econômico, mas também seus reflexos na sociedade, na política, na qualidade de vida das populações, entre outros. Exemplo disso pode ser encontrado em Sen (2000) e Yunus (2002).

Para Yunus (2002), a definição de desenvolvimento, entendido apenas como ‘alguma coisa per capita’, ou seja, apenas no âmbito do crescimento econômico, não leva em conta a essência do desenvolvimento. Para o autor, essa essência seria a “melhoria da qualidade de vida dos 50% da população que estão em situação menos favorecida”. Assim, não adianta medir a qualidade de vida de uma sociedade pelo estilo de vida dos ricos, mas sim daqueles que ocupam a camada mais baixa da escala social.

Sen (2000) colabora com a visão de Yunus quanto a se considerar a melhoria da qualidade de vida da população como requisito básico do desenvolvimento. Seu estudo, porém, compara o desenvolvimento à liberdade; liberdade esta que envolve



o poder de agir e tomar decisões, além das oportunidades que as pessoas têm, de acordo com suas circunstâncias pessoais e sociais. Para Sen (2000, p. 29),

O desenvolvimento tem de estar relacionado sobretudo com a melhora da qualidade de vida que levamos e das liberdades que desfrutamos. Expandir as liberdades que temos razão para valorizar não só torna nossa vida mais rica e mais desimpedida, mas também permite que sejamos seres sociais mais completos, pondo em prática nossas volições, interagindo com o mundo em que vivemos e influenciando esse mundo.

Ao tratar sobre o desenvolvimento de Canoinhas, os entrevistados deixam claro que houve melhoria da qualidade de vida decorrente das transformações tecnológicas e da modernização, se comparada com as décadas passadas, onde tudo era mais difícil. Henrique Krzesinski comenta sobre essas mudanças:

**Melhorou, a vida melhorou. [...] O progresso sempre é benéfico** né, é benéfico. Nós, quando queria telefonar pra Mafra, que é ali, nós tínhamos a Telefônica ali, na frente do Fórum, esperava meio dia, às vezes quase um dia inteiro e às vezes não dava ligação pra Mafra.

Porém, mesmo tratando de qualidade de vida, percebeu-se, na maioria das entrevistas, que a noção de “progresso” está muito ligada a crescimento econômico, demonstrando que, na prática, o pensamento é bem diferente da teoria.

Em relação ao desenvolvimento econômico da região de Canoinhas, alguns pontos foram focados com maior ênfase: a contribuição da etnia japonesa, que se instalou no município na década de 1960 e trouxe consigo novas técnicas e a mecanização da agricultura; a diversificação agrícola atual e a presença de grandes redes de lojas impulsionando o comércio. Outra relevância apontada pelos entrevistados foi a exploração madeireira na região que, ao invés de ser aproveitada para a industrialização, foi quase que totalmente vendida para outros municípios, estados ou países.

A erva-mate praticamente não apareceu em nenhuma resposta como impulsionadora do desenvolvimento sócio, político e econômico atual de Canoinhas. Edmar Padilha explica que existem pessoas que trabalham ainda com a erva, mas não de forma significativa. Segundo ele, a pessoa “tem a erva-mate num cantinho

[...], ele cultiva lá, [...] é mais uma coisa que tem na propriedade, mas ninguém fica assim esperando a safra de erva, é diferente do que já foi no passado”.

Assim, atualmente a erva-mate não é mais a principal produção. Ela ainda existe em várias propriedades, mas deixou de ser o “carro-chefe” da economia. Wilson Seleme assegura que “o motivo que foi eliminado os ervais foi a soja e o milho, a batatinha, a batata-semente e o pinus e o eucalipto. São culturas de mais renda do que a erva-mate. [...] Ela é um plantio de custo elevado e de cuidados especiais.”

A erva-mate foi devastada em grandes quantidades, as matas deram lugar a novas culturas e aparentemente pouco se fez para manter as tradições locais. Os reflorestamentos visíveis na região são de empresas que lançaram no mercado uma nova simbologia, em especial o *pinus* utilizado para fabricação de papel e celulose, e extensas plantações de fumo que abastecem as indústrias interestaduais, como é o caso da Tabacos S/A, Souza Cruz, entre outras. A quase totalidade dos entrevistados afirma que a agricultura é a força que está impulsionando Canoinhas.

Alenir Pereira, por exemplo, destaca a produção de fumo:

**Canoinhas está crescendo, Canoinhas está desenvolvendo em todos os setores**, quer seja aqui na cidade, nos bairros ou no interior está assim progredindo, até um bom desenvolvimento. Nós temos falado em cultura, em plantio, produtos agrícolas e produtos que são produzidos por agricultores e nós temos o destaque para o fumo, o tabaco. O tabaco hoje é um dos sustentáculos da produção de Canoinhas, porque ela abrange três, quatro mil famílias, que moram no interior e que plantam o fumo.

Também outros entrevistados deram enfoque à influência da etnia japonesa na mecanização e desenvolvimento da agricultura da região de Canoinhas. Cabe citar como exemplo as palavras de Henrique Krzesinski:

Com a agricultura veio a colônia japonesa, que teve um ciclo assim de mecanização agrícola que até então não havia, e não se conhecia o desempenho de mecanização agrícola. E com a vinda dos japoneses a partir de 60, 60 e pouco, houve assim um desenvolvimento extraordinário, também vinculado à produção nacional de veículos e tratores que a partir de 60, 63, começaram a produzir tratores nacionais. Então os japoneses conheciam a mecanização e difundiram, tanto é que muitos produtores rurais compraram, porque era fácil de comprar, mas o uso era pouco. **Hoje**

**está bem arraigado o desenvolvimento agrícola mecanizado em função principalmente dessa corrente japonesa.**

Além da mecanização e conseqüente desenvolvimento da agricultura em Canoinhas, outros entrevistados associam o “progresso” da região à presença de novas indústrias e grandes redes de lojas fortalecendo o comércio. Michel Seleme aponta duas épocas de “progresso” em Canoinhas. A primeira, nos anos de 1970:

**Canoinhas, veja bem, depois daquela queda do preço da erva-mate, ela ficou um pouco parada viu, o desenvolvimento foi lento. Ela teve um surto de progresso nos anos 70 [...] Foi aí quando o Procopiak<sup>16</sup> construiu, Zugmann construiu, Cararo construiu, Procopiak, Zaniollo que veio do Rio dos Poços e se instalou onde acabou terminando também. Então, houve um incentivo por parte do governo do estado, então houve um surto de progresso, foi nos anos 70. Depois disso ela estagnou de novo, né, foi remando devagar.**

Durante essa época, como já explicitado em capítulo anterior, o Brasil todo viveu o chamado “milagre econômico”, que levou desenvolvimento econômico também ao município de Canoinhas. Depois dessa fase, outro período de destacado “progresso” ocorreu depois de 1990, especialmente pelo desenvolvimento do comércio regional, como complementa Michel Seleme:

De 1990 pra cá vem funcionando de novo, mas já não é mais a erva-mate o principal produto da região, o comércio está muito grande. **Canoinhas está se tornando um pólo comercial, mais do que qualquer outra coisa.** Veja pela entrada dessas grandes redes de lojas, aqui só falta entrar uma, a Magazine Luiza. Depois do Ponto Frio, da Colombo, das Bahia, da Salfer, todas redes de lojas grandes, estão todas aqui.

Pode-se afirmar que os entrevistados “medem” o desenvolvimento de Canoinhas pela presença de redes de lojas. Cecy Allage, por exemplo, cita que os pequenos comércios estão se extinguindo. Na sua opinião, “cada vez vai ser pior, os grandes encobrimo os menores. Você vê gente de fora, essas grandes redes estão vindo pra cá, então quem tinha uma ‘bodeguinha’ aqui, está fechando, não sobrevive”. Henrique Krzesinski concorda e compara as décadas passadas com a atualidade. Para ele “[...] comparativamente houve melhoria e um sintoma disso é a

---

<sup>16</sup> Procopiak, Cararo, Zaniollo e Zugmann eram todas indústrias madeireiras.

instalação dessas grandes lojas de rede que Canoinhas tem quase todas elas, se não houvesse dinheiro girando elas não viriam [...]”.

Sobre o desenvolvimento econômico de Canoinhas, notou-se que os entrevistados salientam que o setor madeireiro contribuiu e ainda contribui para a economia da região por meio do extrativismo, mas ressaltam que essa atividade não foi aliada à industrialização local. Os proprietários de terras com pinheiros apenas vendiam a madeira, que ia quase toda para ser beneficiada fora do município. Henrique Krzesinski relembra como era a época em que trabalhou em duas serrarias:

Veja, eu trabalhei de 63 a 70 pro Zugmann, e de 68 a 73 eu trabalhei no Procopiak. Nesta época tinha um caminhão, tinha mais, **mas vamos dizer esse um caminhão, o que ele levou de tora de imbuia da nossa região** aqui, Irineópolis e a nossa região de Canoinhas, Bela Vista do Toldo aqui tudo, Major Vieira, tal, pra Rio Negrinho e São Bento, você não faz idéia. E imbuia, imbuia, imbuia que uma tora dava a carga do Chevrolet com Truck. Essa tora tinha que abrir pelo meio pra poder serrar lá, porque não tinha serra que serrasse aquela tora inteira, de tão grossa que era a tora.

Diante da quantidade de madeira que o entrevistado viu sair da região de Canoinhas para ser beneficiada em outros lugares, Henrique Krzesinski conclui que “se nós tivesse talvez industrializado essas toras aqui, feito esses móveis [...]. Imagine se os industriais da época tivessem comprado máquina e talvez industrializado aqui, nós estaríamos industrializando talvez até hoje tinha madeira, pinheiro e tudo”. Isso não foi, porém, o que aconteceu.

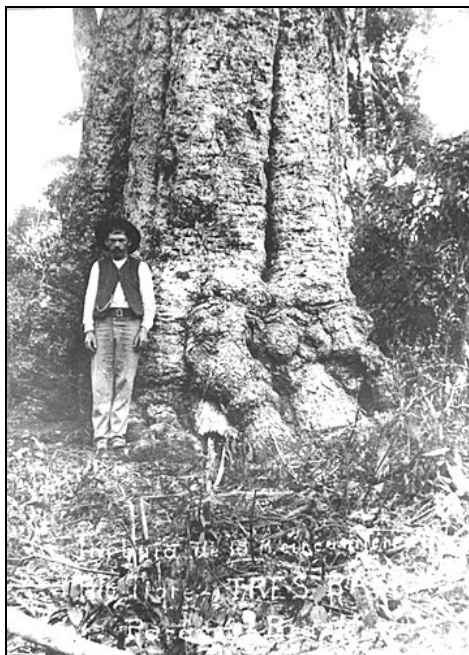


Figura 24: Imbuia com 10m de circunferência encontrada na região no início do século XX  
Fonte: MATHIAS, 1987, p. 16.

Como se percebe, a madeira era vendida somente como matéria-prima para que outros municípios a industrializassem agregando, assim, valor à sua produção, como feitiço de móveis, por exemplo. Esse foi o caso da cidade de São Bento do Sul, em Santa Catarina, que se tornou grande pólo moveleiro regional. Acácio Pereira comentou sobre a riqueza de madeira existente em Canoinhas e lamenta:

O erro: Canoinhas produzia madeira, ou exportava ou vendia pra São Bento fazer móveis. Eles vendiam pra São Bento, depois demorava 6 meses, 12 meses pra receber porque as indústrias estavam todas meio 'pipocando', todas fracas, mas foram se ajeitando e se tornaram grandes e nós aqui ficamos parados. **Podíamos ter feito aqui, e não deu jeito.**

Com essa expansão da indústria moveleira, muitos habitantes de Canoinhas deixaram a região em busca de emprego em São Bento do Sul. Outro entrevistado, Michel Seleme, afirma que “hoje, da região norte, do planalto norte [...], eu acho que, ainda a contragosto, eu acho que São Bento ainda está na nossa frente. Canoinhas seria no planalto norte a segunda, o segundo maior município de progresso.”

É impossível tratar da questão desenvolvimento sem levar em consideração a sociedade, pois ambos estão atrelados. É impossível falar sobre desenvolvimento sem remeter à sociedade. A sociedade, os grupos sociais são os mais interessados

em melhorar sua qualidade de vida, e é da sua organização e cooperação que, muitas vezes, partem as iniciativas e os pressupostos para que o desenvolvimento possa ocorrer.

A memória social torna-se decisiva para a construção histórica da vida social, além de propiciar a percepção do processo de desenvolvimento como algo que está sujeito a mudanças. São mudanças produzidas pela intervenção das forças sociais do presente, mas formadas a partir de acúmulos ocorridos historicamente (MESENTIER, 2008).

Todas as mudanças citadas pelos entrevistados fazem parte de sua memória social, e estas contribuíram para a formação identitária de Canoinhas. Se, nas décadas passadas, o desenvolvimento regional estava atrelado ao extrativismo da erva-mate e da madeira, atualmente a sociedade “mede” esse desenvolvimento com base no número de lojas e indústrias presentes na região.

Porém, independente do desenvolvimento de Canoinhas hoje, e de seu produto de maior destaque na economia, uma coisa é certa: o hábito do consumo da erva-mate, do chimarrão, sempre acompanhou o desenvolvimento regional. Exemplo disso está no comentário de Kaissar Sakr, quando questionado sobre o costume de se tomar o chimarrão:

Nossa senhora, nós todo dia tomamos chimarrão. O nosso horário agora é pelas 10 horas por ali, de tarde pouco, mas chimarrão sempre. Não conhecia, mas quando chegamos aqui, todos os parentes, a mãe, os tios já, e diziam: “mas que história é isso aqui?!” Que a gente lá via, escutava que aqui no Brasil faz uma erva, seca e prepara e é bom pra saúde. Mas de fato é bom mesmo. Sim claro, eu vim pra cá e gostei também claro, via meu pai tomar. **Desde que eu ‘tô’ aqui, 57 anos, difícil passar um dia sem tomar chimarrão.**

O hábito do chimarrão está arraigado entre os habitantes da região de Canoinhas, mesmo entre aquelas pessoas vindas de outros lugares e que acabaram se adaptando ao costume. Luiza Preissler, descendente de alemães, mudou-se de São Bento do Sul para Canoinhas na década de 1950, e relembra:

[...] depois quando eu vim pra casa [em Canoinhas], aí eu tomava chimarrão todo dia também. Depois a tia Carolina estava morando aqui em cima, aquela outra minha prima também e a tia Maria também tomavam

chimarrão. **Daí todo mundo tomava. O tio, a prima e tudo eles tomavam chimarrão.**

Como última questão da pesquisa, perguntou-se aos entrevistados se eles percebem na região de Canoinhas traços da cultura gaúcha, já que o Rio Grande do Sul tem a “fama” do consumo do chimarrão, e como esta se manifesta no município. A maioria das respostas afirma que não existe uma base gaúcha no hábito de se tomar o chimarrão na região de Canoinhas e que este estaria relacionado à produção da erva mate e, simultaneamente, pelos costumes deixados pelo caboclo que consumia o mate extraído da natureza.

As falas de Alenir Pereira e de Edmar Padilha servem de exemplo. Para o primeiro,

Não, aqui eu acho que o nosso pessoal, aquele que era filho de agricultor e que sempre tomou o chimarrão, continua tomando. Eu acho que o gaúcho, o Rio Grande não teve assim grande influência no consumo da erva-mate, vamos dizer no consumo, não aumentou os nossos tomadores de chimarrão. **Aqui nós sempre tivemos o caboclo, nós todos sempre tomamos chimarrão e continuamos tomando chimarrão. Não é o gaúcho que trouxe aqui, nós já tínhamos o hábito**, esse hábito que nós herdamos já vem de avós, de bisavós, lá da fundação de Canoinhas, Canoinhas já era rica em erva-mate.

Edmar Padilha corrobora a afirmação de Alenir Pereira:

Nós não divulgamos muito o nosso negócio, mas aqui já tinha chimarrão sempre, não vinha gaúcho aqui tomar mate. Eles tomavam o mate deles e nós tomávamos, então não vejo assim que isso é uma cultura gaúcha, **é uma cultura regional, pois a erva estava aqui e os tomadores de mate já estavam aqui.**

De acordo com os entrevistados, o gauchismo encontrado no município de Canoinhas é uma cultura mais recente, trazida pelos Centros de Tradição Gaúcha, que acabaram por espalhar os costumes do Rio Grande do Sul por várias cidades do país e do mundo. Assim, existem manifestações culturais típicas do povo gaúcho que acontecem na região de Canoinhas, como bailes, rodeios e outras atividades

ligadas aos CTG's, mas que, na opinião dos entrevistados, é recente e não está ligada ao hábito de se consumir o chimarrão. Para Wilson Seleme

Aqui não tem a cultura gaúcha, estão tentando colocar hoje em rodeios, porque não houve no passado essa cultura. **Folclore gaúcho, bombacha, ninguém andava, agora que estão usando.** Com o CTG, mas mais um folclore regional, até pra festividades, pra encontros, lazer né [...]

Pode-se, concluir que a erva-mate é um produto que notabilizou a região de Canoinhas, permanecendo por muito tempo como a principal referência identitária do município. Com o passar dos anos, porém, o extrativismo foi dando lugar a novas atividades agrícolas e comerciais, e a identidade regional foi tomando novas formas.

A erva-mate continua sendo consumida pela população da região, na forma do chimarrão, e este hábito, aliado aos demais símbolos encontrados em Canoinhas, como os monumentos e as placas em formato de cuia (apresentados no capítulo 02), deixam transparecer uma identidade voltada a essa tradição. Além disso, o imaginário e a memória social da comunidade regional, especialmente no que diz respeito às pessoas que vivenciaram o período áureo da produção da erva-mate, contribuem para demonstrar essa identificação.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A região de Canoinhas tem sua história marcada por dois importantes ciclos econômicos: o da erva-mate e o da madeira. A natureza proporcionava estes produtos em abundância e, assim, no século passado, esses eram os principais meios de sobrevivência da população. A erva-mate era produzida de forma artesanal e vendida para grandes armazéns ou para a cooperativa do município. Já a madeira, especialmente grandes pinheiros e imbuías, era, em sua maioria, retirada das terras e vendida para outros municípios ou exportada para outros países.

Esses foram os dois pilares econômicos de Canoinhas no final do século XIX e início do XX. Nessa época só se plantava o que era necessário para consumo da família. A agricultura se fortaleceu somente mais tarde, quando a erva-mate começou a entrar em crise, e a população da região teve que procurar alternativas para sua subsistência.

A erva-mate esteve sempre presente na economia e na sociedade canoinhense. Juntamente com a venda da erva-mate, que beneficiava a economia regional, se encontrava o hábito de se tomar o chimarrão. Por isso, Canoinhas começou a se identificar com o mate até se transformar na “Capital da Erva-Mate”.

Esse título, complementado com os demais símbolos construídos na cidade, sempre com a representação de uma cuia de chimarrão, fizeram transparecer uma identidade para o município de Canoinhas. Em qualquer lugar podia se perceber essa identificação: nas ruas, nos monumentos, nas festas, na bandeira, no hino municipal, tudo contribuía para reafirmar a importância da erva-mate para o município.

Isso pôde ser também percebido pelas das entrevistas com a população canoinhense e as reportagens de jornal da região. Os jornais pesquisados, Barriga Verde e Correio do Norte, traduzem uma postura da imprensa escrita local que, até meados de 1950, apresentava a erva-mate como a grande riqueza da região, impulsionadora do desenvolvimento de Canoinhas. O município era apontado até mesmo como a “vedete” de Santa Catarina, dadas as facilidades supostamente

encontradas com a produção da erva-mate. Os jornais apontavam que todos eram “ricos”, já que a natureza por si só proporcionava o que a população necessitava para ganhar dinheiro, não era preciso nem mesmo plantar. Muitos dos produtos agrícolas eram importados de outros estados, já que a principal atividade da região de Canoinhas era o extrativismo da erva-mate e da madeira.

As sucessivas crises que afetaram o comércio da erva-mate, porém, fizeram com que a população se obrigasse a investir em novos meios de subsistência, especialmente a agropecuária. A identificação do município de Canoinhas com a erva-mate, porém, permaneceu, especialmente no hábito de se tomar o chimarrão e nos símbolos criados relacionados com a produção do mate.

A partir de meados de 1980, já não se percebe mais, nos jornais pesquisados, tanta importância dada à erva-mate. Pelo contrário, pouco se escreve sobre sua produção, já que a economia passou a girar em torno dos gêneros agrícolas e da industrialização. Nota-se que a erva-mate ficou relegada a um segundo plano na economia, mas ainda aparece como um produto tradicional de Canoinhas. A atenção para a erva-mate já não está mais na riqueza por ela gerada, mas na tradição do seu consumo pela população.

É o que se percebe, também, nas entrevistas com a comunidade canoinhense. A memória social traz à tona a grande riqueza que a erva-mate já levou ao município de Canoinhas em contraste à sua participação na economia atual. Em cada entrevistado há memórias da época em que a erva-mate movimentava o comércio canoinhense, e de como a região foi se desenvolvendo baseado nesse setor econômico.

Notou-se, ainda, que a idéia de desenvolvimento que os sujeitos entrevistados manifestam está intrinsecamente ligada ao progresso econômico, ou seja, o desenvolvimento é avaliado muito mais pelo modo quantitativo (número de indústrias, lojas e habitantes, por exemplo) do que pelo qualitativo (como a renda desses estabelecimentos é distribuída). Este fato pode ser percebido pelo número de falas que identificaram o comércio da região, com todas as suas grandes redes de lojas, como indicador do desenvolvimento de Canoinhas.

A erva-mate, assim como nos jornais, foi citada pelos entrevistados como um símbolo de Canoinhas, mas que já não tem maior importância para a sua economia atual, apesar de ainda existirem indústrias de mate no município. Em suas falas, relatam que as erveiras existentes em abundância nas matas da região foram, em grande parte, desmatadas para dar lugar a outros gêneros alimentícios. Isso contribuiu para que a produção decaísse, já que a plantação de erva-mate é mais custosa e depende de maior mão-de-obra.

Outro fato interessante destacado pelos entrevistados é que o hábito de se tomar o chimarrão na região de Canoinhas não tem relação com nenhuma “herança” gaúcha e que esse costume surgiu devido à grande quantidade de erva-mate presente e, especialmente, por meio dos indígenas e do caboclo, que habitavam a região e faziam a uso dessa bebida; os traços do tradicionalismo gaúcho existentes em Canoinhas e região são recentes, frutos da leva de Centros de Tradição Gaúcha (CTG's), que se espalharam não só por Santa Catarina, mas por todo o Brasil.

Procurou-se, nesta dissertação, demonstrar que o processo histórico da produção de erva-mate se constituiu uma referência para a construção da memória social relacionada ao desenvolvimento do município de Canoinhas. A comunidade canoinhense mantém uma forte identificação com o mate por meio de seus costumes e da simbologia ainda presente na cidade, porém, as atividades que proporcionam maiores benefícios econômicos e sociais já são outras, como a agricultura, o comércio e a indústria.

Por fim, este trabalho teve a intenção de contribuir para as discussões acerca do desenvolvimento regional, haja vista que a problematização focada nas noções de memória social e construção identitária são pontos fundamentais para a reflexão sobre as transformações sócio-históricas e econômicas de uma região, como é o caso da produção de erva-mate no município de Canoinhas, em Santa Catarina.

## REFERÊNCIAS

AURAS, Marli. *Guerra do Contestado: a organização da irmandade cabocla*. 2 ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1995.

AVÉ-LALLEMANT, Robert. *1858, Viagem pelo Paraná*. Curitiba: Fundação Cultural, 1995.

BAPTISTA, M. T. D. S. As relações entre identidade, memória e pesquisa da história da psicologia. *Memorandum*, n. 4, p. 33-39, 2003.

BARRETO, Ângela Maria. *Memória e sociedade contemporânea: apontando tendências*. Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis, v. 12, n.2, p. 161-176, jul./dez., 2007.

BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 9 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

BOSI, Ecléa. *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BOSSLE, Ondina Pereira. *História da industrialização catarinense: das origens à integração no desenvolvimento brasileiro*. Florianópolis: CNI/FIESC, 1988.

CABRAL, Oswaldo Rodrigues. *A Campanha do Contestado*. Florianópolis: Lunardelli, 1979.

CABRAL, Oswaldo Rodrigues. *História de Santa Catarina*. Florianópolis: Lunardelli, 1994.

CÂMARA MUNICIPAL DE VEREADORES DE CANOINHAS. *Legislativo aberto à comunidade*. Canoinhas: Gráfica O Planalto, 2001.

CANOINHAS. Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Canoinhas>. Acesso em 05 mai 2009.

CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade: a era da informação: economia, sociedade e cultura*. v. 2. e 3 ed. Paz e Terra: São Paulo, 2002.

EHLKE, Cyro. *A conquista do planalto catarinense: bandeirantes e tropeiros do “sertão de Curitiba”*. Rio de Janeiro: Editora Laudes – UDESC, 1973.

EMBRAPA. *Sistemas de produção*. Disponível em: <<http://sistemasdeproducao.cnptia.embrapa.br>>. Acesso em 28 mai 2007.

FERRARA, Lucrecia D’Alessio. Cidade: imagem e imaginário. SOUZA, Célia Ferraz de; PESAVENTO, Sandra Jatahy (orgs.). *Imagens urbanas: os diversos olhares na formação do imaginário urbano*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1997.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Minidicionário da língua portuguesa*. 3ª. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

FLAUSINO, Márcia Coelho. A voz rouca das manchetes: como Veja mostrou os Sem-Terras em suas capas. In: COSTA, Cléria Botelho da; MACHADO, Maria Salete Kern (Orgs.) *Imaginário e história*. Brasília: Paralelo 15, 1999.

GONDAR, Jô; DODEBEI, Vera (Orgs.). *O que é memória social?* Rio de Janeiro, Contra Capa Livraria / Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2005.

GOULARTI FILHO, Alcides. *Formação econômica de Santa Catarina*. Florianópolis: Cidade Futura, 2002.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 10 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HAVENS, Eugene. *Problemas metodológicos no estudo do desenvolvimento*. Traduzido por Mario Riedl para uso exclusivo em aula. Publicado originalmente em Sociologia Ruralis, Vol. XII, n. 3/4, 1982, p. 252-257. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.

IANNI, Octávio. *A sociedade global*. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira S.A., 1993.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Quantidade produzida na extração vegetal por tipo de produto extrativo. Disponível em <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em 18 mai 2009.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Projeto Divisão Regional do Brasil em Mesorregiões e Microrregiões Geográficas. Diretoria de Geociências; Coordenação de Geografia, 2008.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Relatório Censo Demográfico. Canoinhas, 2007.

JORNAL BARRIGA VERDE. *1.a Festa Nacional do Chimarrão*. Canoinhas, ano XXVII, n. 1758, p. 01, 07 jun 1964.

JORNAL BARRIGA VERDE. *A erva mate canoinhense no esforço de guerra nacional*. Canoinhas, ano VII, n. 291, p. 01, 26 set 1943.

JORNAL BARRIGA VERDE. *A erva mate e a solução de seus problemas*. Canoinhas, ano III, n. 113, p. 01, 25 fev 1940.

JORNAL BARRIGA VERDE. *A indústria do mate*. Canoinhas, ano 2, n. 45, p. 01, 10 out 1938.

JORNAL BARRIGA VERDE. *Aspectos citadinos*. Canoinhas, ano 2, n. 56, p. 03, 01 jan 1939.

JORNAL BARRIGA VERDE. *Atualidade canoinhense*. Canoinhas, ano XXXI, n. 1965, p. 01, 21 jul 1968.

JORNAL BARRIGA VERDE. *Canoinhas, a capital da erva-mate*. Canoinhas, ano XXVII, n. 1761, p. 01, 27 jun 1964.

JORNAL BARRIGA VERDE. *Canoinhas, a grande esquecida...* Canoinhas, ano XIX, n. 1847, p. 01, 13 mar 1966.

JORNAL BARRIGA VERDE. *Canoinhas deve agir, para que a fabrica catarinense de mate solúvel seja instalada nesta cidade*. Canoinhas, ano XXIII, n. 1409, p. 01, 25 mai 1960.

JORNAL BARRIGA VERDE. *Canoinhas progride*. Canoinhas, ano 2, n. 42, p. 01, 19 set 1938.

JORNAL BARRIGA VERDE. *Canoinhas na década de 20*. Canoinhas, ano XXXVII, n. 2220, p. 01, 23 ago 1973.

JORNAL BARRIGA VERDE. *Cuidemos com amor da Erveira Mater, monumento da cidade!* Canoinhas, ano XXXIV, n. 2094, p. 01, 07 fev 1971.

JORNAL BARRIGA VERDE. *Erva-mate*. Canoinhas, ano XXX, n. 1879, p. 01, 30 out 1966.

JORNAL BARRIGA VERDE. *Erva mate, riqueza que volta a florescer*. Canoinhas, ano XVII, n. 811, p. 01, 13 dez 1953.

JORNAL BARRIGA VERDE. *Erveira Mater*. Canoinhas, ano XXIV, n. 1530, p. 01, 10-12 set 1961.

JORNAL BARRIGA VERDE. *Erveira Mater, monumento público*. Canoinhas, ano XXIV, n. 1480, p. 01, 08 mar 1961.

JORNAL BARRIGA VERDE. *Norte e oeste do Paraná absorvem as populações do planalto norte catarinense*. Canoinhas, ano XXIV, n. 1460, p. 01, 14 dez 1960.

JORNAL BARRIGA VERDE. *Novas possibilidades para a erva mate*. Canoinhas, ano IV, n. 158, p. 01, 02 fev 1941.

JORNAL BARRIGA VERDE. *O Brazão de Canoinhas*. Canoinhas, ano 18, n. 786, p. 01, 27 jun 1964.

JORNAL BARRIGA VERDE. *O moderno município de Canoinhas*. Canoinhas, ano I, n. 20, p. 02, 25 dez 1937.

JORNAL BARRIGA VERDE. *O município de Canoinhas e o seu notável progresso*. Canoinhas, ano III, n. 106, p. 03, 25 dez 1939.

JORNAL BARRIGA VERDE. *Perspectivas de um grande futuro para a erva-mate e para o município canoinhense*. Canoinhas, ano VI, n. 234, p. 02, 01 ago 1942.

JORNAL CORREIO DO NORTE. *1ª. Festa Nacional do Chimarrão*. Canoinhas, ano 18, n. 787, p. 01, 04 jul 1964.

JORNAL CORREIO DO NORTE. *A grande Canoinhas de hoje, maior amanhã*. Canoinhas, ano XXVI, n. 1205, p. 01, 23 dez 1972.

JORNAL CORREIO DO NORTE. *A industrialização da erva mate e o seu grande incentivador*. Canoinhas, ano XX, n. 891, p. 01, 13 ago 1966.

JORNAL CORREIO DO NORTE. *Alunos plantam flores e erva-mate*. Canoinhas, ano LIII, n. 2445, p. 13, 16 jun 2000.

JORNAL CORREIO DO NORTE. *Bôas perspectivas para o mate*. Canoinhas, ano 4, n. 139, p. 02, 05 ago 1950.

JORNAL CORREIO DO NORTE. *Cai exportação da Erva-Mate e Setor enfrenta a maior crise*. Canoinhas, ano XXXV, n. 1631, 01 ago 1981.

JORNAL CORREIO DO NORTE. *Canoinhas é a capital mundial do mate*. Canoinhas, ano XXVII, n. 1762, p. 01, 05 jul 1964.

JORNAL CORREIO DO NORTE. *Canoinhas estagnada*. Canoinhas, ano 19, n. 844, p. 01, 04 set 1965.

JORNAL CORREIO DO NORTE. *Canoinhas exige melhoramentos*. Canoinhas, ano XL, n. 1919, p. 01, 13 jun 1987.

JORNAL CORREIO DO NORTE. *Canoinhas na década de 20*. Canoinhas, ano XXVII, n. 2220, p. 01, 23 ago 1973.

JORNAL CORREIO DO NORTE. *Canoinhas vive hoje a Festa Estadual do Mate*. Canoinhas, ano XLI, n. 1987, p. 01, 29 out 1988.

JORNAL CORREIO DO NORTE. *Canoinhas vive prosperidade*. Canoinhas, ano LIV, n. 2520, p. 01, 18 jan 2002.

JORNAL CORREIO DO NORTE. *Cartaz da 2ª. Fesmate*. Canoinhas, ano XLII, n. 2027, p. 01, 09 set 1989.

JORNAL CORREIO DO NORTE. *Continua o fluxo de novas construções*. Canoinhas, ano XXVII, n. 1270, p. 01, 27 abr 1974.

JORNAL CORREIO DO NORTE. *Encontro discutiu problemas da erva-mate*. Canoinhas, ano XXXVII, n. 1774, p. 01, 30 jun 1984.

JORNAL CORREIO DO NORTE – Especial XIII Fesmate. *Festa Estadual da Erva-mate*. Canoinhas, ano 57, set 2004.

JORNAL CORREIO DO NORTE. *Explosão de desenvolvimento*. Canoinhas, ano XXVI, n. 1217, p. 01, 24 mar 1973.

JORNAL CORREIO DO NORTE. *Federação do mate preocupada com a falta do produto*. Canoinhas, ano XXXIII, n. 1556, p. 12, 02 fev 1980.

JORNAL CORREIO DO NORTE. *Festa da erva-mate?* Canoinhas, ano 57, n. 2651, p. 02, 10 set 2004.

JORNAL CORREIO DO NORTE. *Governo estuda o problema da exportação da erva-mate*. Canoinhas, ano XXXVI, n. 1686, p. 01, 04 set 1982.

JORNAL CORREIO DO NORTE. *Informações de utilidade*. Canoinhas, ano 8, n. 310, p. 01, 17 jul 1954.

JORNAL CORREIO DO NORTE. *Instalado o Conselho de Desenvolvimento de Canoinhas*. Canoinhas, ano XL, n. 1966, p. 01, 28 mai 1988.

JORNAL CORREIO DO NORTE. *O ano novo e o progresso de Canoinhas*. Canoinhas, ano 10, n. 382, p. 01, 31 dez 1955.

JORNAL CORREIO DO NORTE. *O trigo em Canoinhas*. Canoinhas, ano 7, n. 275, p. 03, 10 out 1953.

JORNAL CORREIO DO NORTE. *Quando Canoinhas será uma cidade limpa?* Canoinhas, ano XXXIV, n. 1584, p. 10, 16 ago 1980.

JORNAL CORREIO DO NORTE. *Trânsito e televisão... Problemas insolúveis em Canoinhas?* Canoinhas, ano XXXIV, n. 1584, p. 10, 16 ago 1980.

JORNAL CORREIO DO NORTE. *Turismóloga recupera canoa histórica*. Canoinhas, ano 58, n. 2693, p. 01, 15 jul 2005.



JORNAL CORREIO DO NORTE. *Uma nova cidade*. Canoinhas, ano XXXVI, n. 1688, p. 02, 25 set 1982.

JORNAL CORREIO DO NORTE. *Violência desenfreada em Canoinhas*. Canoinhas, ano XXXIX, n. 1909, p. 01, 04 abr 1987.

KESSEL, Zilda. *Memória e memória coletiva*. Disponível em <[www.museudapessoa.net/oquee/biblioteca/zilda\\_kessel\\_memoria\\_e\\_memoria\\_coletiva.pdf](http://www.museudapessoa.net/oquee/biblioteca/zilda_kessel_memoria_e_memoria_coletiva.pdf)>. Acesso em 20 jan 2008.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Tradução Bernardo Leitão [et all]. 5 ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

LIMA, Jandir Ferrera de. A gênese do ciclo da erva-mate: notas de interpretação econômica. In: ROCHA JR, Weimar Freire da; MILOCA, Léo Mathias (orgs.) *Sistema agroindustrial ervateiro: perspectivas e debates*. Cascavel: Coluna do Saber, 2007.

LINHARES, Temístocles. *História econômica do mate*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1969.

LIVRO TOMBO Nº 01 da Paróquia Santa Cruz, Igreja Matriz Cristo Rei de Canoinhas – SC, 1912-1950.

LUZ, Aujor Ávila da. *Os fanáticos: crimes e aberrações da religiosidade dos nossos caboclos*. 2 ed. rev. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1999.

MACHADO, Maria Salete Kern. O estrangeiro na cidade. In: COSTA, Cléria Botelho da; MACHADO, Maria Salete Kern (Orgs.) *Imaginário e história*. Brasília: Paralelo 15, 1999.

MACHADO, Paulo Pinheiro. Bugres, tropeiros e birivas: aspectos do povoamento do planalto serrano. In: BRANCHER, Ana; AREND, Silvia Maria Fávero (Orgs.). *História de Santa Catarina no século XIX*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2001.

MAPA DE SANTA CATARINA. Disponível em <http://www.guianet.com.br/sc/mapasc.htm>. Acesso em 22 ago 2004.

MARTINS, Marisângela. *Problematizando o imaginário: limites e potencialidades de um conceito em construção - O imaginário da militância comunista em Porto Alegre (1945-47)*. Labirinto. Revista Eletrônica do Centro de Estudos do Imaginário. Universidade Federal de Rondônia. Ano V nº 8 - Julho - Dezembro 2005. Disponível em <<http://www.cei.unir.br/artigo80.html>> Acesso em 03 jul 2008.

MAZUCHOWSKI, Jorge Zbigniew. *Manual da Erva-Mate*. Curitiba: Empresa Paranaense de Assistência Técnica e Extensão Rural, 1989.

MELO, Nilsa Teresinha de. *Santa e bela Catarina: estudos sociais*. São Paulo: FTD, 1991.

MESSENTIER, Leonardo Marques de. *Patrimônio urbano, construção da memória social e da cidadania*. Disponível em [http://www.artigocientifico.com.br/uploads/artc\\_1151515071\\_97.pdf](http://www.artigocientifico.com.br/uploads/artc_1151515071_97.pdf). Acesso em 15 jan 2008

MICRORREGIÃO CANOINHAS. Disponível em <http://www.citybrazil.com.br/sc/canoinhas/l1.php?micro=6>. Acesso em 05 mai 2009.

MILANI, Maria Luiza; SACHWEH, Maria da Salete; et all. Os imigrantes italianos em Rio do Pinho. In: RADIN, José Carlos; BENEDET, José Higinio; MILANI, Maria Luiza. *Facetas da colonização italiana: planalto e oeste catarinense*. Joaçaba: UNOESC, 2003.

MIRANDA, Nego; URBAN, Tereza. *Engenhos e barbaquá*. Curitiba: Posigraf, 1998.

MONTIEL, Edgar. A nova ordem simbólica: a diversidade cultural na era da globalização. In: SIDEKUM, Antônio (Org.). *Alteridade e multiculturalismo*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2003.

MONTEIRO, Duglas Teixeira. *Os errantes do novo século: um estudo sobre o surto milenarista do Contestado*. São Paulo: Duas Cidades, 1974.

OLIVEIRA, Márcio Luis Correa de. *Erva-mate: evolução e produção no sul do Brasil*. Canoinhas: UnC, 2005.

PASIN, Angel Enrique Carretero. *Lineamientos para una aproximación al imaginario social*. Imaginario, jun. 2006, vol.12, no.12, p.345-367.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias*. Revista Brasileira de História, vol. 27, n. 53, junho de 2007.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O imaginário da cidade: visões literárias do urbano – Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1999.

PIAZZA, Walter Fernando. *Santa Catarina: história da gente*. 5 ed. rev. e ampl. Florianópolis: Ed. Lunardelli, 2001.

PITTA, Danielle Perin Rocha. *Imaginário, cultura e comunicação*. Labirinto. Revista Eletrônica do Centro de Estudos do Imaginário. Universidade Federal de Rondônia. Ano IV nº 6 - Janeiro - Dezembro 2004. Disponível em <<http://www.cei.unir.br/artigo64.html>> Acesso em 03 jul 2008.

POLLAK, Michael. *Memória e identidade social*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

QUEIROZ, Maurício Vinhas de. *Messianismo e conflito social: a Guerra Sertaneja do Contestado, 1912-1916*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1981.

RIBAS JUNIOR, Salomão. *Retratos de Santa Catarina*. 2 ed. rev. e ampl. Florianópolis: Ed. do Autor, 1998.

RODYCZ, Wilson C. (org). *Colônia Lucena – Itaiópolis: crônica dos imigrantes poloneses*. Florianópolis: Braspol, 2002.

ROUSSO, Henry. A memória não é mais o que era. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta (Coords.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1998, p. 93-101.

SACHWEH, Maria da Salete. *Educação: dominação e liberdade na guerra santa do Contestado*. Florianópolis, IOESC, 2002.

SACHWEH, Maria da Salete. Relatório de pesquisa Funcitec/Universidade do Contestado. Canoinhas, 2003.

SECRETARIA MUNICIPAL DO DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO. *Categorias da indústria canoinhense, em porcentagem*. Canoinhas, 2002.

SECRETARIA MUNICIPAL DO DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO. *Fotografia do portal de entrada de Canoinhas*, 2008.

SECRETARIA MUNICIPAL DO DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO. *Cartaz da 16ª Fesmate*. Canoinhas, 2008.

SEIXAS, Jacy Alves. Percursos de memórias em terras de histórias: problemáticas atuais. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (orgs). *Memória e (re)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001.

SEMPRINI, Andrea. *Multiculturalismo*. Trad. Laureano Pelegrin. Bauru, SP: Edusc, 1999.

SEN, Amartya. *Desenvolvimento como liberdade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SILVA, Mozart Linhares da. *Educação, etnicidade e preconceito no Brasil*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2007.

SILVA, Mozart Linhares da. *Identidade cultural e alteridade: uma crítica ao essencialismo*. In: Fórum nacional de educação, 5., e seminário regional de educação básica, 8., 2005, Santa Cruz do Sul. Anais..., Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2005. v. 1. p. 01-10.

SILVA, Tomaz Tadeu da (Org). *Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

SILVA JUNIOR, Otoniel Fernandes da. *Por uma Geografia do Imaginário: percorrendo o labiríntico mundo do imaginário em uma perspectiva geográfica cultural*. Labirinto. Revista Eletrônica do Centro de Estudos do Imaginário. Universidade Federal de Rondônia. Ano I nº. 3 - Outubro - Dezembro 2001. Disponível em <<http://www.cei.unir.br/artigo31.html>> Acesso em 03 jul 2008.

SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. *A memória em questão: uma perspectiva histórico-cultural*. Educ. Soc., Campinas, v. 21, n. 71, 2000. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-73302000000200008&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302000000200008&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 03 fev 2008.

THOMÉ, Nilson. A insurreição xucra do Contestado. In: Governo do Estado de Santa Catarina; Fundação Catarinense de Cultura; Fundação Roberto Marinho. *Contestado*. Rio de Janeiro: Ed. Index, 1987.

THOMÉ, Nilson. *Ciclo da madeira; História da devastação da Floresta de Araucária e do desenvolvimento da indústria da madeira em Caçador e na Região do Contestado no século XX*. Caçador: Universal, 1995.

THOMÉ, Nilson. *Pioneirismo da imigração alemã, em Santa Catarina, na região do Contestado*. Caçador: UnC/Museu do Contestado, 2004.

THOMÉ, Nilson. *Sangue, suor e lágrimas no chão do Contestado*. Caçador: INCON Edições/UnC, 1992.

TOMPOROSKI, Alexandre Assis. “*O pessoal da Lumber!*”: Um estudo acerca dos trabalhadores da Southern Brazil Lumber and Colonization Company e sua atuação no planalto norte de Santa Catarina. 1910-1929. 2006. 207 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em História – Mestrado) Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

TORMEN, Maximino Jacinto. Economia ervateira brasileira. In: WINGE, Helga; FERREIRA, Alfredo Gui; et all. (orgs.). *Erva-mate: biologia e cultura no Cone Sul*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1995.

UNIVERSIDADE DO CONTESTADO. Disponível em <http://www.cni.unc.br/unc2009/institucional/>. Acesso em 01 jun 2009.

VARGAS, Christian. Os anjos decaídos: uma arqueologia do imaginário pós-utópico nas canções da Legião Urbana. In: COSTA, Cléria Botelho da; MACHADO, Maria Salete Kern (Orgs.) *Imaginário e história*. Brasília: Paralelo 15, 1999.

VOGT, Olgário Paulo; ECKERT, José Paulo. Erva-mate e chimarrão. In: VOGT, Olgário Paulo (org.). *Abrindo o baú de memórias: o museu de Venâncio Aires conta a história do município*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004.

YUNUS, Muhammad. *O banqueiro dos pobres*. São Paulo: Ed. Ática, 2002.

**ANEXOS**

**ANEXO A**  
**Fichas dos entrevistados**

Entrevista n°: 01

**A. Informações sobre a entrevista:**

1. Local: Cooperativa do Mate 2. Data: 20/10/08

3. Circunstâncias: \_\_\_\_\_

**B. Informações sobre o entrevistado:**

1. Nome: José João Klempous

2. Idade: 67 anos

3. Local de nascimento: Canoinhas

4. Tempo de moradia em Canoinhas: \_\_\_\_\_

5. Sexo: (X) M ( ) F

6. Escolaridade: ( ) outro: \_\_\_\_\_

1° grau ( ) completo (X) incompleto

2° grau ( ) completo ( ) incompleto

3° grau ( ) completo ( ) incompleto

7. Profissão/Atividade: Comerciante / Ex-prefeito de Canoinhas

8. O senhor(a) se considera descendente de qual das etnias abaixo:

(X) Polonesa

( ) Alemã

( ) Ucraniana

( ) Sírio-Libanesa

(X) Italiana

( ) Outra. Qual? \_\_\_\_\_

Entrevista n°: 02

**A. Informações sobre a entrevista:**

1. Local: Residência do entrevistado 2. Data: 20/10/08

3. Circunstâncias: \_\_\_\_\_

**B. Informações sobre o entrevistado:**

1. Nome: Michel Seleme

2. Idade: 80 anos

3. Local de nascimento: Canoinhas

4. Tempo de moradia em Canoinhas: \_\_\_\_\_

5. Sexo: (X) M ( ) F

6. Escolaridade: ( ) outro: \_\_\_\_\_

1° grau (X) completo ( ) incompleto

2° grau ( ) completo ( ) incompleto

3° grau ( ) completo ( ) incompleto

7. Profissão/Atividade: Industrial / Comerciante

8. O senhor(a) se considera descendente de qual das etnias abaixo:

( ) Polonesa

( ) Alemã

( ) Ucraniana

(X) Sírio-Libanesa

( ) Italiana

( ) Outra. Qual? \_\_\_\_\_



Entrevista n°: 03

**A. Informações sobre a entrevista:**

1. Local: Ervateira Dranka 2. Data: 20/10/2008

3. Circunstâncias: \_\_\_\_\_

**B. Informações sobre o entrevistado:**

1. Nome: Luis Mário Dranka

2. Idade: 30 anos

3. Local de nascimento: Canoinhas

4. Tempo de moradia em Canoinhas: \_\_\_\_\_

5. Sexo: (X) M ( ) F

6. Escolaridade: ( ) outro: \_\_\_\_\_

1° grau ( ) completo ( ) incompleto

2° grau ( ) completo ( ) incompleto

3° grau ( ) completo (X) incompleto

7. Profissão/Atividade: Industrial

8. O senhor(a) se considera descendente de qual das etnias abaixo:

(X) Polonesa

( ) Alemã

( ) Ucraniana

( ) Sírio-Libanesa

( ) Italiana

( ) Outra. Qual? \_\_\_\_\_

Entrevista n°: 04

**A. Informações sobre a entrevista:**

1. Local: Residência do entrevistado 2. Data: 21/10/08

3. Circunstâncias: \_\_\_\_\_

**B. Informações sobre o entrevistado:**

1. Nome: Cilas Lourival Ziemann

2. Idade: 73 anos

3. Local de nascimento: Canoinhas – morou 15 anos fora

4. Tempo de moradia em Canoinhas: \_\_\_\_\_

5. Sexo: (X) M ( ) F

6. Escolaridade: ( ) outro: \_\_\_\_\_

1° grau ( ) completo ( ) incompleto

2° grau ( ) completo ( ) incompleto

3° grau (X) completo ( ) incompleto (Formado em Geografia, Administração e Direito)

7. Profissão/Atividade: Consultor de empresas / Bancário aposentado

8. O senhor(a) se considera descendente de qual das etnias abaixo:

( ) Polonesa

(X) Alemã

( ) Ucraniana

( ) Sírio-Libanesa

( ) Italiana

( ) Outra. Qual? \_\_\_\_\_

Entrevista n°: 05

**A. Informações sobre a entrevista:**

1. Local: Ervateira Baldo 2. Data: 21/10/08

3. Circunstâncias: \_\_\_\_\_

**B. Informações sobre o entrevistado:**

1. Nome: Paulo David Baldo

2. Idade: 57 anos

3. Local de nascimento: Vespasiano Correa / RS

4. Tempo de moradia em Canoinhas: 20 anos

5. Sexo: (X) M ( ) F

6. Escolaridade: ( ) outro: \_\_\_\_\_

1° grau ( ) completo ( ) incompleto

2° grau ( ) completo ( ) incompleto

3° grau (X) completo ( ) incompleto

7. Profissão/Atividade: Industrial

8. O senhor(a) se considera descendente de qual das etnias abaixo:

( ) Polonesa

( ) Alemã

( ) Ucraniana

( ) Sírio-Libanesa

(X) Italiana

( ) Outra. Qual? \_\_\_\_\_

Entrevista n°: 06

**A. Informações sobre a entrevista:**

1. Local: Residência do entrevistado 2. Data: 21/10/08

3. Circunstâncias: \_\_\_\_\_

**B. Informações sobre o entrevistado:**

1. Nome: Aloysio Soares de Carvalho

2. Idade: 80 anos

3. Local de nascimento: Canoinhas

4. Tempo de moradia em Canoinhas: \_\_\_\_\_

5. Sexo: (X) M ( ) F

6. Escolaridade: ( ) outro: \_\_\_\_\_

1° grau ( ) completo ( ) incompleto

2° grau ( ) completo (X) incompleto

3° grau ( ) completo ( ) incompleto

7. Profissão/Atividade: Escriturário / Bancário aposentado

8. O senhor(a) se considera descendente de qual das etnias abaixo:

( ) Polonesa

(X) Alemã.

( ) Ucraniana

( ) Sírio-Libanesa

( ) Italiana

(X) Outra. Qual? Francesa, Inglesa, Holandesa, Portuguesa, Índio

Entrevista n°: 07

**A. Informações sobre a entrevista:**

1. Local: Residência do entrevistado 2. Data: 22/10/08

3. Circunstâncias: \_\_\_\_\_

**B. Informações sobre o entrevistado:**

1. Nome: Acácio Pereira

2. Idade: 82 anos

3. Local de nascimento: Bela Vista do Toldo (na época pertencia à Canoinhas)

4. Tempo de moradia em Canoinhas: \_\_\_\_\_

5. Sexo: (X) M ( ) F

6. Escolaridade: ( ) outro: \_\_\_\_\_

1° grau ( ) completo ( ) incompleto

2° grau ( ) completo ( ) incompleto

3° grau (X) completo ( ) incompleto

7. Profissão/Atividade: Contador / Economista aposentado

8. O senhor(a) se considera descendente de qual das etnias abaixo:

( ) Polonesa

(X) Alemã

( ) Ucraniana

( ) Sírio-Libanesa

( ) Italiana

( ) Outra. Qual? \_\_\_\_\_

Entrevista n.º: 08

**A. Informações sobre a entrevista:**

1. Local: Indústria Canoinhense de Chá Mate 2. Data: 22/10/08

3. Circunstâncias: \_\_\_\_\_

**B. Informações sobre o entrevistado:**

1. Nome: Alenir Pereira

2. Idade: 67 anos

3. Local de nascimento: Canoinhas

4. Tempo de moradia em Canoinhas: \_\_\_\_\_

5. Sexo: (X) M ( ) F

6. Escolaridade: ( ) outro: \_\_\_\_\_

1º grau ( ) completo (X) incompleto

2º grau ( ) completo ( ) incompleto

3º grau ( ) completo ( ) incompleto

7. Profissão/Atividade: Industrial aposentado

8. O senhor(a) se considera descendente de qual das etnias abaixo:

( ) Polonesa

( ) Alemã

( ) Ucraniana

( ) Sírio-Libanesa

( ) Italiana

(X) Outra. Qual? Portuguesa

Entrevista n°: 09

**A. Informações sobre a entrevista:**

1. Local: Ervateira Seleme 2. Data: 22/10/08

3. Circunstâncias: \_\_\_\_\_

**B. Informações sobre o entrevistado:**

1. Nome: Wilson Seleme

2. Idade: 67 anos

3. Local de nascimento: Canoinhas

4. Tempo de moradia em Canoinhas: \_\_\_\_\_

5. Sexo: (X) M ( ) F

6. Escolaridade: ( ) outro: \_\_\_\_\_

1° grau ( ) completo ( ) incompleto

2° grau ( ) completo ( ) incompleto

3° grau (X) completo ( ) incompleto

7. Profissão/Atividade: Industrial

8. O senhor(a) se considera descendente de qual das etnias abaixo:

( ) Polonesa

(X) Alemã

( ) Ucraniana

(X) Sírio-Libanesa

( ) Italiana

( ) Outra. Qual? \_\_\_\_\_

Entrevista n°: 10

**A. Informações sobre a entrevista:**

1. Local: Residência do entrevistado 2. Data: 23/10/08

3. Circunstâncias: \_\_\_\_\_

**B. Informações sobre o entrevistado:**

1. Nome: Kaissar Sakr

2. Idade: 85 anos

3. Local de nascimento: Líbano

4. Tempo de moradia em Canoinhas: 57 anos

5. Sexo: (X) M ( ) F

6. Escolaridade: ( ) outro: \_\_\_\_\_

1° grau ( ) completo (X) incompleto

2° grau ( ) completo ( ) incompleto

3° grau ( ) completo ( ) incompleto

7. Profissão/Atividade: Comerciante aposentado

8. O senhor(a) se considera descendente de qual das etnias abaixo:

( ) Polonesa

( ) Alemã

( ) Ucraniana

(X) Sírio-Libanesa

( ) Italiana

( ) Outra. Qual? \_\_\_\_\_



Entrevista n°: 11

**A. Informações sobre a entrevista:**

1. Local: Residência do entrevistado 2. Data: 23/10/08

3. Circunstâncias: \_\_\_\_\_

**B. Informações sobre o entrevistado:**

1. Nome: Cecy S. Allage

2. Idade: 79 anos

3. Local de nascimento: Canoinhas

4. Tempo de moradia em Canoinhas: \_\_\_\_\_

5. Sexo: ( ) M (X) F

6. Escolaridade: ( ) outro: \_\_\_\_\_

1° grau ( ) completo ( ) incompleto

2° grau ( ) completo ( ) incompleto

3° grau (X) completo ( ) incompleto

7. Profissão/Atividade: Administradora aposentada (farmácia)

8. O senhor(a) se considera descendente de qual das etnias abaixo:

( ) Polonesa

(X) Alemã

( ) Ucraniana

( ) Sírio-Libanesa

( ) Italiana

( ) Outra. Qual? \_\_\_\_\_

Entrevista n°: 12

**A. Informações sobre a entrevista:**

1. Local: Sindicato dos Trabalhadores Rurais 2. Data: 24/10/08

3. Circunstâncias: \_\_\_\_\_

**B. Informações sobre o entrevistado:**

1. Nome: Edmar Gonçalves Padilha

2. Idade: 62 anos

3. Local de nascimento: Canoinhas

4. Tempo de moradia em Canoinhas: \_\_\_\_\_

5. Sexo: (X) M ( ) F

6. Escolaridade: ( ) outro: \_\_\_\_\_

1° grau ( ) completo (X) incompleto

2° grau ( ) completo ( ) incompleto

3° grau ( ) completo ( ) incompleto

7. Profissão/Atividade: Agricultor / Presidente do Sindicatos dos Trabalhadores Rurais de Canoinhas

8. O senhor(a) se considera descendente de qual das etnias abaixo:

( ) Polonesa

(X) Alemã

( ) Ucraniana

( ) Sírio-Libanesa

( ) Italiana

( ) Outra. Qual? \_\_\_\_\_

Entrevista n°: 13

**A. Informações sobre a entrevista:**

1. Local: Residência do entrevistado 2. Data: 22/10/08

3. Circunstâncias: \_\_\_\_\_

**B. Informações sobre o entrevistado:**

1. Nome: Henrique Krzesinski

2. Idade: 70 anos

3. Local de nascimento: Canoinhas

4. Tempo de moradia em Canoinhas: \_\_\_\_\_

5. Sexo: (X) M ( ) F

6. Escolaridade: ( ) outro: \_\_\_\_\_

1° grau ( ) completo (X) incompleto

2° grau ( ) completo ( ) incompleto

3° grau ( ) completo ( ) incompleto

7. Profissão/Atividade: Vendedor aposentado / Ex-vereador de Canoinhas

8. O senhor(a) se considera descendente de qual das etnias abaixo:

(X) Polonesa

( ) Alemã

( ) Ucraniana

( ) Sírio-Libanesa

( ) Italiana

( ) Outra. Qual? \_\_\_\_\_

**ANEXO B**  
**Roteiro das entrevistas**

## ROTEIRO PARA ENTREVISTAS

- Quando se fala em economia regional, qual o produto que o senhor(a) relaciona a Canoinhas?
- O senhor(a) percebe alguma relação entre a cultura da erva-mate e o desenvolvimento de Canoinhas? Por quê?
- O senhor associa o desenvolvimento de Canoinhas a alguma etnia em especial?
- Como o comércio da erva-mate influenciava a vida da população canoinhense das décadas passadas? (venda, transporte, famílias que se destacavam, quem fazia o corte, origem das pessoas (compradores, peões e produtores)
- Na sua opinião, o título de Capital da Erva-Mate representou ou ainda representa o município de Canoinhas? Por quê?
- Na sua opinião, qual o principal símbolo de Canoinhas hoje?
- Como o senhor(a) avalia a FESMATE atualmente, comparada às realizadas no passado?
- O senhor lembra de outras festividades que davam enfoque ao desenvolvimento? Que produtos se destacavam?
- Como o senhor(a) avalia a situação sócio-econômica de Canoinhas hoje comparada a décadas anteriores?
- Na sua opinião, qual a importância de Canoinhas para a região norte de Santa Catarina?
- Como o senhor(a) avalia a presença da cultura gaúcha em Canoinhas?
- O senhor(a) participa de alguma atividade relacionada a cultura gaúcha?

**ANEXO C**  
**Autorização dos entrevistados**

## AUTORIZAÇÃO

Eu, MICHEL SELEMÉ, morador de Canoinhas - SC, autorizo a mestranda Scheila Karina Bockor Bartmann a publicar a entrevista por mim concedida para sua dissertação, bem como em outras pesquisas desenvolvidas pela mesma e que tenham o mesmo fim, tais como livros, revistas, seminários, congressos e similares.

Canoinhas, 20 de outubro de 2008.

  
Assinatura

## AUTORIZAÇÃO

Eu, LUIS MÁRIO DRANKA, morador de Canoinhas - SC, autorizo a mestrande Scheila Karina Bockor Bartmann a publicar a entrevista por mim concedida para sua dissertação, bem como em outras pesquisas desenvolvidas pela mesma e que tenham o mesmo fim, tais como livros, revistas, seminários, congressos e similares.

Canoinhas, 20 de outubro de 2008.



Assinatura

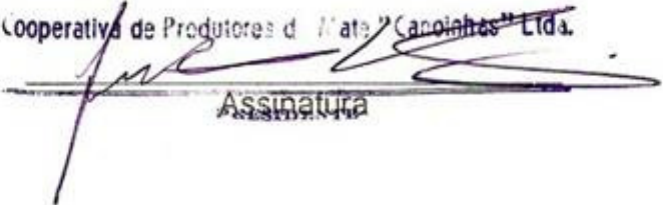


## AUTORIZAÇÃO

Eu, JOSÉ JOÃO KLEMPOUS, morador de Canoinhas - SC, autorizo a mestrande Scheila Karina Bockor Bartmann a publicar a entrevista por mim concedida para sua dissertação, bem como em outras pesquisas desenvolvidas pela mesma e que tenham o mesmo fim, tais como livros, revistas, seminários, congressos e similares.

Canoinhas, 21 de outubro de 2008.

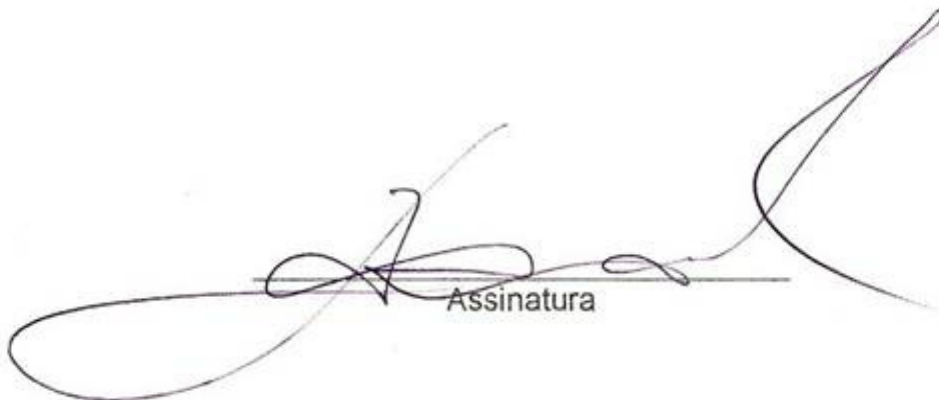
Cooperativa de Produtores de Leite "Canoinhas" Ltda.

  
Assinatura

## AUTORIZAÇÃO

Eu, ALOYSIO SOARES DE CARVALHO morador de Canoinhas - SC, autorizo a mestranda Scheila Karina Bockor Bartmann a publicar a entrevista por mim concedida para sua dissertação, bem como em outras pesquisas desenvolvidas pela mesma e que tenham o mesmo fim, tais como livros, revistas, seminários, congressos e similares.

Canoinhas, 21 de outubro de 2008.



Assinatura

## AUTORIZAÇÃO

Eu, CILAS LOURIVAL ZIEMANN, morador de Canoinhas - SC, autorizo a mestrande Scheila Karina Bockor Bartmann a publicar a entrevista por mim concedida para sua dissertação, bem como em outras pesquisas desenvolvidas pela mesma e que tenham o mesmo fim, tais como livros, revistas, seminários, congressos e similares.

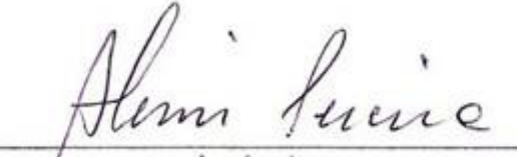
Canoinhas, 21 de outubro de 2008.

  
Assinatura

## AUTORIZAÇÃO

Eu, ALENIR PEREIRA, morador de Canoinhas - SC, autorizo a mestranda Scheila Karina Bockor Bartmann a publicar a entrevista por mim concedida para sua dissertação, bem como em outras pesquisas desenvolvidas pela mesma e que tenham o mesmo fim, tais como livros, revistas, seminários, congressos e similares.

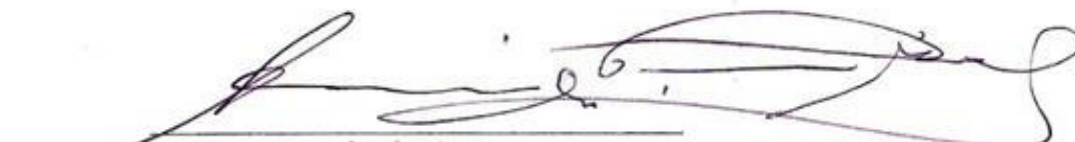
Canoinhas, 22 de outubro de 2008.

  
Assinatura

## AUTORIZAÇÃO

Eu, ACÁCIO PEREIRA, morador de Canoinhas - SC, autorizo a mestrande Scheila Karina Bockor Bartmann a publicar a entrevista por mim concedida para sua dissertação, bem como em outras pesquisas desenvolvidas pela mesma e que tenham o mesmo fim, tais como livros, revistas, seminários, congressos e similares.

Canoinhas, 23 de outubro de 2008.




Assinatura

## AUTORIZAÇÃO

Eu, KAISSAR SAKR, morador de Canoinhas - SC, autorizo a mestrande Scheila Karina Bockor Bartmann a publicar a entrevista por mim concedida para sua dissertação, bem como em outras pesquisas desenvolvidas pela mesma e que tenham o mesmo fim, tais como livros, revistas, seminários, congressos e similares.

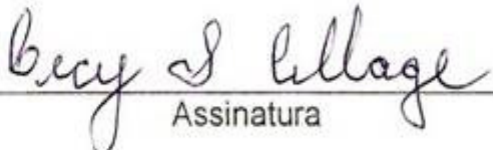
Canoinhas, 23 de outubro de 2008.

  
Assinatura

## AUTORIZAÇÃO

Eu, CECY S. ALLAGE, morador de Canoinhas - SC, autorizo a mestranda Scheila Karina Bockor Bartmann a publicar a entrevista por mim concedida para sua dissertação, bem como em outras pesquisas desenvolvidas pela mesma e que tenham o mesmo fim, tais como livros, revistas, seminários, congressos e similares.


Canoinhas, 23 de outubro de 2008.

  
Assinatura

## AUTORIZAÇÃO

Eu, EDMAR G. PADILHA, morador de Canoinhas - SC, autorizo a mestranda Scheila Karina Bockor Bartmann a publicar a entrevista por mim concedida para sua dissertação, bem como em outras pesquisas desenvolvidas pela mesma e que tenham o mesmo fim, tais como livros, revistas, seminários, congressos e similares.

Canoinhas, 24 de outubro de 2008.

  
Assinatura



## AUTORIZAÇÃO

Eu, WILSON SELEMÉ, morador de Canoinhas - SC, autorizo a mestranda Scheila Karina Bockor Bartmann a publicar a entrevista por mim concedida para sua dissertação, bem como em outras pesquisas desenvolvidas pela mesma e que tenham o mesmo fim, tais como livros, revistas, seminários, congressos e similares.

Canoinhas, 24 de outubro de 2008.



Assinatura

## AUTORIZAÇÃO

Eu, HENRIQUE KRZESINSKI, morador de Canoinhas - SC, autorizo a mestranda Scheila Karina Bockor Bartmann a publicar a entrevista por mim concedida para sua dissertação, bem como em outras pesquisas desenvolvidas pela mesma e que tenham o mesmo fim, tais como livros, revistas, seminários, congressos e similares.

Canoinhas, 24 de outubro de 2008.

  
Assinatura